

**UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL**  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA



**KEILA CINARA TOMÉ BARROS**

**As percepções sobre o ambiente na Comunidade Indígena  
Malacacheta: realidade e perspectivas diante da presença  
dos não-indígenas.**

Canoas  
2010

**KEILA CINARA TOMÉ BARROS**



**As percepções sobre o ambiente na Comunidade Indígena  
Malacacheta: realidade e perspectivas diante da presença  
dos não-indígenas.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, para obtenção do título de mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

**ORIENTADOR: EDSON ROBERTO OAIGEN**

Canoas  
2010

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA  
A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO**

**AS PERCEPÇÕES SOBRE O AMBIENTE NA COMUNIDADE INDÍGENA  
MALACACHETA: REALIDADE E PERSPECTIVAS DIANTE DA PRESENÇA DOS  
NÃO-INDÍGENAS.**

**Keila Cínara Tomé Barros**

**COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
MESTRE NO ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

---

**Prof. Dr. Edson Roberto Oaigen**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Jair Putzke**

---

**Prof. Dr. José Vicente Lima Robaina**

---

**Profa. Dra. Marlise Geller**

**CANOAS - RS  
2010**

*Dedico esse trabalho ao meu companheiro Júlio César Nogueira, pessoa que muito admiro pela forma como conduz a vida, mostrando sempre que é possível vencer quando se acredita.*

*À minha mãe Maria Auxiliadora Tomé Silva, por sempre estar do meu lado, sendo a mulher mais importante na minha vida.*

*Aos meus filhos Luíz, Larissa e Lorena, pela compreensão da ausência em momentos importantes de suas vidas.*

*E por fim, a todas as demais pessoas da minha família que tanto amo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço:

ao meu orientador, Prof. Dr. Edson Roberto Oaigen por toda a paciência e sabedoria, aspectos fundamentais que me possibilitaram desenvolver essa pesquisa. A sua preocupação e dedicação me fizeram entender o quanto o apoio é importante no crescimento pessoal e profissional de cada um;

aos amigos que ganhei ao iniciar esse curso: Maria Luíza Coelho de Souza, Sônia Brandão, Everaldo Sarmiento, Manoel Batista Souza Júnior, Ismail Cortês, dentre outros, que muito me ajudaram e demonstraram imenso carinho pela minha pessoa;

à amiga de sempre, Cynthia Tribuzy Pereira de Mello pelo companheirismo durante toda essa caminhada;

a todos os professores do PPGECIM, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Edson Roberto Oaigen que foi quem colocou na minha mão o bastão para que eu possa seguir em frente;

à Comunidade Indígena Malacacheta: pela permissão e confiança depositada, destacando as pessoas do senhor Simião Messias, Coordenador dos Tuxauas da Região da Serra da Lua, sua esposa senhora Maria Inês Mota Rodrigues e seus filhos Roberlândio Rodrigues Messias e Erlangio Messias (Tuxaua da referida comunidade);

a todos os colegas com os quais trabalho na Secretaria de Municipal de Educação, em especial a equipe que me deu apoio em todos os momentos em que precisei, e,

à Deus, por ter permitido vencer mais essa etapa da minha vida.

## RESUMO

A pesquisa realizada no período de 2009-2010, abordou a análise das percepções dos membros da Comunidade Indígena Malacacheta em Boa Vista, Roraima. O entorno geográfico desta comunidade mostra acentuada presença de não-indígenas que desenvolveram inúmeras atividades produtivas. É uma região basicamente de produção agropastoril, e, também caracterizada pela interação permanente dos indígenas e não-indígenas. Neste aspecto residiu o foco da investigação, ou seja, aliar a percepção sobre o ambiente manifestada pelos indígenas e a intervenção da cultura dos não-indígenas na referida Comunidade. A pesquisa valeu-se da abordagem qualitativa, baseada na interpretação de falas, relatos e imagens colhidas durante a trajetória investigativa. O método Hermenêutico foi a base do processo, aliado ao método analítico descritivo e comparativo. Como técnica para análise dos dados utilizou-se da Análise de Conteúdos, da análise das anotações no Diário de Campo, interpretação de imagem e a comparação entre as percepções dos indígenas com as dos não-indígenas. É importante destacar que os dados constados na matriz analítica sobre a bibliografia existente e referente a Comunidade Indígena Malacacheta enriqueceu a análise dos dados. Os resultados preliminares mostram que há uma acentuada presença de culturas oriundas dos não-indígenas dentro da Comunidade. Isto se manifesta nas construções, uso de materiais, artesanato, formas de uso nas culturas, na bibliografia usada nas escolas e, acima de tudo, nas vestimentas e hábitos adquiridos com as imagens televisiva e similar. Aliada a tudo isso ainda se encontram hábitos da cultura típica presente no trato com as questões ambientais, tais como: destino dos resíduos sólidos, dos efluentes, das questões oriundas do uso das matas; sua preservação e recuperação. Também merece destaque o uso da biodiversidade na alimentação, na fabricação de medicamentos e no artesanato tradicional da Comunidade.

**Palavras-Chave:** ambiente; percepção; comunidade indígena; não-indígena

## **ABSTRACT**

The research addressed in 2009 and 2010, the analysis of the perceptions of Malacacheta Indigenous Community in Boa Vista, Roraima. The surroundings of this community show a strong geographic presence of non-Indians who have developed many productive activities. It is basically a region of agropastoral production, and also characterized by continuous indigenous and non-indigenous interaction. Resided in this aspect the focus of the research, is to combine the perception of the environment expressed by the indigenous culture and the population in the Community. The survey drew on the qualitative approach, based on the interpretation of speeches, reports and pictures taken during the investigative path. The hermeneutic method was the basis of the process, coupled with comparative and descriptive analytical method. As a technique for data analysis, the review of contents, analysis of annotations in Diary, image interpretation and comparison between the perceptions of indigenous with non-indigenous. Population is important to note that the details provided in the analytical matrix on existing literature and Malacacheta Indigenous Community did in dead enriched data analysis. Preliminary results shows' a strong presence in the Community of cultures derived from non-Indians. This is manifested in the construction, of the used materials and craftsmanship, ways of usage of crops used in the literature at schools and, above all, in habits learned from television images and similar situations. Allied to all this are still present habits of the typical culture in dealing with environmental issues such as: destination of solid wastes, effluents, the issues arising from the preservation and recovery of forests, Also it was highlighted the use of biodiversity in food, in the manufacture of medicin and in traditional Community crafts.

**Keywords:** environment, perception, indigenous community, non-indigenous

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Estado de Roraima com a demarcação das reservas indígenas.....	15
Figura 2 - Mapa de localização da Comunidade de Malacacheta.....	16
Figura 3 - Localização da Sede da Comunidade Malacheta .....	37
Figura 4 - Design da Pesquisa .....	59
Figura 5 - Matriz Analítica ICD 01/09.....	62
Figura 6 - Matriz Analítica das entrevistas sobre conhecimentos e percepções dos entrevistados.....	74
Figura 7 - Matriz Analítica das entrevistas sobre conhecimentos e percepções dos entrevistados.....	83
Figura 8 - Estrutura de casa familiar/Residências e utensílios: panela, fogão a lenha feito com barro e moradias .....	84
Figura 9 - Moradia / área externa .....	85
Figura 10 - Escola indígena .....	85
Figura 11 - Buraco para o lixo .....	88
Figura 12 - Remédios caseiros em embalagens de vidro .....	90
Figura 13 - Panelas e utensílios de barro.....	92
Figura 14 – Adornos.....	93
Figura 15 – Cesto de palha.....	94
Figura 16 - Indígena com adornos e uso de roupas confeccionadas por não-indígenas.....	94
Figura 17 - Queimada em área de preservação permanente denominada de buritizal alterando o ciclo das águas.....	95
Figura 18 - Queimada em lavrado .....	97
Figura 19 - Queimada em cerrado nativo .....	97
Figura 20 - Unidade familiar – maloca .....	98
Figura 21 - Unidade familiar em construção .....	99
Figura 22 - Plantação / roça macaxeira .....	100
Figura 23 - Área desmatada e com construção de casa .....	101
Figura 24 - Preparativos para Dança do Parichara, na Festa da Damurida na Comunidade Indígena Malacacheta.....	102
Figura 25 - Entrada no Salão Principal da Sede da Comunidade Indígena Malacacheta, para iniciação da Dança do Parichara na Festa da Damurida.....	103
Figura 26 - Dança do Parichara na Festa da Damurida realizada na Sede da Comunidade Indígena Malacacheta.....	104
Figura 27 - Unidade familiar com parte da parede construída em alvenaria e parte da cobertura com telha brasilite. ....	105

## SUMÁRIO

<b>1 A NATUREZA E A CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO INVESTIGADO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Contextualização do Tema .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 Problema de Pesquisa .....</b>	<b>19</b>
<b>1.3 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>19</b>
<b>1.4 Objetivos.....</b>	<b>21</b>
<b>1.4.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>21</b>
<b>1.4.2 Objetivos Específicos .....</b>	<b>21</b>
<b>2 MARCO TEÓRICO .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 REVISANDO CONCEITOS SOBRE AMBIENTE .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 POPULAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL.....</b>	<b>28</b>
<b>2.3 Histórico das Comunidades Indígenas Em Roraima.....</b>	<b>33</b>
<b>2.4 A Comunidade Malacacheta.....</b>	<b>35</b>
<b>2.5 O Ambiente na Comunidade Malacacheta: preservação, uso e recuperação .</b>	<b>38</b>
<b>2.6 Os costumes na Comunidade Malacacheta.....</b>	<b>40</b>
<b>2.7 A dimensão cultural na Comunidade Malacacheta .....</b>	<b>41</b>
<b>2.8 A presença do não-indígena na Comunidade Indígena Malacacheta: a influência na cultura .....</b>	<b>44</b>
<b>2.9 Os hábitos na Comunidade Indígena Malacacheta .....</b>	<b>46</b>
<b>2.10 A produção primária e a comercialização.....</b>	<b>46</b>
<b>2.11 Resíduos e efluentes na Comunidade Indígena Malacacheta.....</b>	<b>48</b>
<b>2.12 O Uso dos Recursos Naturais na Comunidade Indígena Malacacheta: Alimentação e Medicina.....</b>	<b>49</b>
<b>2.13 A Sensibilização E Conscientização: Determinantes Das Percepções Humanas .....</b>	<b>51</b>
<b>3 MARCO METODOLÓGICO .....</b>	<b>54</b>
<b>3.1 Tipo e Caracterização da Pesquisa .....</b>	<b>54</b>
<b>3.2 Delineamento da Pesquisa .....</b>	<b>56</b>

<b>3.3 População Alvo e Amostra .....</b>	<b>56</b>
<b>3.4 Descrição e Caracterização dos Instrumentos de Coleta de Dados – ICD.....</b>	<b>57</b>
<b>3.4.1 Instrumento de Coleta de Dados 01/09 – Matriz Analítica dos registros bibliográficos existentes sobre a Comunidade Indígena Malacacheta .....</b>	<b>57</b>
<b>3.4.2 Instrumento de Coleta de Dados 02/09 – Entrevista .....</b>	<b>57</b>
<b>3.4.3 Fotos e Filmagens .....</b>	<b>57</b>
<b>3.5 Design da Pesquisa.....</b>	<b>58</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS EM RELAÇÃO AOS INDICADORES SELECIONADOS.....</b>	<b>60</b>
<b>4.1 ICD 01/09- MATRIZ ANALÍTICA DOS REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS EXISTENTES SOBRE A COMUNIDADE INDÍGENA MALACACHETA DE ETNIA WAPICHANA.....</b>	<b>60</b>
<b>4.2 Instrumento de Coleta de Dados 02/09: Entrevistas com Indígenas .....</b>	<b>67</b>
<b>4.2.1 Matriz Analítica com base nas entrevistas realizadas com indígenas. ....</b>	<b>68</b>
<b>4.2.2 Matriz Analítica com base nas entrevistas realizadas com não-indígenas. ...</b>	<b>82</b>
<b>4.3 Releitura de Imagens da Área Indígena Malacacheta.....</b>	<b>84</b>
<b>4.3.1 Interpretação da figura 8 e 9 - Estrutura de casa familiar/Residências e utensílios: panela, fogão a lenha feito com barro e moradias. ....</b>	<b>84</b>
<b>4.3.2 Interpretação da figura 10 - Escola Indígena. ....</b>	<b>85</b>
<b>4.3.3 Interpretação da figura 11: buraco para lixo.....</b>	<b>88</b>
<b>4.3.4 Interpretação da figura 12: Remédios caseiros em embalagens de vidro. ...</b>	<b>89</b>
<b>4.3.5 Interpretação das figuras 13, 14 e 15: artesanato e índias: cerâmica, adornos e cesto de palhas. ....</b>	<b>92</b>
<b>4.3.6 Interpretação da figura 17: Queimada em buritizal/igarapé.....</b>	<b>95</b>
<b>4.3.7 Interpretação das figuras 18 e 19: Queimada em lavrado e em mata nativa. ...</b>	<b>96</b>
<b>4.3.8 Interpretação das figuras 20 e 21: Identificação de unidade familiar – Maloca. ....</b>	<b>98</b>
<b>4.3.9 Interpretação da figura 22: Unidade familiar com plantação de macaxeira/roça. ....</b>	<b>99</b>
<b>4.3.10 Interpretação da figura 23: Área desmatada, com construção de casa e preparação para queimada e plantação de roça. ....</b>	<b>101</b>
<b>4.3.11 Interpretação das figuras 24, 25 e 26: Sede da Comunidade Indígena – Festa da Damurida: Dança do Parichara.....</b>	<b>102</b>
<b>4.3.12 Interpretação da figura 27: Unidade familiar com parte da parede construída em alvenaria e parte da cobertura com telha brasilite – Influência dos não-indígenas.....</b>	<b>104</b>
<b>RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>115</b>

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema, *As percepções sobre o ambiente na Comunidade Indígena Malacacheta: realidade e perspectivas diante da presença dos não indígenas*, deu-se a partir de uma análise prévia bastante cautelosa, na tentativa de entender qual a visão ambiental da população indígena da Comunidade Malacacheta, observando-se se houve nas últimas décadas, alterações importantes na percepção do ambiente.

Após constatação de mudanças comportamentais, verificou-se que a relação deste fato está intrinsecamente ligada ao contato de indígenas com não-indígenas e, mais ainda, que isto pode contribuir negativamente para a continuidade da cultura daquele grupo.

Nesta pesquisa, foram analisadas as percepções sobre o ambiente natural e suas modificações na Comunidade Indígena Malacacheta, no Município do Cantá, Estado de Roraima, tomando como base a existência ou não de alterações/variações nos hábitos e costumes dos moradores da comunidade. Para tanto, foi necessário realizar estudos através de observação, registros fotográficos, análise e perguntas direcionadas e específicas aos grupos de pessoas abordadas.

É relevante destacar se os problemas diagnosticados estão ou não vinculados às questões de sensibilização e conscientização dos grupos pesquisados, o que enfatiza a importância de uma análise diferenciada e direcionada para as necessidades

identificadas, fato que poderá colaborar para ações preventivas com iniciativas do próprio grupo.

A pesquisa desenvolvida abordou a relação do ser humano com sua própria natureza, observando até que ponto está consolidada a consciência ecológica, a importância e valor de todas as formas de vida e a responsabilidade na continuidade do pensamento daquilo que é reconhecidamente correto.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, a seguir caracterizados:

- a) o Capítulo I contém a natureza do objeto da pesquisa, estando presentes a contextualização, o problema, a justificativa e os objetivos;
- b) o Capítulo II apresenta o marco teórico, contendo os principais autores e obras consultadas que serviram de base para a análise e discussão dos dados coletados;
- c) o Capítulo III descreve todas as características do marco metodológico, destacando o tipo de pesquisa, métodos, população-alvo e amostra, *design* da pesquisa e a caracterização de cada instrumento de coleta de dados, além da metodologia/ delineamento da pesquisa;
- d) no Capítulo IV encontra-se a análise e discussão dos dados, onde cada instrumento usado aparece, contendo o confronto e a discussão dos dados com os autores presentes no marco teórico;
- e) o Capítulo V contém as considerações finais, respondendo aos objetivos geral e específicos, ao problema da pesquisa, bem como as recomendações propostas para a Comunidade, aliando o desenvolvimento a preservação do meio ambiente.

## 1 A NATUREZA E A CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO INVESTIGADO

O ser humano vem atuando na natureza desde os primórdios da sua história. Está, portanto, constantemente agindo sobre o meio, a fim de sanar suas necessidades e desejos.

Segundo Pilleti (2002, p. 43):

Durante o longo período do paleolítico (aparecimento do homem na terra -10 mil a.C.) ele colhia da natureza os bens de que precisava para satisfazer suas necessidades, usando a caça, a pesca, a coleta de frutos, raízes e o fogo, que lhe permitia usar as plantas não comestíveis, aumentando o potencial energético a sua disposição.

Pode-se constatar que as agressões cometidas contra o meio ambiente vêm ocorrendo ao longo da história de vida humana, e que talvez, as que se apresentam em menor ordem, ocorram em decorrência, muitas vezes, da falta de informação e conhecimentos.

Contudo, aquelas que causam os maiores prejuízos são resultantes da corrida incessante em busca do lucro, que parece “fechar uma cortina” diante de fatos que evidenciam o desrespeito à vida e à natureza, que vêm respondendo cada vez mais rapidamente com os desequilíbrios que atingem todo o planeta.

De acordo com Fromm in BRASIL, A.M. (2007, p. 17):

Quando o homem tiver ultrapassado o estado primitivo de sacrifício humano, seja na forma ritual dos astecas ou guerra secular, quando estiver capacitado para regular sua relação com a Natureza, razoavelmente e não cegamente, quando as coisas se tiverem de fato transformado em suas servas e não seus ídolos, ele defrontará com os conflitos e problemas verdadeiramente humanos; terá de ser aventureiro, corajoso, imaginativo, capaz de sentir prazer e dor, mas seus poderes estarão a serviço da vida e não da morte. (FROMM in BRASIL, A.M e SANTOS, F., 2007).

Diante do que se lê, vê-se a necessidade de fazer com que as novas gerações percebam o quanto é preciso não repetir os erros do passado e, dessa forma, criar uma nova consciência ambiental, comprometida com a qualidade de vida de todo ser humano e com a perpetuação das espécies

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Ao descobrir as armas primitivas, o homem não parou mais sua caminhada na transformação da natureza em seu próprio benefício. Partindo desse pressuposto, vê-se que as agressões que o meio ambiente vem sofrendo remontam do início da ocupação territorial e chegam aos dias atuais, com muito maior intensidade e isto se dá devido às metas de crescimento econômico que se sobrepõem a quaisquer objetivos de preservação da qualidade ambiental.

Para a melhor compreensão da inter-relação entre o homem e o ambiente é necessário se fazer o estudo da cultura, interpretando fatos, escritas, hábitos, entre outros recursos disponíveis que possam explicitar a consciência ambiental da comunidade hoje, traçando-se um paralelo com a consciência que se tinha no passado.

De acordo com Leff (2008, p. 57):

A questão ambiental não se esgota na necessidade de dar bases ecológicas aos processos produtivos, de inovar tecnologias para reciclar os rejeitos contaminantes, de incorporar normas ecológicas aos agentes econômicos, ou de valorizar o patrimônio de recursos naturais e culturais para passar para um desenvolvimento sustentável. Não só responde à necessidade de preservar a diversidade biológica para manter o equilíbrio ecológico do planeta, mas de valorizar a diversidade étnica e cultural da espécie humana e fomentar diferentes formas de manejo produtivo da biodiversidade, em harmonia com a natureza.

O Estado de Roraima não foge à regra de outros estados da Amazônia. Hoje, a sua população cresceu, aumentou o número de assentamentos de reforma agrária - embora empírico, é uma realidade - e a exploração dos recursos naturais é feita descontroladamente. É urgente a necessidade de exploração sustentável na Amazônia, assim, emerge a busca de novos paradigmas para o processo de desenvolvimento para essas populações no Estado, ampliando o conhecimento sobre a preservação dos recursos naturais, principalmente em comunidades indígenas e reservas já consolidadas.

A Comunidade Indígena Malacacheta, localizada na Região da Serra da Lua, compõe um grupo de dezenove comunidades indígenas, todas demarcadas em ilhas, espalhadas no território Wapichana. Essa realidade permite a instalação de fazendas em meio às terras indígenas, o que propicia uma relação de aproximação entre indígenas e não-indígenas.

De acordo com o Centro Ecumênico de Documentação e Informação – CEDI (1991), a demarcação em área descontínua teria sido uma proposta da própria FUNAI sob a alegação de que o “avanço da área pelo posseiro era um fato consumado e qualquer contestação a respeito, naquele momento, atrasaria a agilização do processo de demarcação” nas áreas da região da Serra da Lua.

Diante de fatos relacionados ao convívio de indígenas e não-indígenas, surgiu o desejo de realizar um estudo sobre os conhecimentos acerca da percepção ambiental encontrada na Comunidade Indígena Malacacheta, fazendo-se uma relação com a percepção de não-indígenas moradores da mesma região, e observando-se as influências advindas deste contato.

As mudanças ou não no comportamento de pessoas, que podem ser aprofundadas a partir de estudos com grupos específicos e escolhidos para tal, poderão indicar se o contato com outros grupos que não sejam similares ao seu, em se tratando de hábitos e costumes, podem alterar a cultura de um grupo a ponto de causar danos irreparáveis ao seu modo de vida.

Os indígenas buscam de forma simplificada os equilíbrios que se estabelecem na natureza e, com maior razão, numa natureza mais ou menos suprimida pelas múltiplas intervenções do homem, constituindo equilíbrios muito frágeis e instáveis.

A seguir, apresenta-se o mapa do Estado, com a demarcação das terras indígenas, destacando em vermelho a comunidade indígena pesquisada. É possível notar que há uma grande área destinada às reservas indígenas no Estado, o que caracteriza uma região com forte presença dessas populações.

A Reserva Indígena Malacacheta localiza-se a Sudeste do Estado, conforme mostra o mapa (figura 1).

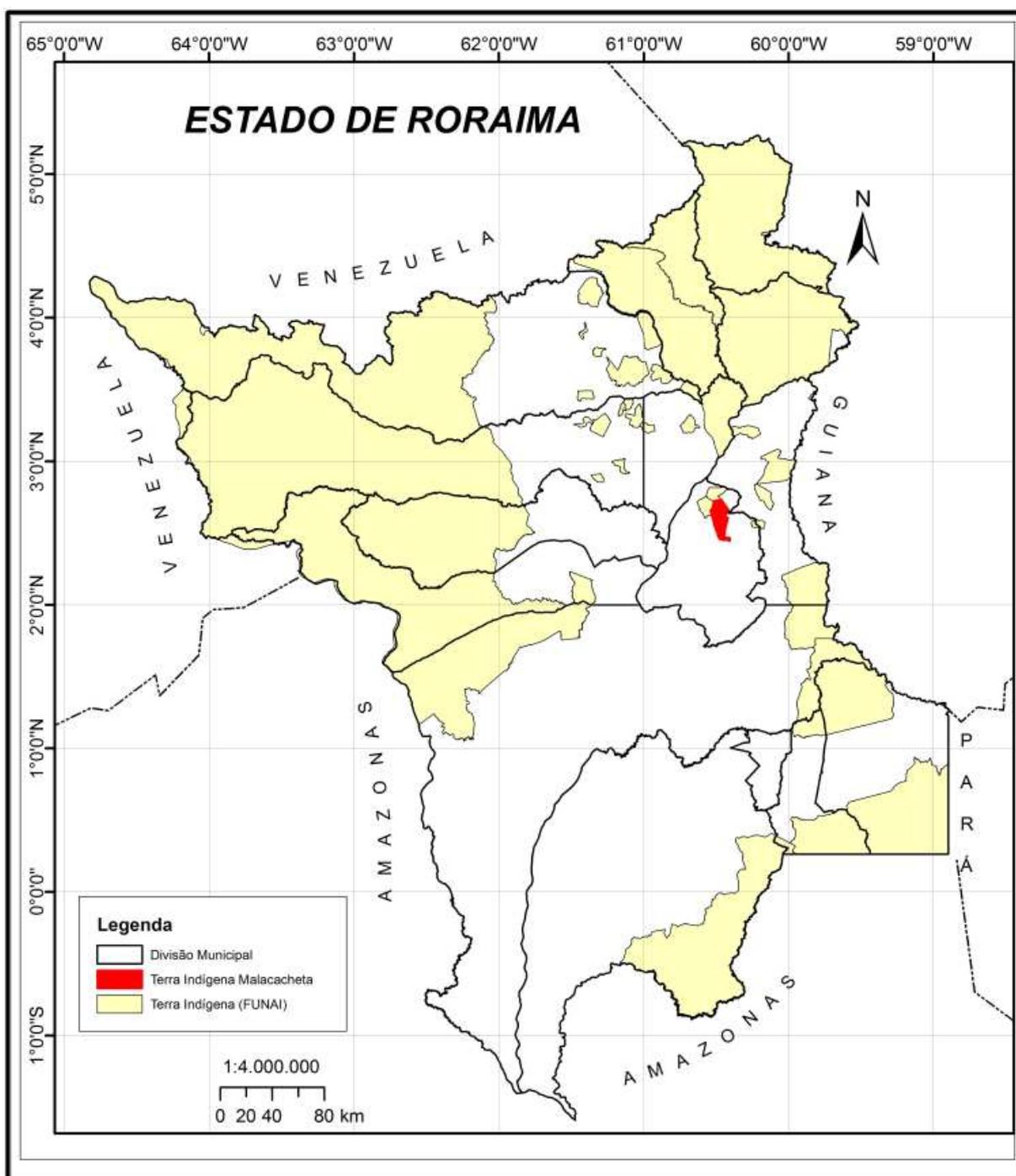


Figura 1 - Mapa do Estado de Roraima com a demarcação das reservas indígenas

O mapa que segue (figura 2) delimita a área da Reserva Indígena Malacacheta, demarcada em linha vermelha, localizando a sua sede por um ponto amarelo, onde está a maior concentração da sua população.

A Reserva Indígena Malacacheta é cortada pelo rio Quitauaú e banhada por inúmeros igarapés, alguns com denominações indígenas.

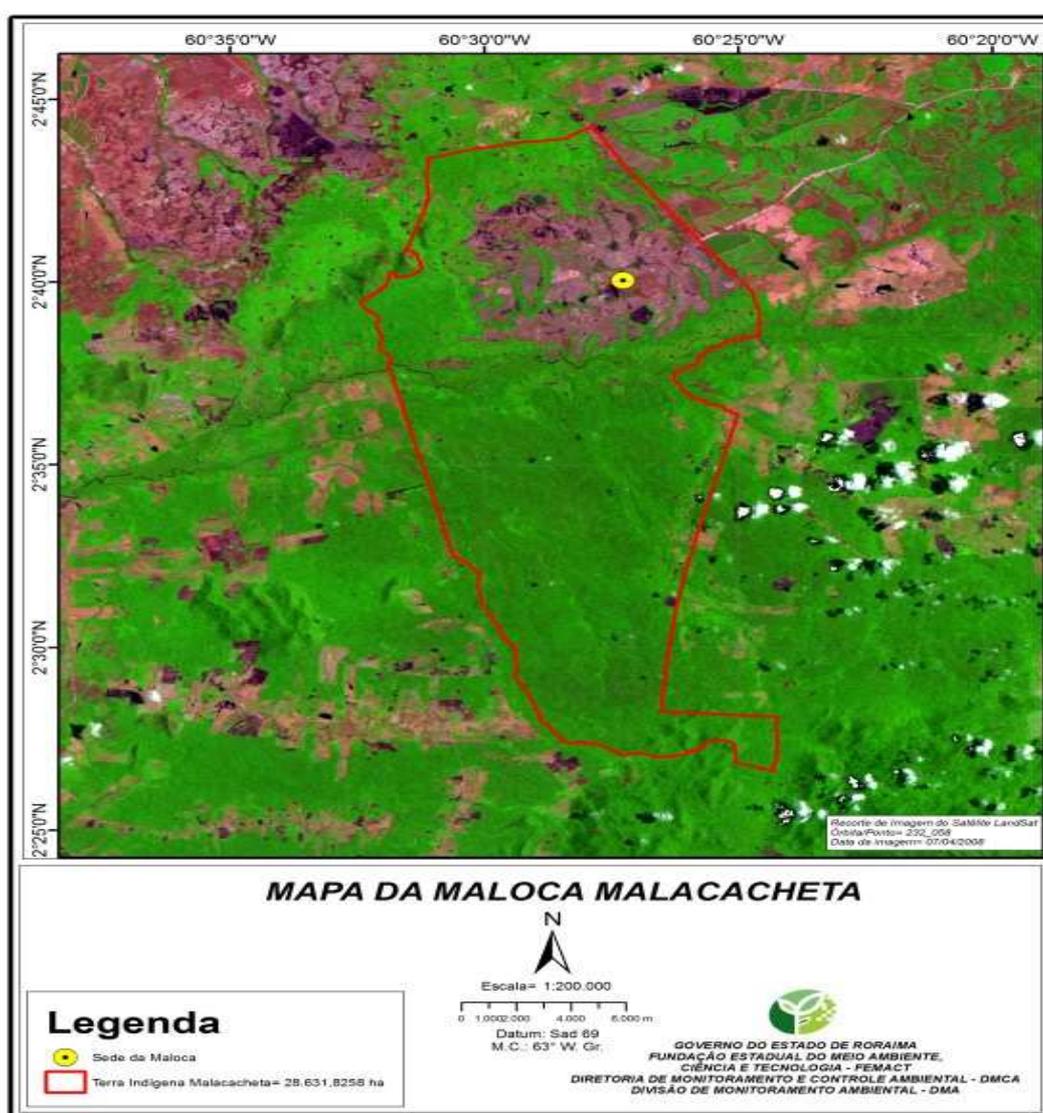


Figura 2 - Mapa de localização da Comunidade de Malacacheta.

O ambiente se constitui num sistema de relações extremamente complexas, muito sensível a variações por diversos fatores, o que pode provocar reações em cadeia. Quando adequado para a vida, encontra-se em equilíbrio, devido ao grande grupo de forças que se compensam.

O homem convive com a busca permanente da capacidade de compreender os mecanismos que comprometem sua conservação, intervindo no ambiente.

Para Leff (2008, p.112):

[...] a formação de uma consciência ambiental converte-se num processo ideológico e político que mobiliza os atores sociais a transformar suas relações sociais de produção e a abrir novos caminhos de desenvolvimento das forças produtivas baseadas na produtividade ecológica, no potencial tecnológico e nos significados culturais dos povos.

Essa tomada de consciência é algo que ocorre entre os indígenas baseada na confiança e na capacidade de criar técnicas supostamente suscetíveis de corrigir todo e qualquer tipo de impacto, mesmo que se possa ser imputado através do acionamento de novos métodos de recuperação do ambiente agredido. Isto deverá ocorrer quando não imediatamente, pelo menos dentro de um prazo médio.

Diante de fatos relacionados a agressão de todas as formas ao meio ambiente, vê-se a insensibilização, com relação à gravidade de certas ameaças, causada pela indiferença gerada pela freqüência dos acidentes ambientais provocados pelas ações antrópicas, relacionadas com o contexto onde ocorrem e a cultura dos envolvidos.

Segundo Watanabe *et al* (1987, p. 4):

[...] ambiente é o conjunto de condições que envolvem e sustentam os seres vivos no interior da biosfera, incluindo clima, solo, recursos hídricos e outros organismos. Sendo, portanto a soma das condições que atuam sobre o organismo. Os fatores ambientais são agrupados nos abióticos, que reúnem as condições físicas, químicas, edáficas, climáticas e hídricas do meio, as quais atuam sobre o indivíduo ou a população. Já o conjunto das condições geradas pelos organismos, as quais também atuam sobre o indivíduo ou populações constituem o ambiente biótico.

Uma simplificação bastante comum é de preservação a todo custo. O homem não abre mão do desenvolvimento tecnológico em nome da preservação ambiental. Sabe-se que estas posições são utópicas. O desenvolvimento humano é um processo irreversível, no entanto, o significado de Desenvolvimento Sustentável indica que há necessidade de existir o crescimento econômico aliado ao respeito ao ambiente e suas diferentes formas de vida.

Observa-se que as posturas resultantes da presença do homem não-indígena junto aos indígenas, estimulam a criação de novos hábitos e costumes que alteram e prejudicam a normalidade da vida dos indígenas, gerando situações de desconforto e incertezas entre eles. Estes perdem suas origens e passam a viver acomodados com as novidades trazidas pelos não indígenas.

As sociedades humanas devem desenvolver-se e estruturar-se sustentando-se em paradigmas de preservação. É imprescindível evitar a destruição do que ainda existe no ambiente; encontrar formas de reciclagem e reaproveitamento de resíduos; desenvolver tecnologias que eliminem um mínimo de resíduos e que não sejam poluentes, ou que o sejam em uma escala decrescente. Enfim, devemos buscar a construção do paradigma da sustentabilidade.

A relação do homem com a natureza, que ocorria com base espiritual, passou a ser construída e fundamentada em bases tecnológicas, científicas, políticas e econômicas e afastou o humano do natural, formando uma mentalidade exploradora e extrativista.

Usando a analogia, podemos dizer que a natureza é um sujeito que tem seus direitos infringidos pelo homem, na busca constante de seu próprio bem-estar, portanto, se quisermos continuar existindo, devemos nos aliar a ela e nos tornarmos seres simbióticos com essa natureza.

É importante então refletir sobre a concepção das pessoas em estudo, para que haja compreensão e, a partir daí, colaboração na preservação da cultura local.

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Como as percepções dos índios da Comunidade Indígena Malacacheta sobre o ambiente são influenciadas pela presença dos não-indígenas na região?

## 1.3 JUSTIFICATIVA

O processo histórico de ocupação das terras no Brasil foi marcado pelo uso inadequado das florestas e demais formas de vegetação, provocando a degradação de grandes áreas rurais. Atualmente verifica-se que muitos proprietários, talvez por desconhecimento e/ou falta de condições financeiras, não reconhecem a função social e ambiental de suas propriedades rurais.

O equilíbrio entre biótico e o abiótico, depende muito do respeito e uso adequado do ambiente.

Neste contexto, é chegada a hora de reverter este processo, cabendo a cada um zelar pela preservação dos remanescentes vegetais nativos e só explorar os recursos que a natureza nos oferece de forma sustentável.

Para Leff (2008, p.151):

[...] na consciência ambiental são gerados novos princípios, valores e conceitos para uma nova racionalidade produtiva e social, e projetos alternativos de civilização, de vida, de desenvolvimento [...]

Considerando-se muitos dos trabalhos de pesquisa realizados em Roraima sobre as questões ambientais, pode-se destacar: Meio Ambiente: análise da prática docente na Escola Estadual Indígena de Araçá-Amajari/RR (SARMENTO, E. F. 2010); Construindo e discutindo o diagnóstico sobre a realidade da Educação Ambiental nos Municípios da Região Sul do Estado de Roraima: proposição de um programa interinstitucional (MARQUES, A. L. 2006); Subsídios para a formação de educadores ambientais informais envolvidos na exploração de argila nas margens do Rio Branco,

no Município do Cantá/RR e a Educação para o Desenvolvimento Sustentável- EDS (CORTÊS, I. C. 2010); Diagnóstico e concepções relacionadas à Educação para o Desenvolvimento Sustentável presentes nas ações ambientais desenvolvidas em Boa Vista/RR (VELOSO, M.S.S.O. 2009), entre outros, que buscam promover a conscientização e não somente entender o que o indivíduo percebe sobre o meio em que vive, o que faz com que se desenvolva dessa forma o seu sistema de percepção e compreensão do ambiente.

Analisando MACEDO (2000), vê-se que seres de uma mesma espécie diferem em sua percepção podendo variar um pouco quanto à maneira de ver determinadas cores, distinguir tonalidades, assim como de cheirar e provar, dentre várias outras coisas.

Em suma, a percepção é um processo bastante individual, não sendo sempre aquilo que se crê comumente. É algo mais profundo, interior a cada um que, ao se externar num grupo, pode-se comungar sim as idéias mais simples e aceitáveis. Muito embora, em determinados momentos a percepção real pode não ser externada em função do receio da rejeição por parte do outro, ficando restrita à pessoa.

Refletindo MACEDO (2000), coloca que no cotidiano, as percepções das pessoas se adaptam continuamente ao meio que as cerca. Em geral, as expectativas provavelmente influenciam as percepções de maneiras diversas. A tendência é dar-se prioridade aos aspectos dos dados da realidade que estão em harmonia com aquilo que se acredita. Quando se valoriza algo, a tendência é ver essa coisa maior do que é. Reconhecem-se assim as coisas que interessam muito mais depressa do que as que não despertam qualquer interesse ou curiosidade investigativa.

A necessidade de saber como os indivíduos pesquisados percebem o ambiente em que vivem e quais as suas satisfações e insatisfações foi de fundamental importância para a construção deste trabalho, haja vista que só assim, partindo da realidade do público alvo, foi possível a realização de um trabalho com bases locais, reais.

A cada leitura realizada acerca do assunto, o interesse e o desejo de compreensão se tornaram mais evidentes para a delimitação do tema e realização do

trabalho em mente. Enfim, este trabalho buscou observar na comunidade em estudo a importância do ambiente para o homem e como esse ambiente dentro da concepção do grupo poderá garantir um futuro com mais qualidade de vida para todos, podendo despertar uma maior responsabilidade e respeito dos indivíduos em relação ao ambiente em que vivem.

## 1.4 OBJETIVOS

### 1.4.1 Objetivo Geral

Conhecer a percepção dos indígenas da Comunidade Indígena Malacacheta sobre o ambiente diante da influência ou não resultante da presença dos não-indígenas na região.

### 1.4.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar diferentes fontes bibliográficas que relatam aspectos históricos da Comunidade Indígena Malacacheta, usando como indicadores: hábitos, costumes, cultura, ambiente, alimentação, produção e comercialização de alimentos;
- b) Investigar as percepções dos indígenas da Comunidade Indígena Malacacheta em relação ao ambiente, entrevistando-os em relação aos indicadores selecionados, possibilitando a construção de um diagnóstico sobre a temática;
- c) analisar a cultura tradicional da Comunidade Indígena Malacacheta usando a observação *in loco* e a leitura de imagens que identificam as mudanças nas características típicas da comunidade;
- d) investigar os hábitos, costumes, cultura, ambiente, alimentação, produção e comercialização de alimentos dos indígenas na comunidade; usando os mesmos indicadores aplicados aos não-indígenas;

e) identificar os aspectos relacionados à sensibilização e à conscientização existente na cultura tradicional indígena Malacacheta, comparando os hábitos e costumes tradicionais da comunidade ao dos não-indígenas.

## 2 MARCO TEÓRICO

No Brasil, existem hoje comunidades indígenas com características culturais bastante heterogênicas. Neste sentido, pode-se estar citando grupos que permanecem inteiramente isolados da civilização, grupos que estão sofrendo influências urbanas, e ainda grupos que estão completamente integrados à economia das regiões em que se encontram.

Independente do grau da relação existente de uma comunidade indígena com outros grupos que não sejam os indígenas é importante que estes primeiros preservem as suas identidades étnicas, repassando os seus conhecimentos aos seus descendentes, desde que estes não se sobreponham à preservação do ambiente para a perpetuação das espécies e manutenção da vida com qualidade.

É necessário um trabalho de sensibilização que leve a conscientização no sentido de cada um fazer a sua parte na construção de um planeta com melhor qualidade de vida e com uma sociedade mais justa, onde todos busquem consumir apenas o necessário, evitando o desperdício.

Para que essa filosofia de vida se sustente, é preciso preparar desde cedo as novas gerações discutindo e revendo esses conceitos com os mais velhos. Os professores que têm grandes oportunidades de levar esses conhecimentos aos seus alunos devem não só acreditar no que estão ensinando, mas também praticar esses ensinamentos. Só assim, poderão transmitir esses valores com convicção, contribuindo para que todos vivam com mais dignidade.

Estar atento à sensibilização e à conscientização ambiental é cada vez mais importante. É preciso respeitar o meio ambiente e trabalhar de forma consciente, sendo possível, dessa forma lucrar, crescer e ser ambiental e socialmente responsável, com atitudes de manutenção e promoção da vida de todos os seres vivos.

## 2.1 REVISANDO CONCEITOS SOBRE AMBIENTE

Analisando SAUVÉ, o conceito de Desenvolvimento Sustentável tem sido associado com a Educação Ambiental para promover modelos baseados na sabedoria da utilização dos recursos, considerando a equidade e a durabilidade.

Os educadores têm um papel estratégico e decisivo na inserção da educação ambiental no cotidiano escolar, qualificando os alunos para um posicionamento crítico face à crise socioambiental, tendo como horizonte a transformação de hábitos e práticas sociais e a formação de uma cidadania ambiental que os mobilize para a questão da sustentabilidade no seu significado mais abrangente (JACOBI, 2005, p.233).

É importante considerar que o conceito da Educação Ambiental foi sempre limitado à proteção dos ambientes naturais (seus problemas ecológicos, econômicos ou valores estéticos), sem considerar as necessidades dos direitos das populações associados com esses ambientes, como parte integral dos ecossistemas.

Pode-se destacar que as questões ambientais, estão presentes em todos os segmentos sociais, sendo necessário que todos se aglutinem na busca de maior qualidade de vida, auxiliando na construção e vivência deste novo desafio que é o paradigma do Desenvolvimento Sustentável.

A crise ambiental não é compreensível se não for deduzida da relação econômica que se instaurou a partir do modo capitalista de organização: do saber científico, da vida em sociedade e a relação materialista dilapidadora com a natureza.

Quando se fala em ambiente e em educação, deve-se entender a Educação Ambiental, dentro de um processo de resgate da ética, da cultura e da política de uma economia humanizada. Devendo esses preceitos estar embutidos em qualquer forma de relação e informação que implicam em educação, fruto de um processo de ensino e aprendizagem, hoje voltados para um novo paradigma: Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

Considera-se importante dessa forma, que a educação cumpra o seu papel como agente crítico, formador e/ou responsável por uma nova consciência politizadora,

reinserindo o indivíduo em sua história, em sua cidade, em seu meio, agora como sujeito que interage num ambiente absolutamente interligado.

Trata-se de uma inserção sócio-ambiental que dá sentido maior a vida humana, porque age para construir uma sociedade melhor, justa e com qualidade de vida.

Por outro lado, é notória a evidência dos problemas de população, de recursos e do ambiente a nível mundial: pobreza e fome, desmatamento e extinção de espécies; erosão do solo e surgimento de desertos; poluição do ar e das águas, chuva ácida e destruição da camada de ozônio, além do efeito estufa e das mudanças de clima na Terra.

Nestes tempos em que a informação assume um papel cada vez mais relevante, a educação para a cidadania e diversidade representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação na defesa da qualidade de vida.

Nesse sentido cabe destacar que a educação ambiental assume uma função transformadora, na qual a co-responsabilidade dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo desenvolvimento – o desenvolvimento sustentável. Entende-se, portanto, que a Educação Ambiental é a condição necessária para modificar um quadro de crescente degradação ambiental.

Para Ferreira e Coutinho, in Brasil (2007, p. 255):

A percepção ambiental é condicionada por fatores inerentes ao próprio indivíduo, fatores educacionais e culturais imprimidos pela sociedade e fatores sensitivos derivados das relações do observador com o ambiente. Cada indivíduo enxerga e interpreta o ambiente de acordo com o seu próprio olhar, sua própria maneira de ver o mundo, a partir de suas experiências prévias, expectativas e ansiedades.

A percepção do ambiente é um processo particular a cada indivíduo. É lançado um olhar sobre o espaço presente, o qual se volta, internalizando-se as observações e fazendo-se uma análise da realidade conferida.

Tomando-se como referência Vigotsky, pode-se dizer que um processo de reconstrução interna (indivíduos) ocorre a partir da interação com uma ação externa (ambiente), na qual os indivíduos se constituem como sujeitos pela internalização de significações que são construídas e reelaboradas no desenvolvimento de suas relações sociais.

Desse modo, entende-se que o conceito de ambiente tem em suas bases o pressuposto coletivo, com a existência de particularidades individuais.

Hannigan (in Brasil, 2007, p.258):

Caracteriza o meio ambiente como um espaço de intersecção e competição entre diferentes definições sociais e culturais. Na visão deste autor o que está em disputa são a natureza e a gravidade das ameaças ambientais e suas dinâmicas, as prioridades de uma questão sobre a outra, as formas adequadas para melhorar ou mitigar o que foi definido como problemático e as possibilidades para influenciar os detentores do poder a aceitar a responsabilidade para implantação de soluções.

Fazendo-se uma análise sobre o pensamento do autor, é impossível discordar do fato da existência de interesses que permeiam as questões ambientais. O fator econômico se sobrepõe a necessidade de manutenção da vida a partir da preservação do ambiente.

O autor ressalta que dentro da arena social, o processo de definição do que é ou não aceitável, do ponto de vista de transformações e alterações ambientais, é geralmente determinado por extensas negociações e conflitos entre grupos com interesses e percepções diversos. (Hannigan apud Brasil, 2007, p. 259)

A realidade que se vive, demonstra a importância do conhecimento acerca de questões relacionadas ao ambiente como agente de promoção da vida. Dessa forma, entende-se que a educação ambiental exerce um papel importante na escolarização, haja vista que prepara o sujeito para a cidadania, assim como para um mundo mais humano.

A questão ambiental requer algumas reflexões. Com o avanço nas últimas décadas do debate mundial acerca da questão ambiental, o tema vem ganhando

destaque muito importante na sociedade, seja no meio acadêmico, via universidades, ou em entidades de ideologia político-ecológica. Além, dos órgãos públicos que funcionam representando o Estado.

A questão ambiental, hoje, mostra-se como um verdadeiro problema social, visto que, acaba concentrando aspectos fundamentais como política, economia e sociedade. Desse modo, funde-se em uma esfera de relação homem-natureza, englobando um sistema integral, associando elementos físicos-bióticos com elementos sociais.

Tal relação é marcada fortemente por ações humanas e tecnológicas de interferências e redirecionamentos dos nossos recursos, dos métodos de produção e transformação da natureza que têm levado a acelerados processos degradacionais responsáveis por um comprometimento das condições ambientais.

Sabe-se que o problema ambiental emerge da perspectiva da apropriação e transformação da natureza de maneira espontânea, ou seja, onde a natureza é vista como efeito útil e imediato, indispensável ao acúmulo do capital. A evolução dos problemas ambientais é proporcional à intensificação da produção da natureza.

Vê-se na atualidade um ambiente degradado associado a uma escassez de recursos naturais, tendo uma sociedade com grande necessidade de gerar recursos para consumo, a fim de transformá-los em recursos financeiros. Tal prática acaba sendo uma necessidade real do mundo de hoje, se refletindo fortemente nas desigualdades sociais e econômicas, resultando numa maior degradação do ambiente.

Assim, o problema ambiental se materializa através das forças produtivas, isto é, onde se dá a relação entre o homem e a natureza, ou mais especificamente, entre a força de trabalho e os meios de produção. Portanto, aqueles que integram as relações de produção é que definem as relações do homem com a natureza, momento em que os problemas ambientais materializam-se.

Dessa maneira, há necessidade do comprometimento dos sistemas naturais colocando a vista uma discussão que é a tentativa do estabelecimento do repensar, ou seja, uma mudança fundamental do relacionamento do homem com a natureza.

## 2.2 POPULAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL

O contato entre os índios e os portugueses no ano de 1500 foi de muita estranheza para ambas as partes. As duas culturas eram muito diferentes e pertenciam a mundos completamente distintos.

Causa de muito despovoamento foram ainda as guerras de repressão ou de castigo levadas a efeito pelos portugueses contra os índios, com evidente superioridade técnica. Superioridade que os triunfadores não raras vezes ostentaram contra os vencidos, mandando amarrá-los à boca de peças de artilharia que, disparando, semeavam a grandes distâncias os membros dilacerados; ou infligindo-lhes suplícios adaptados dos clássicos às condições agrestes da América (FREIRE, 2003, p. 156)

As agressões aos povos indígenas, mesmo que numa ótica diferente dá que ocorre atualmente, remontam a sua história. Antes, eram agredidos pela força física, hoje, pela força verbal, mediante as discriminações.

Os relatos indicam que os indígenas que habitavam o Brasil em 1500 viviam da caça, da pesca e da agricultura de milho, amendoim, feijão, abóbora, bata-doce e principalmente mandioca.

A agricultura nesse período era praticada de maneira primária, utilizando a técnica da coivara (derrubada de mata e queimada para limpar o solo para o plantio), que é utilizada ainda na atualidade. Os índios domesticavam animais de pequeno porte como, por exemplo, porco do mato e capivara.

Na época, para os índios, eram desconhecidos o cavalo, o boi e a galinha. A história relata que os índios se espantaram ao entrar em contato pela primeira vez com uma galinha. As tribos indígenas possuíam uma relação baseada em regras sociais, políticas e religiosas.

Uma sociedade autônoma é aquela que logra defender e gerir livremente seu território, catalisador de uma identidade cultural e ao mesmo tempo continente de recursos, recursos cuja acessibilidade se dá, potencialmente, de maneira igual para todos. (SOUZA, 1995, p. 106)

É importante destacar que o contato entre as tribos acontecia em momentos de guerras, casamentos, cerimônias de enterro e também no momento de estabelecer alianças contra um inimigo comum.

Os índios faziam objetos utilizando as matérias-primas da natureza. Vale lembrar que índio respeita muito o ambiente, retirando dele somente o necessário para a sua sobrevivência.

Em relação ao uso dos recursos naturais, utilizavam os mesmos para a construção de canoas, arcos e flechas e suas habitações. A palha era utilizada para fazer cestos, esteiras, redes e outros objetos. A cerâmica também era muito utilizada para fazer potes, panelas e utensílios domésticos em geral. Penas e peles de animais serviam para fazer roupas ou enfeites para as cerimônias das tribos. O urucum era muito usado para fazer pinturas no corpo.

A chegada dos portugueses em 1500 e as expedições em busca de riquezas mudou radicalmente a ocupação original do território brasileiro. O avanço das missões exploratórias afetou não apenas a distribuição demográfica da população nativa como também o seu quantitativo. Uma das causas era a guerra entre as etnias, muitas delas incentivadas pelos europeus, como estratégia para arregimentar indígenas para o trabalho e guerreiros para garantir o território contra invasores. (SOHN, 2009, p.3)

Não há classes sociais entre os indígenas. Todos têm os mesmos direitos e recebem o mesmo tratamento. A terra, por exemplo, pertence a todos e quanto a alimentação, quando um índio caça, costuma dividir com os habitantes de sua tribo. Apenas os instrumentos de trabalho (machado, arcos, flechas e arpões) são de propriedade individual. As classes sociais existem entre os brancos, surgindo neste fato uma forte presença da cultura do homem branco entre os indígenas.

A imagem de um índio genérico, que vive nu na mata, mora em ocas e tabas, cultua Tupã e Jaci, fala tupi ainda predomina no senso comum. É também muito comum a idéia de que os índios viviam em paz entre si e em harmonia com a natureza até a chegada dos portugueses, em 1500, quando começou um processo de extermínio que resultou no desaparecimento de muitos povos; os sobreviventes estariam se aculturando, ou deixando de ser índios. No entanto, por trás dessas idéias se esconde uma série de equívocos. (TEIXEIRA, R. in Silva e Grupioni, 1995, p.29).

Quanto ao trabalho na tribo, é importante destacar que todos realizam tudo. A divisão existente é apenas por sexo e por idade. As mulheres são responsáveis pela comida, crianças, colheita e plantio. Já os homens da tribo ficam encarregados do trabalho mais pesado: caça, pesca e derrubada das árvores.

Destacam-se na organização das tribos duas lideranças: o pajé e o cacique. O pajé é o sacerdote da tribo, pois, conhece todos os rituais e recebe as mensagens dos deuses. Ele também é o curandeiro, haja vista conhecer todos os chás e ervas para curar doenças. Ele que faz o ritual da pajelança, onde evoca os deuses da floresta e dos ancestrais para ajudar na cura.

O cacique, também importante na vida tribal, faz o papel de chefe, pois organiza e orienta os índios. Atualmente, a figura do cacique vem sendo substituída pela do tuxaua. O termo tuxaua é aplicado aos chefes dos grupos indígenas.

Quanto à educação indígena, a mesma é bem interessante. Os pequenos índios, conhecidos como curumins, começam seu aprendizado desde cedo e de forma prática, pois, observam e acompanham o que os adultos fazem, treinando desde criança. Quando o pai vai caçar, costuma levar o indiozinho junto para que este aprenda. Portanto a educação indígena é bem prática e vinculada à realidade da vida da tribo indígena.

Existiam no passado tribos canibais como, por exemplo, os tupinambás que habitavam o litoral da região sudeste do Brasil. A antropofagia era praticada, pois acreditavam que ao comerem carne humana do inimigo estariam incorporando a sabedoria, valentia e conhecimentos. Desta forma, não se alimentavam da carne de pessoas fracas ou covardes. Esta prática era feita em rituais simbólicos.

Em relação à religião, cada nação indígena possuía crenças e rituais religiosos diferenciados. Porém, todas as tribos acreditavam nas forças da natureza e nos espíritos dos antepassados. Para estes deuses e espíritos, faziam rituais, cerimônias e festas.

O pajé era o responsável pela transmissão dos conhecimentos aos habitantes da tribo. Algumas tribos chegavam a enterrar o corpo dos índios em grandes vasos de cerâmica, onde além do cadáver ficavam os objetos pessoais. Isto mostra que estas tribos acreditavam numa vida após a morte.

Hoje, as principais etnias indígenas brasileiras e suas populações aproximadas são: Ticuna (35.000), Guaraní (30.000), Caiagangue (25.000), Macuxi (20.000), Terena (16.000), Guajajara (14.000), Xavante (12.000), Ianomâmi (12.000), Pataxó (9.700), Potiguara (7.700).

Verifica-se dessa forma que a população indígena no Brasil é composta por diferentes grupos étnicos espalhados em todo o território brasileiro. Algumas tribos que se encontravam em regiões onde hoje se localizam grandes centros urbanos ou próximos a essas metrópoles, perderam suas origens ou até mesmo deixaram de existir em decorrência da abrangência das cidades. Outras, localizadas em áreas menos povoadas e com presença de florestas, como é o caso do norte do Brasil e áreas do centro-oeste, registram populações indígenas de etnias variadas.

Um fator relacionado ao contato com os não-indígenas, diz respeito às doenças. Muitas das comunidades indígenas que têm uma maior aproximação com os não-indígenas são acometidas por doenças consideradas urbanas, devido à interferência destes nos hábitos adquiridos e levados para a comunidade. Estas, podem ainda sofrer muitas vezes o descaso das autoridades e a discriminação pela sociedade.

O Brasil, que vai completar quinhentos anos no ano 2000, desconhece e ignora a imensa sócio-diversidade nativa contemporânea dos povos indígenas. Não se sabe ao certo sequer quantos povos nem quantas línguas nativas existem. O reconhecimento mesmo que parcial dessa diversidade não ultrapassa os restritos círculos acadêmicos especializados. Hoje, um estudante ou um professor que quiser saber algo mais sobre os índios brasileiros contemporâneos, aqueles que sobraram depois dos tapuias,

tupiniquins e tupinambás, terá muitas dificuldades. (TEIXEIRA, R. in Silva e Grupioni, 1995, p.29).

No Brasil, as populações indígenas se subdividem em uma grande variedade de tribos e nações, havendo muitas que atravessam as fronteiras políticas atuais e adentram os países vizinhos como é o caso dos índios de Roraima que se encontram nas áreas de fronteira com a Venezuela e Guiana Inglesa.

Com relação às línguas, estes, têm cada qual, de acordo com a etnia, sua língua materna, cujas origens e conexões ainda não são conhecidas a fundo, sendo, portanto, objeto de estudo de muitos pesquisadores como Cuche, Cirino, Santos, entre outros.

Um fato importante na história das populações indígenas diz respeito à catequização desenvolvida pelos missionários europeus, de maneira que as suas tradições culturais como a própria língua, as crenças religiosas, entre outros costumes ficaram comprometidos a partir desse acontecimento.

Os colonizadores ignoravam a visão de mundo que os índios tinham, obrigando-os a falar o português, a acreditar no seu Deus e a abandonar hábitos culturais que eles cultivavam há milênios. As escolas “civilizadas” que as missões impuseram aos índios foram exemplos de violência cultural sem precedentes. (TEIXEIRA, 2000, p.296)

A perda de algumas características culturais também se deu em virtude da miscigenação entre os povos indígenas e não indígenas, sendo que os indígenas passaram a assimilar hábitos diferentes dos seus, trazendo de certa forma prejuízos à cultura, hábitos e costumes das tribos.

Deve-se lembrar que existem dois modos pelos quais os homens transmitem suas características a seus descendentes: há aqueles cuja transmissão é regulada pelas leis da genética; há outras, como a língua, os costumes, as crenças, os hábitos, que o indivíduo vai recebendo pouco a pouco pelo aprendizado, formal ou informal, intencional ou não, com os outros membros da sociedade. Ao conjunto desses elementos que não são transmitidos de modo biológico dá-se o nome de cultura (MELATTI, p.33).

A citação descrita vem reafirmar que a cultura de uma sociedade pode sofrer descaracterizações diante da intervenção de pessoas com hábitos e costumes diferentes. As alterações na rotina dos indivíduos vão aos poucos, fazendo transformações nas suas histórias de vida. Essa é uma realidade que pode ser observada em comunidades indígenas, destacando-se em particular aquelas que mantêm um maior contato com a sociedade não-indígena.

### 2.3 HISTÓRICO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS EM RORAIMA

As comunidades indígenas em Roraima existem desde época não definida ainda com exatidão. A história de Roraima se confunde com a história indígena na região. Muitas etnias que existem há várias décadas ainda mantêm suas tradições culturais e ambientais, embora, já com influência do homem não-indígena.

Conforme Santos (2009, p.141):

Na tentativa portuguesa de construir povoamentos no Rio Branco, usando como método para atingir este fim o aldeamento indígena, dois temas básicos e problemáticos se apresentaram para os agentes coloniais: um diz respeito à sedentarização dos povos indígenas e, o outro, à organização da produção nos aldeamentos, ambos relacionados entre si.

Analisando a citação vê-se que havia preocupação com a exploração da terra. No entanto, os colonizadores viam nos índios personagens não capazes de executarem as atividades necessárias. Mesmo nesta época, observa-se que o homem branco já buscava interferir na cultura, hábitos e costumes dos povos indígenas.

Segundo Santos (2009, p.146):

Na forma como se processou a ocupação no Rio Branco, observamos que o extermínio ou a expulsão dos indígenas para lugares distantes não era uma preocupação central ou explícita deste mecanismo de colonização [...] que lugar eles deveriam ocupar neste novo processo? Como sabemos não se tratava mais de aldeá-los.

A história relata nas inúmeras fontes citadas nesta pesquisa, destacando entre elas: Cirino, Santos, Freitas, Diocese de Roraima, NUHSA, entre outras, o processo de ocupação, expulsão, extermínio e outras formas ilícitas de ocupação das terras indígenas.

Na realidade, os inúmeros processos ocorridos serviram para desencadear a miscigenação de vários povos, indígenas ou não, acarretando mudanças da cultura primitiva.

Santos (2009, p.147) relatava que “em essência, podemos dizer que ambas as agências indigenistas visavam a um mesmo objetivo: transformar os indígenas em homens *civilizados*, o que implicava distanciá-los de sua cultura de origem.”

Desta forma, pensavam os colonizadores que os índios poderiam ser úteis à sociedade que deveriam integrar. A escola para os colonizadores servia como meio de inserir os indígenas na sociedade não-indígena, sendo este um caminho ainda hoje utilizado. Assim, os índios passavam a ser “educados” para outros valores culturais, muitas vezes distantes dos seus de origem. Davam-lhes nomes e sobrenomes, como forma de provocar neles a sensação de pertencimento e, portanto de identidade com os não-indígenas.

De acordo com Santos (2009, p.140):

Como podemos imaginar, a desconstrução de uma ordem de lugar já praticada e construção de uma nova por parte dos portugueses, não poderia se processar sem resistência da parte dos que sentiam seu mundo ruir. É desta forma que compreendemos o golpe aplicado pelos indígenas nas pretensões portuguesas de aldeá-los, ocorrido em 1780 e 1781, quando, quase todos os aldeamentos foram abandonados por aqueles povos.

Verifica-se desta maneira que ocorreu uma crise naquele período, quanto ao processo de aldeamento que ocorrera no Forte São Joaquim, às margens do Rio Branco. Segundo o autor, tornou-se necessária a dispersão dos indígenas por lugares remotos, para que não voltassem ou planejassem nova revolta. Os militares à época responsabilizaram em especial os oficiais que guardavam o Forte.

Cirino (2009, p.132) escreve que “nas primeiras décadas do século XX, teve início o processo de evangelização dos missionários beneditinos junto aos wapichanas.” De acordo com o autor, alguns missionários beneditinos estudaram a Língua Wapichana a partir do convívio com jovens índios que falavam o português, que os auxiliavam na conversão. Deu-se assim, início à evangelização dos wapichanas que, considerados dóceis, facilmente permitiram esse processo.

Outro fato relacionado aos indígenas é a atribuição de nomes e sobrenomes. Os não indígenas imprimiram nos indígenas a necessidade de os mesmos terem, além de seus nomes, sobrenomes que identificassem as famílias, tal como acontece na cultura não-indígena. Dessa forma, surgiram indígenas com sobrenomes os mais diversos, sendo bastante usado os de famílias não-indígenas que moram nas regiões próximas a comunidade.

Santos (2009, p.133), confirma isto quando escreve que “[...] a política oficial de assimilação da população nativa [...] tinha por objetivo a inserção destes povos no contexto da sociedade colonial portuguesa. Até mesmo os sobrenomes, o Estado ordenava que, doravante os indígenas os retirassem do mesmo quadro utilizado pelas *Famílias de Portugal*.”

A história dessa forma, conta com mais este fato que é advindo do convívio com os não-indígenas na região. Assim, vai se registrando a alteração na cultura desses povos, o que contribui aos poucos e cada vez mais para a perda de sua identidade.

## 2.4 A COMUNIDADE MALACACHETA

Situada na porção Sudeste do Estado de Roraima, na Região do Município do Cantá, a Comunidade Indígena Malacacheta, reconhecida por Decreto em 05/01/96, fica a 32 km da capital do Estado (Boa Vista), com acesso pela CTA 318 / BOM 384, ocupando uma área aproximada de 28.631,8258 há, tendo os seguintes limites: ao

Norte, com o igarapé do Surrão e enseada do Tucumã; ao Sul, com o rio Quitauaú; a Leste com a fazenda Caiçara, e a Oeste, com as matas da Serra da Lua.

O centro da comunidade está localizado nas coordenadas geográficas N 02° 40' 04" e a W 60° 27' 14" onde fica o seu principal agrupamento de malocas, conforme mostra a figura 2.

A comunidade está entre uma das primeiras a manter contato com os não indígenas devido à proximidade da cidade, portanto, é uma das malocas que mais tem experimentado mudanças nesta região.

A língua materna da Comunidade é o Wapichana, nome este também atribuído àquela etnia. Contudo, o português se tornou o idioma mais usado na Comunidade devido ter sido introduzido ali há bastante tempo.

[...] o número de falantes nas malocas Wapichana mais distantes de Boa Vista é maior, tal é o caso das malocas: Jacamim, Marupá e Wapun. Até 1998, o acesso às três malocas era dificultado pelo rio Jacamim que cortava a estrada, principalmente no período do inverno [...]. Os Wapichana da Malacacheta acreditam que as referidas malocas experimentarão um processo semelhante. (SANTOS, 2009, p.224)

As informações relatadas na citação permitem afirmar que o processo de perda do código cultural no que se refere a língua materna está intrinsecamente relacionado ao contato com os não-indígenas. Contudo, é importante pensar este fato como um processo natural, pois, a localização e o acesso para a comunidade são fatores que contribuem fortemente para influências desse tipo.

No principal agrupamento de malocas, o que pode ser chamado de sede da comunidade, encontram-se instalados um posto de saúde, uma escola pública estadual, um orelhão comunitário, uma quadra de esportes, um campo de futebol, um grande salão para a realização de festas e reuniões, uma igreja católica, uma igreja evangélica, a moradia do tuxaua, líder daquela comunidade e, também das outras pessoas que ali vivem. As instalações citadas, além de rede de energia e antena de telefonia, são algumas características de ambientes urbanos que ali foram

disponibilizados com o propósito de melhorar a vida das pessoas e fazer com que não necessitem de mudar-se para a cidade em busca de serviços desta natureza.



**Figura 3 - Localização da Sede da Comunidade Malacheta**

A figura 3 possibilita a visualização da sede da comunidade com suas instalações e limites.

A principal atividade que traz alguma fonte de renda para aquela comunidade é o cultivo da mandioca e seus derivados, onde é comercializada a farinha, que é uma referência para a comunidade. Quanto à criação de animais, esta é incipiente, existindo apenas para o consumo.

Alguns dos indígenas daquela comunidade, principalmente do sexo masculino, prestam serviço nas propriedades particulares próximas da área de reserva. Estes têm características comuns e próprias relativas ao tempo dispensado ao trabalho, forma de vida e comportamento.

De um modo geral, a comunidade procura manter, repassar e difundir seus hábitos e cultura tradicional, o que pode ser observado nas cerimônias festivas como a tradicional “Festa da Damurida” que acontece todos os anos no mês de novembro, num período de três dias, onde todos os índios desta etnia, moradores da região, se reúnem em festividade de danças e rituais próprios e se alimentam da Damurida (peixe cozido apimentado) acompanhado do Caxiri (bebida feita da mandioca fermentada-cachaça).

Quanto às análises realizadas, tornou-se bastante instigante o aprofundamento das reflexões, no sentido de ampliar o conhecimento acerca das percepções sobre o ambiente naquela comunidade.

## 2.5 O AMBIENTE NA COMUNIDADE MALACACHETA: PRESERVAÇÃO, USO E RECUPERAÇÃO

O ambiente na Comunidade Malacacheta é composto por elementos naturais e culturais característicos, com condições básicas para as pessoas viverem e se desenvolverem. O tipo de vegetação predominante naquela região é a savana, (popularmente chamada de *lavrado*), ocorrendo, no entanto, algumas vegetações mais densas e de maior porte (matas), onde os indígenas desenvolvem a agricultura de forma primitiva, cultivando algumas espécies que fazem parte de seus hábitos alimentares, como a mandioca, a abóbora, a banana, a pimenta, entre outras.

A principal característica do lavrado é o domínio campestre arbustivo, marcado pela presença de depressões suaves, por onde se alinham extensas veredas de buritis, ocorrendo, ainda matas ciliares ao longo das principais drenagens. (CIRINO, 2004, p 113)

Verifica-se que os solos são utilizados com pastagens extensivas e outras áreas em proporções menores são usadas para culturas de subsistência e uso da fruticultura.

A manutenção do meio ambiente é uma das condições necessárias para a qualidade de vida. É preciso então planejar o espaço, de modo a

garantir a conservação e o controle do uso de recursos naturais e artificiais, o gerenciamento de resíduos, o conforto térmico, acústico, visual e espacial, ou seja, condições ambientais que diminuam ou evitem o risco de exposição da população ao agravo à saúde (PHILIPPI Jr. *et al*, 2009, p.74).

A ocorrência de agressões ao ambiente, muitas vezes de forma inconsciente, fator este que pode vir a afetar diretamente na saúde dos membros daquela comunidade, deve ser analisada e questionada entre os indígenas moradores da comunidade.

Os valores identificados na comunidade que sejam voltados à preocupação com o ambiente devem ser reafirmados e, se necessário, trabalhados no sentido de difundi-los. As condições do ambiente em qualquer grupo estudado estão diretamente relacionadas ao comportamento das pessoas. Analisar as percepções, atitudes e comportamentos de indivíduos e comunidades significa encontrar respostas para situações e fatos relacionados ao ambiente observado.

Ao meu modo de ver, hai duas maneiras, polo menos, de analizar unha paisaxe. Unha, fixándonos nas súas características perceptivas como a cor, a textura, ou as liñas; outra, analizando a súa dinámica, conecendo a súa historia. No primeiro caso o importante é o que se vê; no segundo o que se pode interpretar a partir do que se vê. A min, sinceramente, gústame moito mais interpretar que describir, aínda que nunca se pode pasar a fase da interpretación sen antes ollar e describir. (ALBERTI, 2005, p. 26).

Para modificar o comportamento de pessoas que muitas vezes por falta de conhecimento degradam o ambiente, é necessário primeiramente torná-las sensíveis às respostas que a natureza tem dado a cada desastre ecológico ocorrente no planeta, destacando na região: queimadas, não regularidade no ciclo das águas, monocultura, desmatamento, assoreamento, aumento da temperatura média, entre outros.

## 2.6 OS COSTUMES NA COMUNIDADE MALACACHETA

Os índios Wapichana podem ser estudados através de duas vertentes presentes na sua história. A primeira ligada a sua etnografia histórica, onde se destaca a fama de serem *índios integrados (vinculação acentuada com os brancos)*, o que faz com que reduza o valor dos estudos antropológicos voltados para esta etnia.

Outro fator relevante refere-se a um aspecto específico da história de Roraima e voltado para a questão dos trabalhos missionários. Cirino (2009, p. 15) relata que:

Estamos falando, é claro, dos índios de Roraima, principalmente dos Wapishana que, na perspectiva da historiografia e dos historiadores “oficiais (/ais) desse estado, aparecem, no melhor dos casos, somente como inesgotável reservatório de mão-de-obra barata dos “criadores de gado”[...]

Esta citação dá indicativos da situação em que viviam e como eram vistos os índios dessa etnia em estudo. Convém destacar que a realidade da época construiu caminhos que são refletidos nos dias atuais.

[...] discutir as formas como a sociedade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, vê os indígenas. Através da articulação de diversas “falas”, delinea os vários interesses locais e as disputas na construção de representações funcionais e eficientes de indígena, discutindo o caráter anti-indígena e folclórico que as perpassa. (SANTOS, 2009, p.12).

Nos dias atuais, a caça é uma atividade que não vem sendo mais tão praticada na rotina de vida da comunidade. Esse fato se dá em virtude da constante invasão da área de mata pelos assentados das Colônias Agrícolas das Confianças na região do Cantá (fronteiras das Terras Indígenas Malacacheta), bem como o aumento populacional na região da Serra da Lua, fatores esses, que colaboram para a redução tanto da caça, quanto da pesca. Aliado a isso, verifica-se também novos costumes alimentares adquiridos de não-indígenas.

Os costumes dessa etnia, no contexto atual, buscam ser resgatados, recriando caminhos e possibilidades de interação com a sociedade existente. A busca da

reordenação de seu código sócio-cultural aliado aos costumes e hábitos é uma realidade que pode ser visualizada nos dias de hoje.

## 2.7 A DIMENSÃO CULTURAL NA COMUNIDADE MALACACHETA

A cultura Wapichana há tempos vem sofrendo algumas descaracterizações que a obrigaram a sucessivos processos de reajuste. As principais foram provocadas pela invasão dos brancos (não-indígenas) e também pela derrota sofrida numa guerra com índios da etnia Macuxi, característica na formação de Roraima, dos quais tiveram que assumir vários traços culturais. Assim, a cultura wapichana resulta em uma mistura de traços da própria tradição com a macuxi e, sobretudo, com a dos brancos.

No livro “Índios de Roraima”, da Coleção histórico-etnológica nº1, 1989, do Centro de Informação Diocese de Roraima encontra-se um parágrafo na página 82 que afirma o seguinte:

[...] a guerra que mais durou e que foi, sem dúvida, decisiva para o futuro do Território, os macuxi travaram com os wapixana. Proveniente do Norte, os macuxi lutaram com os wapixana para a conquista da região localizada ao norte do Rio Branco. Foram anos de hostilidades, através dos quais estes dois povos tiveram possibilidades de se conhecerem e, uma vez acabadas as guerras, de conviverem pacificamente até hoje.

O convívio entre índios de diferentes etnias com outra língua e cultura, certamente permite a troca de usos e costumes. Esse fato acaba interferindo na cultura original dos povos. Porém, essa é uma relação inevitável, haja vista que é um processo natural de acontecimento crescente.

Ao longo da história vem sendo cada vez mais comum essa relação de miscigenação entre as diferentes etnias e até mesmo com não-indígenas. Todavia, esse fato leva a língua Wapichana a uma crise e diminui cada vez mais os índios que a sabem falar.

Na Coleção supracitada observa-se a interferência de não-indígenas na cultura dos Wapichana da Comunidade Indígena Malacacheta:

Os wapixana têm uma relevante produção artesanal feita, seja para uso interno, seja, às vezes, para trocas ou venda. Neste contexto chegam os agentes da ASTER com o projeto de produção artesanal. Conhecendo muito pouco o sistema de produção dos wapixana, perguntam se aceitam o projeto e oferecem-se para comprar toda a produção. Em Malacacheta, por exemplo, os wapixana presentes na ocasião da proposta, acostumados mais à produção limitada, perguntaram quantas peças estariam dispostos a comprar. E com grande admiração dos índios, os agentes pediram 200 cestas. (DIOCESE DE RORAIMA, 1989, p. 77)

Sem conhecer com propriedade a realidade de vida da Comunidade Indígena Malacacheta, no que se refere principalmente aos hábitos e costumes, os não-indígenas, de certo modo, impressionaram a todos da comunidade com o projeto apresentado, que muito lhes traria lucro. Contudo, este projeto elaborado por não-indígenas interferiu negativamente na cultura deste povo que não tem na sua história de vida o propósito do lucro e acúmulo de divisas (renda).

Na mesma obra, cita-se o reforço à ruptura no ritmo de trabalho da comunidade:

Propor ao pessoal de uma só maloca trançar 200 cestas, sabendo que, para buscar o cipó precisa andar muito longe, significa quebrar todos os ritmos de trabalho da maloca. Assim, os índios deixaram-se pegar pela febre da produção e, percebendo que nunca iriam conseguir produzir as cestas pedidas mantendo o método de produção tradicional, dividiram as tarefas: uns foram tirar cipó, alguns os preparavam para podê-los trançar, outros ainda, começavam as cestas que, por sua vez, eram completadas por mais outros. (DIOCESE DE RORAIMA, 1989, p. 77).

Sem nunca ter havido antes a necessidade da produção superior e, portanto, diferente do costume, os indígenas sentiram-se despreparados para atender a proposta a eles lançada e, como consequência, forçados a mudar os modos de trabalho. Apesar de ter-se tentado atender o que lhes fora pedido, não houve sucesso

na entrega dos produtos, haja vista que não conseguiram se adaptar a novas formas de trabalho, o que se confirma na citação a seguir:

Esta divisão de tarefas permitiu o aumento da produção, mas prejudicou os demais serviços (sobretudo os da roça), que foram ignorados. Depois de um mês de trabalho tinham conseguido apenas 100 cestas. Venderam-se, mas recusaram-se a continuar a experiência. (DIOCESE DE RORAIMA, 1989, p. 77)

Verifica-se que a interferência na cultura, modo de vida, e produção dos indígenas deu-se nesse momento a partir da relação com os não-indígenas, que forçadamente tentaram impor seu ritmo de trabalho àqueles com diferentes costumes. É interessante analisar como a maneira utilizada certamente com o propósito de ajudar essa comunidade pode desconstruir de certa forma a cultura que ainda resiste.

A Igreja Católica também desenvolve atividades de assistência na Comunidade Indígena Malacacheta e demais comunidades indígenas existentes por todo o Estado.

Os padres incentivaram o cultivo de roças comunitárias, de criações, etc. Os resultados, como vimos, nem sempre são os esperados. Além disso, desenvolvem uma ação de conscientização para a defesa das terras e favorecem a união das várias comunidades através de reuniões periódicas das lideranças indígenas. (DIOCESE DE RORAIMA, 1989, p. 78)

Em algumas regiões, é histórico o impasse existente entre a Igreja Católica e os fazendeiros, donos de propriedades próximas a terras indígenas. Muito embora, esse problema não ocorra na Terra Indígena Malacacheta.

Como vemos na citação anterior, para a igreja é uma questão de conscientização dos direitos indigenistas. Já alguns fazendeiros vêem isso como ameaça ao desenvolvimento do Estado. O fato é que essa questão hoje é cultural e foi disseminada por toda a sociedade (indígena e não-indígena), lembrando que tudo isso gera preconceito e problemas graves ao convívio entre essas populações (indígenas e não-indígenas).

No caso das escolas, a Secretaria de Educação controla toda a rede escolar que atinge todas as malocas Wapichana, havendo também outros órgãos assistenciais que intervêm ativamente em toda a área.

A educação escolar foi utilizada como uma ferramenta de catequização, como aliada na discriminação e na visão ideológica do “índio”, que influenciou a formação do povo brasileiro. São construções ideológicas de desvalorização da imagem do outro, feitas pelo “branco europeu”, que foram inseridas nos currículos escolares, e se perpetuaram por muitos séculos, contribuindo para o massacre cultural dos povos. (ÂNGELO *in Cadernos de Educação Escolar Indígena* p.34, 2002).

Os professores que lecionam nessas escolas podem ser índios ou não. Não sendo índios, hoje já se faz uma análise de comportamento e atitudes, podendo estes ser ou não aceitos pela comunidade, haja vista que a escola pode tornar-se um meio de destruir, de certa forma, alguns aspectos da cultura Wapichana.

Saber que a fronteira entre o senso comum e a ciência está na maneira de compreender e justificar o conhecimento é tornar a ciência muito mais próxima, acessível e atraente... As características que fixam a fronteira entre o conhecimento científico e o senso comum estão relacionadas com maneira de conhecer ou de justificar o conhecimento. (LUNGARZO, 1994, p. 11,12)

## 2.8 A PRESENÇA DO NÃO-INDÍGENA NA COMUNIDADE INDÍGENA MALACACHETA: A INFLUÊNCIA NA CULTURA

É fundamental conhecer se os hábitos e atitudes já sofreram modificações nas gerações mais novas da Comunidade Indígena Malacacheta, devido ao permanente contato com os não-indígenas. Tudo isso pode ter acarretado alguns tipos de prejuízos à vida como o aparecimento de algumas doenças que podem estar relacionadas ao meio ambiente.

Com relação à vestimenta nos dias de hoje, verifica-se que o contato com os não-indígenas levou à alteração do estilo, o qual se adequou ao da população que não é indígena.

Novos comportamentos foram adquiridos e vê-se a busca de alternativas para se adequar a uma realidade diferente da que se tinha no passado.

Dessa forma, considera-se que o ambiente passa por mudanças devido às agressões que vêm sofrendo em virtude do comportamento humano com as atitudes de desrespeito à natureza e até mesmo a perda da identidade étnica a partir de novos costumes aprendidos com os não- indígenas.

Com o aumento da influência dos brancos, nordestinos em particular, as danças foram substituídas pelo forró, toca-discos, sanfonas, etc. Ao mesmo tempo, também as bebidas indígenas (caxiri, etc.) foram parcialmente substituídas pela cachaça. (DIOCESE DE RORAIMA, 1989, p. 72)

Atitudes, vestimentas, alimentação, enfim, o comportamento dos membros da comunidade pode evidenciar a introdução de novos hábitos trazidos pelos não indígenas, contudo, não se pode dizer que tudo que é introduzido pelo não-indígena na comunidade é ruim e traz prejuízos. Os não- indígenas, em alguns casos, podem até ajudar no sentido de incitar a reflexão sobre comportamentos próprios que possam em alguns casos causar danos ao meio ambiente e à vida de um modo geral.

Apesar da integração com populações urbanas ou outras que vivem mais próximas da urbanização, é importante perceber até que ponto os indígenas têm consciência ou estão sensíveis à necessidade de preservação da sua identidade étnica, identificando-se como índios, repassando aos seus dependentes a cultura e costumes característicos de seu povo.

Ainda hoje, os indígenas mantêm muitas de suas tradições, na tentativa de preservar a sua cultura. Analisar a consciência e compromisso da comunidade quanto a mudanças ou não de atitudes e valores, é uma oportunidade de vivenciar uma experiência significativa e prazerosa, além de possibilitar experimentar novas percepções e sensações atreladas ao meio natural, as quais podem interferir nos níveis qualitativos da vida de todos os envolvidos nesta pesquisa.

## 2.9 OS HÁBITOS NA COMUNIDADE INDÍGENA MALACACHETA

A maioria dos wapichana vive em casas unifamiliares, espalhadas num raio de três ou quatro quilômetros do núcleo central, geralmente próximo de rios ou igarapés.

Freqüentemente encontram-se para realizar reuniões, onde são tomadas decisões coletivas, com a aprovação de todo o grupo. Todas essas ocasiões de encontro são, em grande parte, determinadas pelo tuxaua que exerce um poder de autoridade na maloca. O tuxaua organiza também todos os trabalhos da maloca, sobretudo os comunitários.

Existem ainda as festas tradicionais onde são cultuados os mitos tradicionais indígenas, que procuram fortalecer as raízes étnicas existentes. A ocasião mais importante para isso é, sem dúvida, oferecida durante as festas.

No que concerne à estrutura familiar, observa-se que a matrilinearidade (onde a organização de família, clã ou linhagem tem sua descendência contada em linha materna) existente no passado, desapareceu completamente nos wapichana. Nos Macuxi, a descendência dos brancos levou-os a dar maior importância à descendência patrilinear, ou seja, a sucessão é estabelecida pela linha paterna.

Quanto ao resguardo masculino, em virtude da índia que dá luz a sua criança, fato este que já foi um traço muito forte da cultura wapichana, hoje, com o aumento da influência dos brancos, este hábito entrou em crise. Diminuíram-se os dias de resguardo e foram incorporados comportamentos de brancos, como por exemplo, fazer festas.

## 2.10 A PRODUÇÃO PRIMÁRIA E A COMERCIALIZAÇÃO

Ao nível de economia geral, os Wapichana produzem a mandioca, da qual se faz a farinha, que em pequena proporção é trazida e vendida em Boa Vista. A venda maior ocorre na própria comunidade para fazendeiros que moram próximo ou viajantes que por ali passam.

De acordo com Cirino:

Um fator que veio dificultar o escoamento da produção foi o novo código de trânsito que proíbe o traslado de pessoas em cima dos caminhões e isso representa um novo custo no escoamento dos produtos (CIRINO, 2004, p.56).

Reconhece-se dessa maneira que a comercialização de produtos fabricados na comunidade fica de certa forma limitada, devido às dificuldades existentes no que se refere ao escoamento dos produtos. Esse fato propicia o aparecimento de atravessadores que adquirem os produtos por um baixo custo, para que sejam revendidos a preços melhores na cidade.

A comunidade produz também panelas de barro, que são vendidas principalmente nos festejos realizados periodicamente na própria Malacacheta. A produção da cerâmica é realizada numa baixa escala sob a responsabilidade das mulheres. Da mesma forma, são confeccionados cestarias, artesanatos e adornos, que hoje pela influência dos não-indígenas também são chamados de bijuterias. Todos esses objetos são vendidos na própria comunidade. Em algumas ocasiões, são levados para a cidade, a fim de que sejam apreciados e vendidos, principalmente para turistas.

A relação com a sociedade dos brancos, hoje, desenvolve-se de várias maneiras, sobretudo através de um contato direto com a cidade que não fica tão distante da Comunidade Indígena Malacacheta. Isto representa possibilidades cotidianas de transporte, tanto nos carros de fazendeiros, como no ônibus que faz linha entre Boa Vista e a Região da Taboca, passando pela Terra Indígena, onde se encontra a Comunidade. Há de se ressaltar que nos dias atuais, muitos dos indígenas possuem condução própria, principalmente bicicletas e motocicletas.

## 2.11 RESÍDUOS E EFLUENTES NA COMUNIDADE INDÍGENA MALACACHETA

De um modo geral, pôde-se observar que tanto na sede da comunidade como também em moradias mais afastadas é comum o despejo dos efluentes e resíduos sólidos diretamente no solo.

Alguns moradores da sede da comunidade fazem uso da fossa séptica, porém, em algumas dessas casas só é destinada e canalizada para a fossa a água que sai dos banheiros. A água dos lavatórios das cozinhas escorre para o quintal.

Essa realidade é bastante comum em virtude de não haver rede de esgoto na localidade. Sendo essa, muitas vezes, a única alternativa encontrada, bem como a mais econômica para a população que ali reside.

Compreendem as ações de saúde pública a medicina preventiva e social e as atividades de saneamento do meio. Tanto a saúde como a doença encerram problemas que a saúde pública trata de resolver. Além de conservar e melhorar a saúde, a saúde pública se encarrega de prevenir a doença, orientando não apenas o homem doente, mas também o homem são e investigando as causas das doenças que existem no ambiente que o rodeia (PHILIPPI Jr. 1988 *in* PHILIPPI Jr., *et al*, 2009, p.71).

Importante se faz saber que essas populações têm o conhecimento de que o despejo das águas das pias no solo, misturadas a restos de alimentos, leva ao risco de agravo à saúde e à qualidade de suas vidas. Porém, como dito anteriormente, essa é uma questão de alternativa. Por enquanto, não há como ser diferente.

No planejamento dos sistemas que compõem o saneamento do meio, essas ações estão inter-relacionadas, de modo que a implantação parcial de algumas atividades poderá comprometer a eficiência de outras. Por exemplo, na ausência de sistema de tratamento de efluentes, a conseqüência será a contaminação do manancial da cidade, podendo chegar à inviabilização do sistema de abastecimento de água (PHILIPPI Jr., *et al*, 2009, p.74).

As ações de saneamento para a comunidade devem ser pensadas pela sua própria população, em conjunto com os órgãos competentes e responsáveis, para que atendam as suas especificidades. Por se tratar de uma comunidade indígena, deve ter

um enfoque diferenciado, de modo a considerar e respeitar as características locais, culturais, sociais e ambientais.

O destino final dos resíduos sólidos, assim como o dos efluentes, é um grave problema observado principalmente na sede da comunidade. Reconhece-se que o uso de produtos industrializados (garrafas de plástico e vidro, latas, utensílios descartáveis, entre outros) colabora para o agravamento do problema, pois, não há o serviço de coleta de lixo e estes, vão se acumulando nos quintais e arredores das casas.

Não há lixeira, assim como não há rede de esgoto na comunidade. Essa é uma realidade que ainda vai perdurar por tempos, haja vista a inexistência de estrutura local para a prestação de serviços deste tipo.

Esse é um aspecto que merece atenção especial por parte das autoridades governamentais com responsabilidades sobre os indígenas, e principalmente por parte dos moradores, que devem pensar em soluções viáveis para os problemas que afetam a sua comunidade.

## 2.12 O USO DOS RECURSOS NATURAIS NA COMUNIDADE INDÍGENA MALACACHETA: ALIMENTAÇÃO E MEDICINA

As atividades agrícolas na comunidade são exploradas dentro do que se denomina de agricultura familiar. Cada unidade familiar mantém uma roça em área delimitada, sendo que no momento da colheita é comum a realização de mutirões como forma de adiantar os trabalhos do grupo.

Na comunidade, a alimentação ainda apresenta características próprias das populações indígenas. Os Wapichana exploram o que a natureza pode lhes oferecer, apenas como meio de sobrevivência. A mandioca, pimenta, milho e algumas frutas, bem como animais de caça e pesca são as principais fontes de alimentação desta população.

Sabe-se que a alimentação é um importante meio de prevenir e curar doenças. Contudo, quase nada se faz para prevenção, o que traz como resultado a necessidade

de assistência, sendo tomadas providências que levam na maioria das vezes apenas a remediar as situações. Esse é um problema que está intimamente ligado à educação, sendo observado entre populações diversas.

Revisar os hábitos torna-se interessante no sentido de cultivar um estilo de vida mais sadio. Os remédios caseiros à base de frutas, hortaliças, folhagens, batatas, entre outros são eficientes em inúmeras situações. É claro que uma determinada fruta, folha ou hortaliça poderá não curar totalmente uma enfermidade, porém, observa-se que existem resultados bastante positivos quanto a esse tipo de medicina.

A continuar a devastação indiscriminada e criminosa de nossas florestas, cerrados, manguesais, banhados, prados e tantos outros ecossistemas, devemos temer seriamente a perda definitiva de infindáveis espécies de nossa flora medicinal, muitas das quais ainda nem conhecidas (LUTZENBERGER, 1988, p.12).

Os indígenas da Malacacheta conhecem inúmeras plantas e usam a floresta como farmácia. Extraem dela remédios para tratar de muitos problemas, como diarreia, gripe, entre tantas outras doenças próprias da região.

A terapêutica vegetal também tem feito muitas pesquisas coroadas de sucesso, e muitos médicos, deixando de lado a medicina oficial, alópata, usam as plantas, com grande proveito na cura das moléstias (BALBACH, 1993, p.8).

Em cada moradia da comunidade indígena pelo menos uma pessoa conhece ou entende do preparo e aplicação de remédios caseiros da rica e variada flora medicinal encontrada nesta região da Amazônia brasileira.

Não se engane ninguém pensando que os produtos químicos, que abarrotam a praça, têm as virtudes curadoras alardeadas nos rótulos. Via de regra, as drogas empregadas para curar um órgão prejudicam outros órgãos (BALBACH, 1993, p.8).

Os indígenas fazem bastante uso de remédios feitos a partir das plantas e, em muitos casos, utilizam a gordura de alguns animais para tratamentos prolongados de determinadas doenças consideradas mais graves.

### 2.13 A SENSIBILIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO: DETERMINANTES DAS PERCEPÇÕES HUMANAS

A sensibilização ambiental na comunidade pretende atingir uma predisposição da população para uma mudança de atitudes. Esta mudança de atitudes é o que vai indicar mudança no pensamento da população, ou seja, se depois de sensibilizada apresenta uma atitude mais correta para com o ambiente.

A sensibilização ambiental é, portanto, fundamental para a mudança comportamental de qualquer indivíduo, em qualquer faixa etária, no que se refere à preservação do meio ambiente.

Ao se falar de sensibilização em se tratando de ambiente é interessante ainda salientar que uma informação que se recebe acerca das questões ambientais não causa mudança no comportamento das pessoas, é necessário a participação no processo de construção dos questionamentos que surgem, para então se compreender a informação e assim estar sensível às questões que dizem respeito ao ambiente.

A sensibilização então ocorre de forma gradativa, num processo educativo, onde o entendimento é evidenciado a cada palavra proferida ou atitude expressa por alguém de um grupo que está sendo trabalhado.

Segundo Macedo et al (2000, p. 3):

A percepção ambiental é definida como sendo as diferentes maneiras sensitivas que os seres humanos captam, percebem e se sensibilizam pelas realidades, ocorrências, manifestações, fatos, fenômenos, processos ou mecanismos ambientais observados *in loco*. Realça-se a importância da percepção ambiental principalmente por ser a mesma, considerada a precursora do processo que desperta a conscientização do indivíduo em relação às realidades ambientais observadas.

Depois de estar sensibilizado às questões ambientais, o indivíduo, grupo ou comunidade passa de um nível a outro, ou seja, sensível às questões que dizem respeito ao ambiente e à vida na qual ele tem responsabilidade, passa então a refletir sobre as causas e conseqüências das suas ações. A partir daí, começa então a refletir acerca dos acontecimentos e identificar problemas reais e futuros relacionados ao comportamento de todos que vivem na comunidade.

A conscientização pode-se dizer que é a revelação de informações ou características antes desconhecidas pelos membros da comunidade, e esta pode ser demonstrada através da expressão do sentimento evidenciado num ato qualquer que tenha alguma relação com o meio ambiente.

A Educação Ambiental é um processo permanente em que os indivíduos e a coletividade tomam consciência de seu meio e adquirem os conhecimentos, os valores, as competências, as experiências e também, a vontade capaz de fazê-los atuar individual e coletivamente, para resolver os problemas atuais e futuros do meio ambiente. (GUIMARÃES, 1995 p.26).

A Educação Ambiental é o elemento essencial para a implantação do Desenvolvimento Sustentável das sociedades, onde devem ser utilizadas estratégias para a promoção do conhecimento, para a compreensão, habilidades e motivação, de modo que possam adquirir atitudes, mentalidades e valores necessários para lidar com questões e problemas ambientais.

O meio natural do qual o homem depende tanto para sua existência, muitas vezes tem sido negligenciado e renegado a um segundo plano em detrimento da valorização de outros elementos, tais como o aumento desenfreado de áreas urbanas, a corrida em busca de bens de consumo, entre tantos outros.

Torna-se necessário então ampliar a compreensão do universo relativo aos fatores que dizem respeito ao consumo do meio natural, reconhecendo a importância da interação homem-natureza e procurando entender como se processa e como pode se processar essa interação.

É possível promover entre os alunos a sensibilização e conscientização para a proteção ambiental, bem como a valorização do patrimônio histórico cultural da comunidade, levando-os a observar melhor os campos, as matas, os igarapés e, contraditoriamente as moradias hoje existentes com as suas diferenças nos materiais utilizados para as construções, o despejo de resíduos descartáveis e dos efluentes. Enfim, costumes adquiridos com os não indígenas os quais se tornam uma ameaça para a rica história dessas populações.

É importante se trabalhar o ambiente através do desenvolvimento de aulas com metodologia participativa e dinâmica: o meio ambiente externo, com aquilo que a nossa visão consegue captar e o meio ambiente interno/pessoal (exercitando a memória), remetendo-se para o corpo, a alimentação, saúde e a mente.

É preciso que todos aprendam a tirar proveito do ambiente, de forma sustentável, satisfazendo as necessidades do presente, sem comprometer as gerações futuras.

Analizando Tristão:

A Educação Ambiental pode resgatar as sensações valorativas para que as subjetividades individual e coletiva criem um sentimento de pertencimento à natureza, de um contato íntimo com a natureza para perceber a vida em movimento de equilíbrio/ desequilíbrio, organização/desorganização, vida/ morte, o belo e o bom nela contidos. (TRISTÃO, 2005, p.261)

É interessante, ao se trabalhar com os alunos nas escolas, passar a estes essa visão ampla de educação ambiental, reforçando a idéia de que meio ambiente não são só animais e plantas, somos nós e todas as coisas que nos rodeiam.

As aulas podem ampliar a discussão dos temas ambientais, saindo de temas específicos como a reciclagem de latas e garrafas, bem como da manutenção do ambiente visual limpo, propiciando aos alunos o entendimento do que é o patrimônio cultural da comunidade. A preservação do meio ambiente então deve ser entendida na sua concepção mais transversalizada do saber.

### 3 MARCO METODOLÓGICO

A pesquisa adotou os princípios da abordagem qualitativa, desenvolvendo aspectos da abordagem referida com questões abertas e observações *in loco*, privilegiando os aspectos culturais e hábitos capazes de serem modificados pela influência dos não-indígenas na Comunidade Indígena Malacacheta.

#### 3.1 TIPO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A metodologia utilizada foi baseada na observação e interpretação de falas, hábitos e culturas evidenciadas nas entrevistas e observações realizadas. Foi utilizado o Método Hermenêutico, com o auxílio da Análise de Conteúdo e o Descritivo-Analítico, priorizando as informações que atendessem às categorias selecionadas para esta investigação.

O Método Hermenêutico significa a compreensão dos eventos históricos, valores e cultura. Este método está orientado para a interpretação da relação dos homens entre si, ao que corresponde neste processo um interesse prático-comunicativo para a compreensão do conteúdo. As concepções de homem, de história, de realidade, entre outros, apresentam-se presentes de forma explícita em toda investigação que utiliza este método.

As pesquisas que se fundamentam em histórias de vida, estudos de caso, análises interpretativas e descritivas são melhores desenvolvidas pela hermenêutica e dialética.

Segundo Gamboa, a pesquisa “para enfoques hermenêuticos, a interpretação e a compreensão são indispensáveis dentro da necessidade que os homens têm de se comunicar [...] nesta abordagem o sujeito é privilegiado, isto é, o processo é centralizado no sujeito” (2007, p.176) e, nas pesquisas dialéticas, “o homem é concebido como ser social e histórico, que, embora determinado por contextos econômicos, políticos e culturais, é seu criador e transformador.” (2007, p.177).

Neste estudo, o Método Hermenêutico foi utilizado aliado à Análise de Conteúdo. A metodologia também teve enfoque analítico e descritivo.

Como instrumentos para coleta de dados, os caminhos investigativos utilizados foram questionários, entrevistas (registro de falas e do comportamento das pessoas do grupo), imagens oriundas da observação *in loco*.

As questões investigadas foram abertas e semi estruturadas, atendendo os diferentes objetivos específicos e presentes no *design* da pesquisa. Para a explicação do problema investigado também foi utilizada como subsidio a pesquisa bibliográfica, fundamental na busca das respostas ao problema da pesquisa.

Quanto à Análise de Conteúdo, usada como uma técnica analítica, fundamentada em categorias principais e específicas, de acordo com Franco (2005), significa expressar e fazer inferência posto o objeto da pesquisa. Os resultados da análise de conteúdos devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas.

De acordo com Galiazzi (2003), a Análise de Conteúdos significa ler aquilo que se apresenta de forma crítica e com compromisso político, o que pode propiciar uma análise mais profunda do que está sendo estudado, a fim de contribuir para uma realidade diferente, mais justa e com oportunidades mais equalizadas.

Em relação ao Método Descritivo-Analítico, o mesmo significa descrever características de determinada população ou fenômeno, baseado na observação, análise, registro e interpretação dos fatos, o que possibilita o estabelecimento de relações entre variáveis, isto é, aquelas que visam estudar as características de um grupo e assim, dialogar com saberes múltiplos. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

A construção de uma matriz analítica foi um grande instrumento que veio concatenar os dados fundamentais da pesquisa, trazendo como resultado respostas à investigação.

### 3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Como atividades previstas para o processo investigativo que possibilitou a construção desta dissertação, destacam-se: a construção do projeto de pesquisa, a construção dos Marcos Teórico e Metodológico, a elaboração dos Instrumentos de Coleta de Dados-ICD, a aplicação dos ICD nos diversos segmentos da amostra e a sistematização dos dados coletados.

### 3.3 POPULAÇÃO ALVO E AMOSTRA

A população-alvo foi constituída por indígenas e não-indígenas, sendo todos os indígenas pesquisados integrantes da Comunidade Indígena Malacacheta, que de acordo com o censo local do ano de 2009, no ano citado possuía uma população de 904 indígenas. Deste total, foram aplicados questionários para 35 indígenas que se encontram numa faixa etária de 20 a 60 anos de idade. Cada indígena entrevistado nesta pesquisa representa uma família na comunidade.

A partir de dados coletados no censo local, realizado pela própria comunidade, existiam naquele ano 385 indígenas na faixa etária delimitada para o estudo, o que representa um percentual de 9,09% de pessoas entrevistadas dentro de um total de 35 pessoas, representando em torno de 35 famílias.

Os não-indígenas moradores da região próxima a Terra Indígena Malacacheta também foram entrevistados, sendo aplicado o mesmo questionário utilizado com os indígenas, para um total de 20 pessoas. Destacamos que as entrevistados responderam em duplas, prevalecendo sempre às idéias consensuais em cada dupla.

### 3.4 DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS – ICD

Apresentamos a seguir a caracterização de cada ICD utilizado na pesquisa, bem como da amostra onde foi utilizado.

#### **3.4.1 Instrumento de Coleta de Dados 01/09 – Matriz Analítica dos registros bibliográficos existentes sobre a Comunidade Indígena Malacacheta**

Foi organizada uma Matriz Analítica contendo os indicadores investigados e as informações extraídas das obras analisadas. Estas informações serviram de referência para as análises dos dados coletados.

#### **3.4.2 Instrumento de Coleta de Dados 02/09 – Entrevista**

Este instrumento foi aplicado no 2º Semestre de 2009 com os membros da comunidade investigada. O ICD estava estruturado em quatro questões referentes aos indicadores analisados na pesquisa. Cada entrevistado recebeu uma denominação, tipo: PI 01 (pesquisado indígena 01).

As entrevistas realizadas com os não-indígenas ocorreram no 1º semestre de 2010, alcançando vinte moradores no entorno da Comunidade Indígena de Malacacheta.

#### **3.4.3 Fotos e Filmagens**

As fotos e as filmagens foram realizadas no mês de novembro de 2009, na comunidade em estudo, procurando alcançar a maior variedade de focos e ambientes, sem, no entanto, perder o foco da pesquisa e da amostra.

### 3.5 DESIGN DA PESQUISA

A seguir, apresentamos o quadro (figura 4) contendo o design da pesquisa, onde articulamos cada objetivo específico com os métodos, as técnicas e os instrumentos de coleta de dados utilizados nos diferentes caminhos investigados percorridos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	MÉTODOS	TÉCNICAS PARA ANÁLISE DOS DADOS	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS
a) Analisar diferentes fontes bibliográficas que relatam aspectos históricos da Comunidade Indígena Malacacheta, usando como indicadores: hábitos, costumes, cultura, ambiente, alimentação, produção e comercialização de alimentos;	Hermenêutico	Análise de Conteúdos com o uso de indicadores previamente definidos, baseando-se nos autores e obras lidas.	Usando Matriz Analítica estruturada com os seguintes indicadores(I) : I 1- Hábitos; I 2 - Costumes; I 3 – Cultura; I 4 – Ambiente (preservação, uso e recuperação); I 5 – Alimentação; I 6 - Produção e Comercialização de Alimentos.
b) investigar as percepções dos indígenas da Comunidade Indígena Malacacheta em relação ao ambiente, entrevistando-os em relação aos indicadores selecionados, possibilitando a construção de um diagnóstico sobre a temática;	Hermenêutico	Análise de Conteúdos com o uso de indicadores previamente definidos.	Uso de Indicadores pré-definidos: hábitos, costumes, cultura, ambiente, alimentação, produção e comercialização de alimentos e presentes nas entrevistas realizadas.
c) analisar a cultura tradicional da Comunidade Indígena Malacacheta usando a observação <i>in loco</i> e a leitura de imagens que identificam as mudanças nas características típicas da comunidade;	Analítico Descritivo	Diário de Campo	Uso de Indicadores pré-definidos: hábitos, costumes, cultura, ambiente, alimentação, produção e comercialização de alimentos e presentes nos relatos das observações <i>in loco</i> .
d) investigar os hábitos, costumes, cultura, ambiente, alimentação, produção e comercialização de alimentos dos indígenas na comunidade; usando os mesmos indicadores aplicados aos não-indígenas;	Hermenêutico/ Comparativo	Comparação dos resultados obtidos com a análise descritiva dos dados dos objetivos b-c.	Matriz Analítica Comparativa e Interpretativa.

<p>e) identificar os aspectos relacionados à sensibilização e à conscientização existente na cultura tradicional indígena Malacacheta, comparando os hábitos e costumes tradicionais da comunidade ao dos não-indígenas.</p>	<p>Analítico-descritivo</p>	<p>Comparação dos resultados obtidos com as análises anteriormente.</p>	<p>Dados coletados nos instrumentos anteriores.</p>
--	-----------------------------	---	---

**Figura 4 - Design da Pesquisa**

#### **4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS EM RELAÇÃO AOS INDICADORES SELECIONADOS**

##### **4.1 ICD 01/09- MATRIZ ANALÍTICA DOS REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS EXISTENTES SOBRE A COMUNIDADE INDÍGENA MALACACHETA DE ETNIA WAPICHANA.**

A figura 5 contém uma síntese das idéias extraídas das leituras das obras identificadas, abordando posições dos autores em relação aos indicadores destacados nesta pesquisa. A intenção para a construção da tabela foi oriunda da necessidade de definição de uma referencial teórico que desse sustentação ao processo discursivo com os dados coletados, possibilitando a triangulação: dados, opinião dos autores e opinião da pesquisadora.

INDICADORES INVESTIGADOS	FONTES BIBLIOGRÁFICAS ANALISADAS
<b>Fonte 1: Livro A “BOA NOVA” NA LÍNGUA INDÍGENA</b>	
<b>HÁBITOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) No passado, confeccionavam sandálias;</li> <li>b) Constroem suas malocas;</li> <li>c) Criam animais.</li> </ul>
<b>COSTUMES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) No passado, as índias arrancavam dois dentes superiores.</li> <li>b) Nunca lavavam sua tangas.</li> <li>c) Pintavam o corpo em dias festivos.</li> <li>d) O cabelo das mulheres tinha o corte longo e o dos homens curto.</li> <li>e) Na festa do caxiri (bebida embriagante), os índios dali já saíam com suas esposas</li> </ul>
<b>CULTURA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Pesca e caça.</li> <li>b) O Pajé era um médico curandeiro e detinha verdadeiro poder de mando.</li> <li>c) Durante o ritual de cura acreditavam que a alma se retirava do corpo.</li> <li>d) O Tuxaua tinha uma posição de menor prestígio que o Pajé.</li> <li>e) Como adorno colocavam um ou mais “epingles” (objeto introduzido no furo artificial do lábio inferior).</li> <li>f) Tinham grande temor pela morte.</li> <li>g) Os casamentos ocorriam cedo.</li> <li>h) Eram exogâmicos.</li> <li>i) O índio tirava o resguardo da esposa.</li> <li>j) Realizavam rituais (Dança do Parischara) para fertilização da caça e da pesca.</li> </ul>
<b>AMBIENTE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Se localizam próximo das margens de rios e igarapés.</li> <li>b) No passado existiam dois agrupamentos de casas.</li> <li>c) Levam uma vida tranqüila.</li> <li>d) As malocas tinham forma redonda ou oval e algumas forma retangular.</li> <li>e) As malocas tinham apenas uma porta e eram cobertas com folhas de palmeira de buriti.</li> </ul>
<b>ALIMENTAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Farinha e beiju.</li> <li>b) Milho e mandioca servem para a produção do caxiri.</li> <li>c) Peixe.</li> </ul>
<b>PRODUÇÃO PRIMÁRIA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Cultivam mandioca, tabaco, milho, cana de açúcar, banana, ananás, inhame, batata e jerimum.</li> </ul>
<b>COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) É feita no mercado de Boa Vista.</li> <li>b) Fazem trocas entre índios.</li> </ul>
<b>Fonte 2: Livro NUHSA - Revista do Núcleo Histórico Socioambiental – Volume 1 Número 1.</b>	
<b>HÁBITOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) As relações sociais são dinâmicas e intensas entre os grupos.</li> </ul>
<b>COSTUMES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Fabricam objetos que integram a sua cultura.</li> </ul>

<b>CULTURA</b>	a) Todos são bilíngües, falam o Português e o Wapichana.
<b>AMBIENTE</b>	a) Convivem com integrantes de outros grupos tribais. b) Tem relações pacíficas.
<b>ALIMENTAÇÃO</b>	a) Animais de caça e de criação.
<b>PRODUÇÃO PRIMÁRIA</b>	a) Criam animais como forma de complementar a alimentação.
<b>COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS</b>	-----
<b>Fonte 3: Livro NUHSA - Revista do Núcleo Histórico Socioambiental – Volume 1 Número 2.</b>	
<b>HÁBITOS</b>	a) Migram em tempos.
<b>COSTUMES</b>	a) Plantam as roças sem pousio. b) Fabricam seus instrumentos de trabalho.
<b>CULTURA</b>	a) Procuram reafirmar seus códigos culturais, mesmo que redefinidos.
<b>AMBIENTE</b>	a) Cada unidade familiar mantém uma roça.
<b>ALIMENTAÇÃO</b>	a) Peixe, animais de caça, mandioca, farinha, beijú, entre outros.
<b>PRODUÇÃO PRIMÁRIA</b>	a) Cultivam culturas diferenciadas por meio de roças.
<b>COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS</b>	a) A farinha é o produto mais comercializado.

**Figura 5 - Matriz Analítica ICD 01/09**

O indicador Hábitos, considerado por Bourdieu (apud CUCHE, 2002, p.91), como “a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores” permite ao grupo “perseverar em seu ser” [ibid]. (...) é profundamente interiorizado e não implica consciência dos indivíduos para ser eficaz. Ele é capaz de inventar meios novos de desempenhar antigas funções diante de situações novas [ibid]. Ele explica porque os membros de uma mesma classe agem freqüentemente de maneira semelhante sem ter necessidade de entrar em acordo para isso.” (p.172)

O *habitus* é então o que permite aos indivíduos se orientarem em seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com sua vinculação social. Ele torna possível para o indivíduo a elaboração de estratégias antecipadoras que são guiadas por esquemas inconscientes, “esquemas de percepção, de pensamento e de ação” [ibid.p.91] que resultam do trabalho de educação e de socialização ao qual o indivíduo está submetido e de “experiências primitivas” que a ele estão ligadas e que têm um “peso desmesurado” [ibid.,p.90] em relação às experiências posteriores. (2002, p.172)

Os autores lidos indicam que, para empreender longas viagens, os índios no passado tinham o hábito de confeccionar sandálias, fazendo um par para cada dia, pois o desgaste era rápido.

De acordo com a pesquisa, as suas malocas sempre foram construídas há cerca de meia hora de caminhada das margens dos rios e igarapés, como forma de precaverem-se das constantes enchentes no período de inverno. Estes, periodicamente migram e constroem uma nova maloca para morar.

No que se refere ao convívio do grupo, os indígenas estabelecem relações sociais bastante dinâmicas e intensas, devido à proximidade entre as malocas.

Cirino (2009) escreve que “as atividades econômicas dos Wapichanas se concentravam em torno do cultivo das roças, da pesca, da caça e da fabricação dos instrumentos de trabalho.”

Estes plantam suas roças sem *pousio* (modalidade de plantio intenso, sem descanso para a terra), o que diminui a produtividade por hectare.

Segundo Hobsbawn e Ranger:

O “costume” não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. [...] a decadência do “costume” inevitavelmente modifica a tradição à qual ele geralmente está associado. (2002, p.10)

Ao se tratar de costumes, as jovens índias no passado arrancavam os dois dentes incisivos do meio do maxilar superior para ficarem mais bonitas. Ainda com o intuito de se tornarem bonitas nunca lavavam suas tangas, pois achavam que as lavando se tornariam menos bonitas.

Isto é confirmado por Cirino (2009):

A tanga das mulheres, confeccionada com miçangas e ornada ao meio com o desenho de uma cruz, era sustentada por um cordão de tucum. As índias nunca lavavam suas tangas, pois achavam que isto as tornaria menos bonitas. As tangas eram jogadas fora quando começavam a exalar mau cheiro. (2009, p. 93).

Pintavam o corpo com tinta de jenipapeiro em dias festivos, principalmente a testa e as coxas. Quanto ao cabelo, o de todas as mulheres era cortado curto sobre a testa e longo sobre as têmporas e a nuca. Os dos homens eram cortados da mesma maneira, porém, um pouco mais curto.

Realizavam uma festa denominada festa do *caxiri* (bebida embriagante), onde os índios cantavam, dançavam, bebiam muito e comumente dali já saiam com esposas. Não havia cerimônia, nem anúncio formal de casamento.

Realizava também um ritual denominado a *Dança do Parischara*, para que houvesse a fertilização da caça e da pesca.

Através das festas e danças tradicionais, procuram reafirmar seus códigos culturais, mesmo que redefinidos.

Ainda hoje têm o costume de fabricar seus instrumentos de trabalho e objetos que integram a sua cultura. Quando se trata da cultura, tempos atrás a pesca e a caça eram atividades exclusivas dos homens, ao passo que as mulheres se concentravam no cultivo das roças, na colheita e no transporte da produção.

Segundo Levi-Strauss “nós chamamos de cultura todo conjunto etnográfico que apresenta, em relação a outros, diferenças significativas, do ponto de vista da pesquisa [...]” (in CUCHE, 2002, p.141).

Os casamentos ocorriam cedo, depois de a menina atingir a puberdade. Eram exogâmicos, pois a esposa era sempre levada para morar na casa do pai do marido. Quando a índia paria, o esposo tirava o resguardo por trinta dias, deitado numa rede.

Para estes índios, o Pajé era um médico curandeiro, capaz de prever o futuro e descobrir as causas da má sorte. Em tempos passados, e durante as guerras com outros grupos indígenas, o Pajé detinha verdadeiro poder de mando.

Durante o ritual de cura, os índios acreditavam que a alma se retirava do corpo indo até a serra mais próxima para trazer o auxílio da alma de outros Pajés mortos.

Os Wapichana tinham grande temor pela morte, acreditando que os mortos poderiam fazer aparições. Nos primeiros instantes após o falecimento havia lamentos, lágrimas e cantos que expressavam a dor. O corpo era sempre enterrado com o rosto para cima e para o nascente. Quando homem, sua flecha e arco eram quebrados e postos sobre o corpo, quando mulher, suas panelas e cestos eram jogados no fogo.

Quanto ao Tuxaua, este tinha uma posição de menor prestígio. A ele cabia a função de convocar um conselho de homens adultos, determinar os dias das grandes festas e convocar expedições de caça e pesca. Ao tuxaua não era pertinente impor castigos e punições.

Os Wapichana de ambos os sexos usavam como adorno um ou mais *epingles* (objeto introduzido no furo artificial do lábio inferior), costume que tinha um papel importante no ornamento indígena, pois, os distinguiam dos outros grupos da região.

Segundo Burnett:

Cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade. (Burnett in CUCHE, 2002, p.35)

Na aldeia de Jacamim (integrante da Terra Indígena Malacacheta) todos são bilíngües, falam duas línguas: o Português e o Wapichana, sendo esta última com maior fluência.

Em se tratando do ambiente, os grupos se localizam próximo das margens de rios e igarapés, na Região da Serra da Lua. É importante fixar um conceito com características próprias para ambiente.

Segundo Almeida (1997, p. 188):

A ecologia, segundo nossa compreensão, é um campo de conhecimento que está fundamentado no estudo do funcionamento das relações estabelecidas entre as espécies bióticas e os elementos abióticos formadores de um ecossistema, o qual compreendemos como um complexo relacionamento desordenado, interativo, dinâmico e constante de energia e matéria nos meios físico e biológico, possuindo uma capacidade auto-organizativa e reprodutiva, que permite a geração e manutenção da vida.

No passado existiam dois agrupamentos de casas, distantes uma da outra cerca de 8 km. A maioria das casas ou malocas tinha forma redonda ou oval, mas era possível encontrar algumas de forma retangular. Todas as malocas tinham apenas uma porta, de mais ou menos um metro de altura, com telhado em forma de cone e coberta com folhas de palmeira de buriti.

De um modo geral, os indígenas moram em malocas, convivem com integrantes de outros grupos tribais e se relacionam com os não-indígenas pacificamente. Cada unidade familiar mantém uma roça, onde produzem diversos produtos. Esta comunidade leva uma vida tranqüila, mantendo ainda os aspectos mais essenciais e importantes da sua cultura, apesar da inevitável influência externa.

Quanto à criação de alguns animais, verificou-se que circulam pela casa junto com as crianças, cães e tartarugas.

Ao se fazer referência à alimentação, a farinha e o *beijú*, ambos feito da mandioca, são os alimentos diário do grupo. Há também o milho, que assim como a mandioca, é utilizado para a produção de bebidas. Da mandioca se faz o *caxiri* e do milho se faz o *aluá* (bebidas que ao serem fermentadas, adquirem teor alcoólico). Tais bebidas são indispensáveis ao cotidiano dos índios.

Os indígenas são grandes consumidores de peixe e utilizam vários tipos de armadilhas na pesca, dentre estas, venenos empregados para esse fim. Alimentam-se também de animais de caça e de criação.

Quanto à produção primária, cultivam mandioca, tabaco, milho, cana de açúcar, banana, ananás, inhame, batata e jerimum e, ainda como forma de complementar a alimentação, criam animais.

Ao se tratar da comercialização de alimentos, verifica-se que a farinha é a base do comércio da comunidade. Estes escoam o excedente da produção da farinha para o mercado de Boa Vista e fazem trocas entre índios da região, porém, esse não constitui um comércio regular.

#### 4.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS 02/09: ENTREVISTAS COM INDÍGENAS

No instrumento 02/09 os dados coletados permitiram a construção de um diagnóstico sobre as percepções dos indígenas da Comunidade Indígena Malacacheta em relação ao ambiente, buscando nas entrevistas realizadas o estabelecimento de uma relação das opiniões com os seguintes indicadores: ambiente (preservação, uso e recuperação); destino dos resíduos e efluentes e o aproveitamento dos recursos naturais (alimentação e medicina).

Foram entrevistados 35 indígenas da Comunidade Malacacheta, situados na faixa etária entre 20 e 60 anos. Houve uma reunião prévia para explicar o que se pretendia com a pesquisa. Após, foi distribuído o instrumento de pesquisa, constituído por quatro questões, referentes aos indicadores já citados.

Na análise dos dados coletados usou-se a interpretação das respostas oferecidas pelos entrevistados, caracterizando o Método Hermenêutico, acompanhado da técnica da Análise de Conteúdos. Cada indicador constitui-se em uma categoria principal (CP). Para cada CP foi construído um conjunto de Categorias Específicas (CE), utilizando o conjunto de idéias semelhantes que se repetiam a cada CP analisada.

#### 4.2.1 Matriz Analítica com base nas entrevistas realizadas com indígenas.

Para o registro e posterior análise dos dados coletados, construiu-se uma Matriz Analítica, contendo as categorias principais, acompanhada das percepções dos entrevistados. Estes dados foram registrados mantendo a grafia original constante nas respostas dos indígenas. Posteriormente, elaborou-se o conjunto de CE para cada CP. A partir daí, realizou-se o processo de análise das percepções diante dos autores selecionados e presentes no referencial teórico.

APÊNDICE B INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS ENTREVISTA	CP1 - SIGNIFICADO DE AMBIENTE: Preservação, uso e recuperação.	CP2 - DESTINO FINAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS	CP3 - DESTINO FINAL DOS EFLUENTES	CP4 - APROVEITAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS: Alimentação e medicina.
PI 01	<i>É importante deixa tudo limpo, cuidar das plantas, porque senão elas se acabam e depois a gente vai precisar e não vai mais ter as planta.</i>	<i>Joga mais longe de casa.</i>	<i>Joga no terreiro.</i>	<i>Peixe, caça e farinha. Remédio de hortelã para gripe.</i>
PI 02	<i>É importante para comunidade, preservar o ambiente porque evita doenças, quando está tudo limpo, quando ninguém cuida, aparecem doenças como malária, dengue, gripe</i>	<i>É jogado num buraco no quintal e lá é queimado.</i>	<i>Escorre para quintal, em rego que vai para as plantas</i>	<i>É feito remédio de plantas, principalmente para diarreia e gripe. Comemos muito peixe com farinha e às vezes caça, no verão é mais peixe.</i>
PI 03	<i>É difícil preservar, mas é importante pra vida de todo mundo.</i>	<i>Joga num buraco no quintal</i>	<i>Vai para o quintal.</i>	<i>Caça, peixe e farinha Salva do campo faz chá pra gripe. Flor de araquá pra diarreia.</i>

<b>PI 04</b>	<i>preservar o meio ambiente, não destruir. Quando destrói, homem tem que procurar a recuperar e preservar para que não seja destruída novamente e cuidar bem</i>	<i>Na minha casa não jogamos fora Juntamos para fazer a reciclação para artesanato.</i>	<i>do lavatório vai diretamente para o solo porque não tem encanação, e nem esgoto o banheiro é cisterna.</i>	<i>Salva do campo, usamos para banho pra gripe Caimbé usamos para anticicatrizante e inflamação no útero. Peixe na alimentação banana, macacheira, manga, caça</i>
<b>PI 05</b>	<i>Preservar o meio ambiente é importante serve para vivermos em um ambiente mais limpo, sem nenhuma poluição no ar dando o ser humano mais tempo de vida, evitando doenças graves e a preservação dos abtates do seres que aqui existem e dependem dele.</i>	<i>Muitos lixos às vezes são queimados, jogados em terrenos baldios mais também existe um lugar distante onde são depositados quase todos que é somente de do centro da Comunidade.</i>	<i>As águas usadas em domicílio vão direto para solo principalmente as das torneiras, das pias irão para fossa ou valas.</i>	<i>Aquí existe em algumas casas plantações de verduras e legume. A plantas medicinais como a erva do campo e serve para Acalmar, pressão alta O bodo também serve para isso, casca de cajueiro serve para a Diarréia mastruz para vermes.</i>
<b>PI 06</b>	<i>importante, porque o meio ambiente nos oferece a vida saudável</i>	<i>são devolvidos para a empresa fabricante ou jogado no aterro sanitário</i>	<i>A maioria são destinado a fossa ou esgoto</i>	<i>alimentação, frutas bananas farinha carne tais como caça etc medicina boldo serve para combates a malária e dor de cabeça</i>
<b>PI 07</b>	<i>Porque é fundamental, para nós vivermos num mundo limpo, saudável para vida do ser humano.</i>	<i>Precisamos fazer lugar, que possa ser colocados os lixos, um local bem afastados das cidades.</i>	<i>Principalmente uma rede de esgoto, isso prevalece muito esse tipo de efluentes.</i>	<i>* Principalmente a alimentação são: farinha, tapioca, beiju e caças e pescas. * a natureza que nós oferece com as plantas que aqui existe, fazendo os remédios caseiros.</i>
<b>PI 08</b>	<i>É importante preservar o meio ambiente porque nós estamos vivendo num tempo em que tudo é poluído. Existe muito lixo que vem prejudicar a vida de todo mundo. Se não tiver cuidado agora, depois não terá mais jeito de recuperar o que foi perdido.</i>	<i>São jogados num lugar distante de casa – amontoados.</i>	<i>Água de banho e pia escorre para quintal</i>	<i>A terramicina é uma planta utilizada para fazer remédio que funciona como antibiótico. O mastruz é utilizado como purgante e também cicatrizante. O alimento mais consumido é a farinha, o peixe e caça.</i>

<b>PI 09</b>	<i>É importante cuidar para não se acabar com as plantas e os animais.</i>	<i>Coloca tudo num buraco onde é queimado afastado do quintal.</i>	<i>Vai pro quintal</i>	<i>Frango, Peixe, Farinha, Manga Toma chá de Salva do campo pra gripe Mastruz pra verme Batatinha roxa de nome marupá pra diarreia, amassa coloca na água e depois bebe.</i>
<b>PI 10</b>	<i>Bom É importante sim, porque se a gente preservar mesmo as crianças ficam de bem com a vida e até mesmo todos nós, se o ambiente não for bem preservada. o ambiente fica totalmente diferente e também as doenças surgem de todo lugar</i>	<i>A minha resposta é que os lixos a maioria são jogados no quintal ou nas matas e algumas pessoas queimam e até na comunidade ajuntam e tem a cesta nos barracões pra ajuntar o lixo, se não fazer isso surti a malária e outros.</i>	<i>as águas é usados mais nas louças e nas roupas, no banho até que não muito água depois de usado vai pra o quintal (uns vai é) principalmente das pias que ficam fora da encanação para a força</i>	<i>O alimento aqui mais é a farinha e carnes de caças e outras * bom o olho de goiaba cozido feito chá serve para diarreia,</i>
<b>PI 11</b>	<i>Ambiente é o meio em que as pessoas vivem ou seja, o lugar natural onde se tira a subsistência da sociedade. Todos dependemos de seu equilíbrio sem ele não é possível a vida na Terra,</i>	<i>Queima dos resíduos ou destinan-se a uma foca sanitária de no máximo 2m de fundura.</i>	<i>São destinados as foças, no caso da água utilizada nos banheiros, é outros são dispersos no chão como água que se lava roupa.</i>	<i>A alimentação se dá na maioria das vezes da caça e pesca e também dos frutos naturais como o açaí, também utilizamos algumas plantas medicinais para fazer chá ou remédios como o agrião, o capim santo e etc...</i>
<b>PI 12</b>	<i>A de importância da preservação do meio ambiente é de grande fundamento para a humanidade, pois se queremos de uma vida de abundância devemos cuidá-la como um grande tesouro. O ambiente ela nos serve e nós servimos uns aos outros.</i>	<i>Os resíduos sólidos em muitas das vezes são queimados, os outros são enterrados, onde evita doenças que são causadas pela poluição. Isso, não quer dizer que a comunidade é limpa, existem também outros lixos que não jogamos em local adequado e o vento leva a ambiente.</i>	<i>As águas que usamos para determinadas necessidades são jogadas, ou melhor, o seu destino vai para as fossas e somente as águas dos poços, onde não há encanação de água, são jogados sobre a terra, e a fossa são em buracos que faz sobre e terra.</i>	<i>O aproveitamento dos recursos naturais são a base de sustento de famílias, que muitas plantam e cultivam. A medicina é um meio de curármos doenças e evitar, por exemplo: receita para desintéria: folhas de olho de goiabeira com folhas de olho de caju; faz o chá e toma 3 vezes ao dia.</i>

PI 13	<p>é onde vivemos. é importante preservar, o uso com preservação e limite. recuperar é o nosso modo de sobrevivência.</p>	<p>é jogado no buraco feito especialmente para este fim.</p>	<p>A água da pia vai para o solo e a do banheiro vai para a fossa.</p>	<p>Aproveitamos frutas, peixes e caças. a medicina com bom é usada com bom êxito. boldo – serve para digestão e curar malária quina-quina – muito usada para curar malária. melão – caetano – serve para coceiras.</p>
PI 14	<p>E lugar onde vivemos ou moramos. Preservar é muito bom, por que o ambiente tem que estar limpo. Recuperar o ambiente para o nosso bem.</p>	<p>Os resíduos sólidos são ajuntados e levamos para o certo com por exemplo (buraco para o lixo).</p>	<p>A água da pia vai para o fundo do quintal. As águas dos banheiros vão para a foça.</p>	<p>Aproveitamos os alimentos, como manga, laranja, abacaba, acerola e outros. Medicina = boudo, capim-santo, canela. boudo serve para digestão.</p>
PI 15	<p>É importante conservar o meio ambiente, porque necessitamos dela, pois é La dela que tiramos os alimentos e se não conservarmos vai criar insetos que vão causar doenças.</p>	<p>São levados para fora da comunidade e logo após são queimados.</p>	<p>Água da pia vai para o quintal e a água do banho vai para a foca.</p>	<p>Farinha, caxiri, goma, carimam, a tapioca. As medicinas tradicionais capim santo serve pra pressão alta.</p>
PI 16	<p>Wa wiiz kaimen wata'apan xa'apanyn kayan kaimen waynaun at, na'ik kuty'yz nau, wynyinhau at, aunaau wa'ta'apam wa wiiz wi kanukubau aunauni naa kanum wa'at.</p>	<p>Ipei kaniribeiu w chamadkiau wa kawadnii panadun panaukazinhau irib dinhan w</p>	<p>Kabayn au kabu'utkau panibeizutid, kaukupkiz kaunary it.</p>	<p>Mapyz, waba, diwyn, syyz, kazy, makaxiz. Kasarai. Minhary maad. Tubuchi kadynaamaad. rimun, maau maad, acha'wii anaba.</p>
PI 17	<p>Sim porque é do ar respiramo o alimento que consumimos. Vem tudo do ambiente.</p>	<p>Uma parte eu queima é outra parte eu joga no buraco.</p>	<p>Vai tudo para fosse.</p>	<p>peixe. caça – macacheira – banana. buriti bacaba- açair – abobrar – cobaiba – caiber – salvado campo – para uso do remédio.</p>
PI 18	<p>É importante conservar o meio ambiente onde vivemos, porque se não vai atrair insetos que transmitem doenças.</p>	<p>As garrafas são amontoadas e conservadas em ambiente específico, os plásticos são queimados.</p>	<p>Água de banho e pia é destinado para a foça.</p>	<p>Farinha, melancia, caxiri, cara, goma, beiju, pimenta, cariman. Capim santo que serve pra gripe, pressão alta.</p>

<b>PI 19</b>	<i>Devemos preservar porque sem ela não sobrevivemos. e ela é a nossa vida.</i>	<i>Os lixos são jogados e reaproveitados.</i>	<i>A água que nós usamos vai direto para a fossa, e alguns para o quintal.</i>	<i>São a farinha, carimã, beiju, goma, macaxeira, mandioca, batata, jerimun, banana, e etc.</i>
<b>PI 20</b>	<i>Eu defino é preservar o espaço onde ocupamos por isso mantendo sempre limpo e não deixar a poluir sempre no preservação.</i>	<i>A garrafas de refrigerante ela é sempre utilizada nas fabricação de outras objetos e pastico e sempre queimado.</i>	<i>As águas de banho ela sempre vai para a fossa nem todos e feito, e algumas vai para os terrenos de residencia.</i>	<i>As aproveitamento são as farinha abobora, et: Alguns são comercializados, aos mecardo.</i>
<b>PI 21</b>	<i>Pessoalmente eu defino a preservação do meio ambiente como a forma de mudar a realidade de um povo, de forma geral, preservando nossos igarapés, nossos rios, lavrados, etc. Não jogar lixo e nem fazer queimadas.</i>	<i>Procurar a maneira correta de reciclar o lixo, fazendo com que sempre limpo os quintais etc...</i>	<i>Construir forças sépticas para que não penetrem no solo é chegue até ao lençol freático.</i>	<i>Devemos aproveitar os recursos que temos, plantas legumes, frutas, etc. para suprir nossas necessidades.</i>
<b>PI 22</b>	<i>É importante conservar o meio ambiente, porque se não conservarmos não teremos mais nada tipo pasto para gado, que acabam morrendo e também gera doenças.</i>	<i>São queimados e outros jogados.</i>	<i>São destinados pra dentro da foca.</i>	<i>Farinha, caxiri, abóbora, melância, cariman, pimenta. Savi do campo que ser pra malária e o bôdo que serve pra inflamação do fígado.</i>
<b>PI 23</b>	<i>Porque Deus criou todas suas criações. E nós devemos preservar a vida.</i>	<i>No buraco. No quintal.</i>	<i>Fora do quintal.</i>	<i>bacaba, boriti, açai. peixe, caça, macaxeira, abobra, batata etc. Utilizamos varias plantas. Ex: salva do campo, copaíba, jatobá etc.</i>
<b>PI 24</b>	<i>O ambiente pra mim é muito importante, porque nós dependemos do meio ambiente não só nós mais também os animais da natureza.</i>	<i>Longe do quintal</i>	<i>Vai pra foca</i>	<i>A mandioca, pra fazer a farinha, a caça e apesca, utilizamos várias plantas para fazer remédio caseiro par diversas doenças.</i>
<b>PI 25</b>	<i>É importante sim cuidar do nosso meio ambiente, para nosso viver, para nosso bem estar, uma vida calma e natural</i>	<i>Vai para um lugar adequado, longe da casa</i>	<i>Vai para fossa lugar adequado para esse efluentes</i>	<i>Faço sim o aproveitamento dos dois recursos.</i>

<b>PI 26</b>	<i>É muito importante sim preservar, para o bem estar do nosso viver para a manutenção da vida</i>	<i>No lugar específico longe da casa</i>	<i>Fica no quintal e para fossa</i>	<i>Uso os dos recursos</i>
<b>PI 27</b>	<i>Preservar, cuidar, do meio ambiente, Porque se não terá onde viver. As pessoas tem que tomar consciencia do cuidado do meio ambiente</i>	<i>Vai para o lixeiro</i>	<i>Vai para o quintal e para a fossa</i>	<i>Faço a utilização das duas coisas</i>
<b>PI 28</b>	<i>É preservar o que se tem, não devemos apenas usar e recuperar o que já perdemos como a mata virgem por exemplo.</i>	<i>Os vidros, latas são jogados no buraco. plásticos e outros são queimados.</i>	<i>A água da pia de lavar louças, e de lavar roupas são jogadas no quintal e banheiro é colocada na fossa.</i>	<i>Nos alimentos temos mandiocas, frutos silvestre como tucumã, caças, pesca. No uso da medicina tradicional temos diversos usos como a salva do campo, copaíba, etc.</i>
<b>PI 29</b>	<i>É importante preservar o meio ambiente, porque precisamos dela para nossa sobrevivência, pois é dela que retiramos o nosso alimento, e se não conservarmos não teremos nada disso.</i>	<i>São jogados para um ambiente específico fora da comunidade.</i>	<i>água do banheiro e da pia é destina para foça</i>	<i>Na comunidade faz-se muita farinha, carimã, goma e beiju, além disso são feito remédios tradicionais com as plantas que servem para gripe, dor de cabeça, dor de barriga.</i>
<b>PI 30</b>	<i>Sim e importante preserva porque ninguém, não cuida da natureza e dos animais e os seres humano. Como vamos viver. Prispalmente a natureza nos termos que fazer a recuperação.</i>	<i>Todos resíduos sólidos são como nos temos bastante garrafa são jogado no buraco e os plástico são quimados e lata vão ser jogadd no buraco</i>	<i>O destino da água do banheiro e pia vão todos para fossa.</i>	<i>Os recursos naturais como alimento BATATA MACAcheira a caça e pesca são os que termos. * medicina termos charrope, pomada, terremina, língua de pirracu, carrajiru, salva do campo.</i>
<b>PI 31</b>	<i>É importante cuidar do ambiente, pois, o ser humano precisa do ar para respirar, e usá-lo para as suas necessidades, justa recuperação poderá fazer grande diferença no aquecimento global.</i>	<i>O destino final dos resíduos sólidos é colocado em um buraco, logo após é queimado.</i>	<i>Certo que da pia e da máquina de lavar roupas é no quintal, do banheiro (chuveiro e sanitário) é na fossa.</i>	<i>Normalmente de mistura da natureza comemos: farinha e peixe carne de caça raramente utilizamos algumas plantas só para lavar feridas. Com terra miscina ecapim santo.</i>

<b>PI 32</b>	<i>É importante para todo ser vivo e fazer brevemente a recuperação</i>	<i>Joga no buraco. Não fazemos reciclagem.</i>	<i>Para o solo, não utilizamos para outro no benefício.</i>	<i>São jogada nas pés de plantas e são outros alimentos explo: as casca das frutas. E outra não são utilizada.</i>
<b>PI 33</b>	<i>E importante cuida do nosso ambiente porque e bom para nossa vida e para a natureza.</i>	<i>Nós jogamos os lixos no buraco e logo após quimemos.</i>	<i>a água que corre vai pro solo</i>	<i>Caça e pesca. a medicina são as medicina tradicional que nos aproveitamos. como: ervas e outros tipos de medicinas.</i>
<b>PI 34</b>	<i>Preservação: vida mais longa e sadia para todos. Uso: de maira responsavel e respeitando o meio ambiente. Recuperação: servi de exemplo e protejer.</i>	<i>Lixeira comunitária local: um buraco a 4 km do centro da comunidade</i>	<i>Do vaso: para fossa; banheiro e pia para: os pés das plantas.</i>	<i>Frutas (bacaba, buriti, patuá, jatobá, cajá...animais (caças) Ervas medicinais: salva do campo, pião-rocho.</i>
<b>PI 35</b>	<i>O ambiente é a natureza e preserva é bom por que fais com que não acabe os alimentos que a natureza pode dá pra gente</i>	<i>Jogamo o lixo num buraco afastado de casa e depois queimamo</i>	<i>Vai pra fossa e da pia da cozinha vai pro quintal</i>	<i>Comemo fruta do mato e do quintal e tambem peixe e tatu e paca. Tomamo alguns remédio feito de planta do mato.</i>

**Figura 6 - Matriz Analítica das entrevistas sobre conhecimentos e percepções dos entrevistados**

Os dados constantes na Matriz Analítica foram agrupados em categorias específicas, apresentadas na figura 6 e analisados na seqüência.

4.2.1.1 Tabela 1 contendo o conjunto das Categorias Específicas (CE) para cada Categoria Principal (CP) comparando as percepções dos indígenas com as percepções dos não-indígenas.

A análise feita a seguir reuniu as idéias mais repetidas pelos entrevistados em cada indicador, presentes na tabela 1, agora assumindo metodologicamente a figura de Categorias Principais- CP. O conjunto de idéias semelhantes em cada CP constitui-se no grupo de Categorias Específicas- CE para cada CP. A freqüência que aparece entre parênteses significa o número de vezes que a opinião foi manifestada pela amostra (35).

Destacamos que na fala dos entrevistados, colocadas em itálico, preservamos a escrita original, com o intuito de mostrar a presença da linguagem escrita dos não indígenas na cultura dos indígenas.

**Tabela 1 - Conjunto de categorias específicas (CE) para cada categoria principal, contendo o total de opiniões dos respondentes**

CP Nº	INDICADORES	CATEGORIAS ESPECÍFICAS
CP 1	Ambiente na visão dos indígenas	CE 1.1 Uso do ambiente de forma sustentável: recuperar e preservar (14); CE 1.2 Importante preservar o ambiente para a vida (13); CE 1.3 Evitar doenças com alimentação e saúde (12); CE 1.4 Preservar garante o habitat dos seres vivos e o equilíbrio (11); CE 1.5 Poluição prejudica a vida (10); CE 1.6 Qualidade e tempo de vida (09).
	Ambiente na visão dos não-indígenas	CE 1.1 <i>Necessita de cuidados/preservação para a vida (11);</i> CE 1.2 <i>Local onde vivemos (9);</i> CE 1.3 <i>Todos os espaços do planeta constituem ambiente (7);</i> CE 1.4 <i>Estabelece relações e cuidados entre os seres vivos (3);</i> CE 1.6 <i>Uso dos recursos promove desenvolvimento e crescimento local (2).</i>
CP 2	Destino final dos Resíduos Sólidos na visão dos indígenas	CE 2.1 Joga no buraco no quintal e queima (13); CE 2.2 Joga longe de casa (11); CE 2.3 Joga no buraco e não queima (08); CE 2.4 Recicla/ separação (03).
	Destino final dos Resíduos Sólidos na visão dos não-indígenas	CE 2.1 <i>Levado para os lixeiros de Boa Vista (9);</i> CE 2.2 <i>Jogado em buraco afastado da casa (6);</i> CE 2.3 <i>Recolhido em sacolas plásticas (3);</i> CE 2.4 <i>Parte é queimada (3).</i>

CP 3	Destino final dos efluentes na visão dos indígenas	CE 3.1 Joga no terreno/quintal (16); CE 3.2 Vai para a fossa (15); CE 3.3 Água da pia para o solo e do vaso para a fossa (05).
	Destino final dos efluentes na visão dos não- indígenas	CE 3.1 <i>Despejados na fossa (18);</i> CE 3.2 <i>Parte no quintal (5).</i>
CP 4	Aproveitamento dos Recursos Naturais (alimentação e medicina) na visão dos indígenas.	CE 4.1 Peixe, caças e farinha (22); CE 4.2 Patuá, caxiri, goma, carimã, tapioca, beijú, buriti, abóbora, cará e pimenta (13); CE 4.3 Banana, macaxeira, manga, laranja, abacaba, açaí (10); CE 4.4 Salva do Campo (08); CE 4.5 Boldo (07); CE 4.6 Copaíba, Caimbé, Jatobá, Língua de Pirarucú, Crajirú e Pião Roxo (06).
	Aproveitamento dos Recursos Naturais (alimentação e medicina) na visão dos não-indígenas.	<i>CE 4.1 Utilizamos poucos remédios naturais (14;)</i> <i>CE 4.2 Não fazemos uso da medicina natural/ usamos medicina convencional (6);</i> <i>CE 4.3 Plantamos fruteiras, plantas medicinais e hortaliças para o consumo (6;)</i> <i>CE 4.4 Comemos animais de caça e frutas(3);</i> <i>CE 4.5 Muitos alimentos industrializados (11).</i>

A Análise das Categorias Principais e dos respectivos conjuntos das Categorias Específicas possibilita a identificação de aspectos que são determinantes nas percepções dos indígenas sobre os temas que foram objetos das entrevistas realizadas. A análise foi feita por grupo de categorias:

**a) Significado de Ambiente: preservação, uso e recuperação.**

A qualidade e o tempo de vida estão diretamente relacionados ao ambiente, portanto, é importante preservar, utilizando os recursos naturais de maneira sustentável como forma de garantir a existência do habitat de todos os seres. O ambiente limpo e preservado fornece todas as condições saudáveis de sobrevivência.

Em relação ainda a abrangência, maturidade e dimensão deste conceito, que dá sentido contextual à fragmentação escolar, Ab´Saber (1991), em busca da descrição traduzida da excelência ambiental sustentável na educação em sociedade cita:

Garantir a existência de um ambiente sadio para toda a humanidade implica em uma conscientização realmente abrangente, que só pode ter ressonância e maturidade através da Educação Ambiental. Um processo educativo que envolva ciência e ética e uma nova filosofia de vida.(AB´SABER, 1991, apud MATAREZI et al, 2000, p. 5)

Matarezi complementa e relaciona o raciocínio de Ab'Saber chamando a atenção para a dimensão realista deste contexto, com a tomada de consciência da necessidade do meio ambiente saudável para a própria manutenção da vida do homem e preservação da sua espécie neste planeta:

Pode-se falar da preservação da natureza como sendo algo vital para a humanidade, mas se o Homem não perceber, entender e repensar suas relações com o Meio Ambiente, e dar outro sentido a importância que tem o Meio Ambiente em sua vida, sua compreensão sobre este fato será incompleta, pois lhe faltará uma dimensão básica da compreensão: a vivência e o contato com a natureza, percebendo, sentindo, explorando e, sobretudo vivenciando este reconhecer. (MATAREZI, 2000, p. 5)

Valorizar com estas afirmações as atividades práticas em campo, dando respaldo à aplicação do programa das trilhas como parte deste contexto globalizado da educação e formação dos valores sociais para o exercício da cidadania, oferecendo-se oportunidade não só para a comunidade escolar local e sim para toda sociedade regional. Destacamos que PI 14 escreve: *E lugar onde vivemos ou moramos. Preservar é muito bom, por que o ambiente tem que estar limpo. Recuperar o ambiente para o nosso bem.*

Vinte e sete dos indígenas entrevistados, consideram de maneira comum que *é importante preservar o meio ambiente porque nós estamos vivendo num tempo em que tudo é poluído. Existe muito lixo que vem prejudicar a vida de todo mundo. Se não tiver cuidado agora, depois não terá mais jeito de recuperar o que foi perdido.* (indígena da Comunidade Indígena Malacacheta, 2010).

Quanto aos não-indígenas moradores da região é possível constatar que a preocupação com o ambiente é bastante evidente, sendo expresso esse sentimento por onze pessoas, o que significa mais da metade dos entrevistados. De maneira geral conceituam o *ambiente como todos os espaços do planeta ou ainda o local onde se vive.*

Tanto os indígenas quanto os não-indígenas pesquisados consideram importante preservar o ambiente, entendendo que essa é a única maneira de garantir a continuidade da vida de todos os seres.

## **b) Destino final dos resíduos sólidos.**

Uma grande parte dos resíduos sólidos é despejada pelos indígenas longe de casa, enquanto que outra parte, numa proporção quase que igual, é despejada num buraco no quintal, cavado para este fim, e depois queimada. Um número bem pequeno desta população faz a reciclagem desses resíduos. Na fala dos indígenas salientamos que *todos resíduos sólidos são como nos temos bastante garrafa são jogado no buraco e os plástico são queimados e lata vão ser jogadd no buraco.*

O *lixão*, ou disposição de resíduos a céu aberto, caracteriza-se como uma forma de disposição final inadequada; traz como consequência uma série de impactos negativos, sendo totalmente condenável do ponto de vista sanitário, ambiental e social. (PHILIPPI JR., *et al*, 2009, p. 208).

Uma vez contaminado, o solo passa a ser um risco à saúde das pessoas. O destino que vem se dando aos resíduos sólidos dentro da comunidade, remete à preocupação com a saúde de todos.

Culturalmente, os resíduos sempre foram afastados da proximidade da população que os gerou. Costumam ser abandonados na periferia da área urbana, lançados em encostas, em depressões ou fundos de vale, ou aterrados em terrenos circunvizinhos, com o objetivo de afastá-los da visão da população, até onde não possam mais ser percebidos. A retirada dos resíduos elimina das proximidades os incômodos decorrentes do lixo – odor e impacto visual (PHILIPPI JR., *et al*, 2009, p. 207).

O acúmulo do lixo propicia o aparecimento de moscas, baratas, ratos, entre outros insetos que podem ser vetores de doenças. Esses animais podem circular no ambiente doméstico e contaminar alimentos muitas vezes expostos, sem que as pessoas percebam, causando sérios problemas de saúde.

Em relação aos aspectos sanitários, o principal problema da disposição inadequada dos resíduos sólidos é a presença de vetores de importância à saúde pública. Eles são capazes de proliferar no lixo e ocasionar diversas enfermidades ao homem, por diferentes vias de transmissão (PHILIPPI JR., *et al*, 2009, p. 210).

Dessa forma, entende-se que a disposição inadequada de resíduos sólidos contribui para o aparecimento de doenças bastante comuns, sendo a diarreia a principal delas. Diante desse problema reconhecido pelos indígenas, é que o despejo do lixo é feito em local afastado das suas casas, na falsa idéia de que, procedendo dessa maneira, estarão se precavendo de doenças do gênero.

Em se tratando dos não-indígenas, nove de um total de vinte pesquisados acondicionam o lixo e levam para a cidade. Estes certamente possuem transporte que possibilita carregar esses resíduos.

Outra parte dos pesquisados (seis) também já têm o hábito de jogar em um buraco afastado de casa e queimar quando é possível.

Os não-indígenas, assim como os indígenas, reconhecem que o lixo é um problema para todos. Contudo, não conseguem apontar uma solução ambientalmente correta para essa questão.

Alguns dos não-indígenas entendem que o correto é fazer o transporte desses resíduos para a lixeira de Boa Vista, capital do Estado. Porém, nem todos têm condições de estar carregando o lixo para a cidade, o que faz com que o problema persista e continue a espera de uma solução.

### **c) Destino final dos efluentes.**

Observou-se que dezesseis dos moradores indígenas entrevistados na Comunidade Malacacheta fazem o despejo direto no solo, e outra parte quase que igual, destina para fossa. Um número menor de pessoas (cinco) separa a água das pias e chuveiro, deixando essas escorrerem direto para o solo, enquanto que as do vaso sanitário são canalizadas para as fossas.

Os esgotos domésticos, tratados ou não, quando lançados no corpo de água, irão provocar alteração nas suas características físicas, químicas e biológicas. (PHILLIPI JR., *et al*, 2009, p. 185).

O lançamento inadequado de esgoto sanitário e outros efluentes no solo podem provocar a poluição tanto deste, quanto das águas subterrâneas, deixando essa área

de disposição contaminada e a água imprópria para uso. O uso da água contaminada poderá se constituir num problema de saúde com efeitos graves.

Quanto ao tratamento que é dado ao destino final dos efluentes por parte dos não-indígenas, verifica-se que dezoito dos entrevistados despejam direto na fossa, sendo que cinco pessoas despejam uma parte destes (água da pia e chuveiro) no quintal.

Importante se faz lembrar que o acúmulo de água em determinados locais pode favorecer o aparecimento de mosquitos e conseqüentemente de doenças por eles transmitidas. No depoimento dos entrevistados, destacamos que *certo que da pia e da máquina de lavar roupas é no quintal, do banheiro (chuveiro e sanitário) é na fossa.*

A construção de fossas sépticas é, portanto, a medida mais correta para a resolução deste problema existente entre os não-indígenas e mais evidenciado ainda entre os indígenas pesquisados.

#### **d) Aproveitamento dos recursos naturais: alimentação e medicina.**

No que se refere à alimentação dos indígenas retirada de forma direta da natureza, constatou-se através da pesquisa um grande consumo de peixes, animais de caça e macaxeira utilizada para fazer a farinha e o beijú.

Frutas nativas da região como buriti, açaí, murici, abacaba e até mesmo outras (exóticas), como a banana, manga e goiaba são bastante consumidas pelos indígenas. Vegetais comestíveis, como abóbora, batatas e pimentas, também são bastante consumidos na comunidade.

Nossa comida é um importante meio de prevenir e curar doenças. Se nossos males são em grande parte provocados pela boca, é simples intuir que poderão também ser amenizados pela boca (BALBACH e BOARIM, 1992, p.7).

De acordo com os autores, cultivar hábitos saudáveis é primordial para uma boa saúde. Se nos alimentamos bem, seremos pessoas saudáveis sempre. É preciso então cultivar hábitos saudáveis e para isso, aproveitar o que a natureza pode oferecer.

Com relação às plantas medicinais, estes fazem bastante uso do que a natureza lhes oferece. A entrecasca do caimbé e do cajueiro são cicatrizantes; a salva

do campo serve para gripe, pressão alta, sendo também calmante; o olho da goiabeira e do arará combatem a diarreia; o boldo é utilizado para má digestão e dor de cabeça. Outras folhas e raízes aparecem como medicamentos, porém, em menor proporção.

Isso pode ser comprovado na fala do pesquisado indígena de número 33 que diz: *“a medicina são as medicina tradicional que nos aproveitamos. como: ervas e outros tipos de medicinas.”*

Para os indígenas além de algumas plantas servirem de remédio, não há nenhum custo para adquiri-las. Inversamente, o custo para a aquisição de determinados remédios industrializados, pode inibir o consumo. Da mesma forma ocorre com alguns alimentos.

O uso das plantas, exceto naturalmente as venenosas, não prejudica o organismo, antes o beneficia, purificando-o e curando-o de algumas doenças. (BALBACH, 1993, p.7).

Ao contrário do que se vê com a ingestão de remédios da indústria farmacêutica, que muitas vezes em pequenas ou grandes doses, por períodos indeterminados, causam a intoxicação e em muitos casos pode deixar graves seqüelas para toda a vida da pessoa, a utilização de remédios naturais não leva à esse risco.

Os não-indígenas, em se comparando aos indígenas, ingerem uma quantidade maior de alimentos industrializados e fazem menor uso da medicina natural, fato esse que significa o aumento do consumo de remédios da indústria farmacêutica.

O permanente contato com os familiares moradores da cidade contribui bastante para essa realidade observada. Contudo, alguns dos pesquisados dão preferência aos alimentos e remédios naturais.

Destacamos que os não- indígenas também sofrem influência dos indígenas, pois, conforme o depoimento de um dos entrevistados, o mesmo afirma que *nos alimentamos de alguns animais de caça e de frutas. Plantamos hortaliças e frutas para o consumo e trazemos também muitos alimentos da cidade. Utilizamos a medicina da cidade e natural.*

Desta maneira, o objeto da pesquisa também obteve dados que mostram a influência recíproca das culturas, hábitos e comportamentos estudados.

#### 4.2.2 Matriz Analítica com base nas entrevistas realizadas com não-indígenas.

Para o registro e posterior análise dos dados coletados, construiu-se uma Matriz Analítica, contendo as categorias principais, acompanhada das percepções dos entrevistados. Posteriormente, elaborou-se o conjunto de CE para cada CP. A partir daí, realizou-se o processo de análise das percepções diante dos autores selecionados e presentes no referencial teórico.

APÊNDICE B INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS ENTREVISTA	CP1 - SIGNIFICADO DE AMBIENTE: Preservação, uso e recuperação.	CP2 - DESTINO FINAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS	CP3 - DESTINO FINAL DOS EFLUENTES	CP4 - APROVEITAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS: Alimentação e medicina.
PNI 1	<i>O ambiente é local onde vivemos. Todo o espaço do nosso planeta constitui o ambiente. Ao usar precisamos cuidar para que a vida seja preservada.</i>	<i>Uma parte é jogada num buraco afastado da casa, outra é levada para o lixeiro de Boa Vista.</i>	<i>São despejados na fossa.</i>	<i>Plantamos fruteiras e hortaliças para o consumo. Utilizamos poucos remédios naturais.</i>
PNI 2	<i>Lugar em que vivemos onde há relação entre os seres vivos. Devemos utilizar com cuidado para manutenção da vida.</i>	<i>São levados para a cidade.</i>	<i>São despejados na fossa.</i>	<i>Plantamos para o consumo frutas e verduras. Não fazemos uso da medicina natural.</i>
PNI 3	<i>O lugar onde moramos. Nossa casa. Nossa cidade. Temos que cuidar para a vida continuar.</i>	<i>Enterrados num buraco.</i>	<i>Na fossa.</i>	<i>Uso remédio feito das plantas e da farmácia também. Comemos animais de caça e muitas frutas.</i>
PNI 4	<i>O lugar onde vivo. Lugar onde tem vida. Procuramos preservar o ambiente onde vivemos para dar continuidade à vida.</i>	<i>São enterrados e alguns são queimados.</i>	<i>Parte vai pra fossa e outra parte vai para o quintal.</i>	<i>Nos alimentamos de alguns animais de caça e de frutas. Plantamos hortaliças e frutas para o consumo e trazemos também muitos alimentos da cidade. Utilizamos a medicina da cidade e natural.</i>
PNI 5	<i>Todo lugar que tem vida. A cidade e o campo. É importante</i>	<i>Alguns são colocados em sacos e levados para a</i>	<i>São despejados na fossa.</i>	<i>Plantamos para o próprio consumo. Fazemos</i>

	<i>preservar e, ao usar, cuidar para recuperar.</i>	<i>cidade e outros são queimados.</i>		<i>remédios caseiros. E outros alimentos e remédios são trazidos da cidade.</i>
<b>PNI 6</b>	<i>É o espaço onde eu vivo, a minha casa, minha terra, os rios, os animais, etc. Precisamos usar, porém, com cuidado para que os recursos naturais não se acabem.</i>	<i>Alguns são recolhidos e levados para a lixeira da cidade, outros são jogados no buraco.</i>	<i>Vão para a fossa.</i>	<i>Compramos nossos alimentos em Boa Vista, mas também plantamos algumas frutas e hortaliças para o consumo. Usamos remédios de farmácia, mas também usamos alguns feitos de plantas.</i>
<b>PNI 7</b>	<i>Ambiente é o meio onde vivemos, o mundo de modo geral, por isso devemos conservá-lo, protegendo nossas matas, rios, enfim, nossa fauna e nossa flora. O uso dos recursos naturais promove o desenvolvimento e o crescimento local, por isso devemos recuperar as áreas degradadas.</i>	<i>Os resíduos sólidos são armazenados em sacolas plásticas e levados para a lixeira de Boa Vista (lixão público).</i>	<i>Os resíduos são lançados na fossa séptica.</i>	<i>Utilizamos vários alimentos que a natureza nos oferece como frutas e alguns animais de caça. Também compramos muitos alimentos na cidade.</i>
<b>PNI 8</b>	<i>É um lugar onde podemos observar, preservar e apreciar. Onde se tem recursos para sobreviver.</i>	<i>É recolhido em sacolas plásticas e levados para a cidade.</i>	<i>É escoado para a fossa.</i>	<i>Utilizo produtos naturais, porém, utilizo na maioria os de farmácia.</i>
<b>PNI 9</b>	<i>É o lugar onde vivo e devo preservar para ter uma vida melhor.</i>	<i>São recolhidos e levados para a cidade</i>	<i>Do banheiro vai para a fossa. Da pia da cozinha vai para o quintal.</i>	<i>Utilizo bastante remédios naturais, mas também uso os de farmácia (Posto de Saúde da Malacacheta)</i>
<b>PNI 10</b>	<i>O local onde eu moro, os rios a fazendas, as plantas e os animais.</i>	<i>Em lixeira afastada e cercada.</i>	<i>Vai para a fossa.</i>	<i>Nos alimentamos muito pouco de carnes de caça. Comemos bastante frutas. Medicamentos naturais, folhas e cascas de pau e também uso remédios de farmácia.</i>

**Figura 7 - Matriz Analítica das entrevistas sobre conhecimentos e percepções dos entrevistados**

### 4.3 RELEITURA DE IMAGENS DA ÁREA INDÍGENA MALACACHETA

Nesta parte da análise dos dados coletados procedeu-se a releitura e interpretação de grupos de fotos/imagens de autoria da pesquisadora, organizados da seguinte forma:

#### 4.3.1 Interpretação da figura 8 e 9 - Estrutura de casa familiar/Residências e utensílios: panela, fogão a lenha feito com barro e moradias.

Na figura 8 observa-se que parte dos indígenas ainda mantêm sua cultura tradicional ao fazer o uso do fogão feito com barro e à lenha. Muito embora utilizem panelas fabricadas por não-indígenas, como se pode ver na foto.

A unidade familiar fotografada também demonstra a continuidade da cultura da comunidade: casa de taipa, preenchida com barro, o que forma uma parede fresca e segura. A cobertura é de palha de buriti, palmeira nativa na região que também ajuda a refrescar a casa, o que torna propícia a sua utilização, haja vista o calor ser intenso.

Tanto a parede de barro quanto a cobertura de palha de buriti são elementos que identificam as unidades familiares dos indígenas. Algumas casas, além da cobertura, têm também todas as paredes fechadas por palha de buriti. Outras são improvisadas com taipa, como se vê em figura 8.



**Figura 8 - Estrutura de casa familiar/Residências e utensílios: panela, fogão a lenha feito com barro e moradias**

As moradias, como dito anteriormente, são construídas utilizando-se recursos da natureza os quais nada interferem na saúde das pessoas. Ao contrário, são bastante

favoráveis a uma vida mais saudável, haja vista que os materiais utilizados não retêm calor, o que mantém a moradia sempre fresca e agradável, como pode ser visto na figura 9.



**Figura 9 - Moradia / área externa**

#### **4.3.2 Interpretação da figura 10 - Escola Indígena.**

Na figura 10, observa-se crianças estudando em uma escola na sede da Comunidade Indígena Malacacheta. A construção é característica de populações indígenas: barracão com cobertura de palha, com parede apenas no fundo onde está fixado um quadro de giz. Os alunos estão sentados em carteiras fabricadas pelos não-indígenas, as quais são recebidas da Secretaria de Educação do Estado.



**Figura 10 - Escola indígena**

Verifica-se suas roupas que também são de fabricação não-indígena, assim como os demais materiais utilizados: cadernos, lápis e livros. A merenda servida para os alunos também é recebida da Secretaria de Educação do Estado, que tem responsabilidade na educação em todas as comunidades indígenas. São oferecidos mingau, achocolatados, biscoitos doces e salgados, enlatados (sardinha), arroz, feijão, macarrão e sucos.

Toda esta gama de alimentação indica e prova a interferência de hábitos e costumes (aqui da alimentação), dos não-indígenas sobre os indígenas. Esta intervenção está fortemente alicerçada no tipo de alimentação escolar.

[...] a verdadeira escola indígena será aquela pensada, elaborada e gerenciada pelo povo indígena. De acordo com seus anseios, expectativas e modos de organização política e social, voltada para seu futuro. Sendo um projeto coletivo, essa escola indígena específica e diferenciada será construída para efetivo exercício da cidadania e da autonomia. (ÂNGELO, 2002, p.39)

O ensino na comunidade deve estar voltado para as necessidades da população que ali vive. No entanto, a escola desenvolve os seus trabalhos com materiais recebidos da Secretaria de Educação do Estado, podendo ser citado aí o livro didático, que neste caso precisa ser adequado à realidade indígena, de modo que tenham real significado para os alunos.

Segundo Oaigen (1996), a educação não-formal pode ser entendida como qualquer atividade educacional organizada, sistemática, conduzida fora dos limites estabelecidos pelo sistema formal. Ao lado dos estabelecimentos de ensino desenvolvem-se outros processos educacionais em programas e projetos que são dirigidos por agências de formação, visando, principalmente, ao aperfeiçoamento profissional e ao desenvolvimento cultural da população.

É importante considerar que o processo de alfabetização no Brasil, normalmente é entendido como ensinar a ler e escrever. No entanto, a alfabetização integral pressupõe o conhecimento e o domínio pelo homem de aspectos vinculados ao social e histórico, científico-tecnológico, matemático e da comunicação- expressão, gerando, desta maneira, a formação de um cidadão capaz de intervir na sua realidade sócio-econômica, através da co-participação dinâmica, ativa e responsável, advindo

daí, a relevância das atividades informais como qualificadoras dos processos formais de educação.

Existe a necessidade da libertação do homem do assistencialismo, do paternalismo e da dependência do Estado. Isto deprime e causa inibição à autonomia. No entanto, ampliando a responsabilidade da escola, no sentido de rever seus currículos tradicionais e formais, possibilitando o acesso à discussão de valores e da politização, pode-se criar um novo processo, gerando o homem autônomo e emancipado para atuar em uma nova sociedade crítica e responsável.

O bom professor explica bem. Tem gente que sabe, mas não sabe explicar. O bom professor é aquele que não dá aula. Ele constrói a aula com o aluno. O bom professor é aquele que permite a convivência do real com o ideal, ambos formados na experiência, nas interações, nas comunicações, ao mesmo tempo que na expectativa e na esperança dos sujeitos. (RANGEL, 1994, p.10,11)

Atualmente o sistema de educação levou a alienação dos problemas e objetivos nacionais, pois não existem vínculos entre o que é ensinado na escola e o cotidiano do educando e do educador. As atividades informais, aliadas aos currículos formais, podem estabelecer um vínculo novo com esta realidade que se quer, pois o domínio e a compreensão da Ciência e da Tecnologia são fundamentais para o presente e o futuro da nação.

Apesar das dificuldades enfrentadas, a comunidade consegue fazer uma educação, em parte, voltada para os anseios da sua população.

[...] a relação positiva entre educação e diversidade cultural é fundamental para as mudanças de políticas, de ações, de posturas e de idéias equivocadas que degeneram as sociedades. A educação tem o dever de educar e reeducar a sociedade para o convívio com a diferença entre sociedades indígenas e a sociedade ocidental, mostrando as diferenças existentes entre as sociedades indígenas e também na própria sociedade ocidental. São considerações importantes que queremos como povo, culturalmente diferenciado, para o convívio com diálogo e com respeito mútuo. (ANGÉLO, 2002, p. 39)

A citação descrita é a expressão clara do encontro entre as culturas indígena e não-indígena. Esse encontro das diferentes culturas acaba por ocasionar a vantagem

de uma sobre a outra. Nesse estudo observa-se a forte influência do não-indígena sobre os indígenas.

As sociedades dos não-indígenas, por estarem em constante desenvolvimento, fazem com que esses outros sejam atraídos por diversos motivos para um mundo que não seja aquele seu, deixando para trás suas características próprias que definem a cultura de seu povo e assim, perdendo suas riquezas culturais, sociais e educacionais.

É importante fazer com que sociedades indígenas e não-indígenas tenham a consciência da necessidade do respeito às diferenças, bem como da importância de ambas as culturas para a história da vida humana.

#### **4.3.3 Interpretação da figura 11: buraco para lixo.**

Na figura 11, vê-se uma depressão, comumente denominada de *buraco*, que é feito pelo indígena, utilizado como lixeira, onde são depositados resíduos sólidos e outros descartados como lixo. O local fica muitas vezes no fundo do quintal ou um pouco mais afastado da casa e a céu aberto. Tudo que é considerado lixo na casa é depositado no buraco, que pode ou não ser queimado. Algumas famílias fazem a queima do lixo, outras não procedem dessa mesma forma. Podem ser observados vidros, sacos plásticos, latas, garrafas, pedaços de madeira e outros objetos.



**Figura 11 - Buraco para o lixo**

Na comunidade indígena já ocorre a presença do consumismo e da falta de cuidados com o destino dos resíduos resultantes do uso excessivo de materiais de várias origens.

Através dos programas de recolección selectiva de resíduos e do “xogue ao lixo no lixo”, o reduccionismo pode representar a AVARICIA em economizar o sentido crítico esquecendo que por detrás da xeración e da acumulación de lixo, existe unha componente moito mais perversa flameando no concepto de desenvolvemento: o consumo esaxerado e conspícuo de poucos, fronte á miséria e a fame de moitos (SATO, *in* INTEREA VISUAL, 2005, p.18).

O buraco utilizado como lixeira é a alternativa encontrada pelos moradores tanto da comunidade como das propiedades próximas e fora da reserva indígena, para não deixar lixo espalhado de forma que cheguem até os lavrados, matas e rios. Não há lixeira pública nem estrutura para isso, portanto, esse é o meio mais apropriado que esses moradores encontraram para lidar com o problema.

Em relatos, reconhecem ser esse um problema para todos, muito embora não encontrem uma solução melhor para resolvê-lo. Admitem a deposição de resíduos e efluentes no solo e, principalmente no subsolo, os quais causam problemas de impactação nos lençóis freáticos, como também no próprio solo onde ocorre a agressão.

Não obstante, a falta de gerenciamento dos resíduos sólidos, principalmente no que se refere à etapa de destinação final, tem colaborado para o incremento da poluição ambiental e contribuído de forma importante para o agravamento de diversos agravos que podem acometer a população exposta. (PHILIPPI JR, A. e PELICIONI, M.C.F. P., 2009, p.206).

Nos depoimentos obtidos, *os resíduos sólidos são armazenados em sacolas plásticas e levados para a lixeira de Boa Vista (lixão público)*. Sem nenhuma perspectiva de ser criada uma política de coleta sistemática do lixo, a comunidade há de conviver com o problema até que se encontre uma alternativa mais adequada para esse problema que afeta o ambiente associado à saúde.

#### **4.3.4 Interpretação da figura 12: Remédios caseiros em embalagens de vidro.**

As populações indígenas são bastante conhecedoras da medicina alternativa. Fazem uso de tudo que a natureza lhes fornece. Utilizam frutos, folhas, raízes e cascas de *pau*. São feitos xaropes, garrafadas e chás, conforma mostra a figura 12. Outros medicamentos não ingeríveis são utilizados em assaduras, queimaduras, quedas, cortes e feridas.



**Figura 12 - Remédios caseiros em embalagens de vidro**

A miséria se intensifica no mundo, privando as pessoas do acesso ao alimento, à saúde, à educação, ao transporte, à habitação, entre outros (ROSA, 2003). Para combater essa situação caótica, cada sociedade deve se organizar de acordo com sua cultura, ambiente e história, definindo seus próprios modelos de produção e consumo (DIEGUES, 1992, *in* PHILLIPI JR., *et al*, 2009, p. 130).

Existe na comunidade um projeto para o desenvolvimento da medicina alternativa. Os idosos e adultos repassam seus conhecimentos para os jovens e adolescentes, de modo que estes possam colaborar com a saúde da família quando necessário. O projeto existente também tem como propósito a comercialização dos remédios naturais produzidos por moradores da comunidade.

Durante muitos milênios o homem conhecia as plantas medicinais e sabia valer-se delas. Hoje, ofuscado por uma tecnologia cada vez mais em desacordo com as leis da vida, não somente ele perde a sabedoria milenar, substituindo os remédios vegetais brandos pela quimioterapia, geradora de

efeitos nocivos, mas destrói a própria base de uma futura recuperação (LUTZENBERGER, *in* Guia de Medicina Vegetal, 1988, p.12).

Sabe-se que a extração e síntese de princípios ativos individuais da planta de interesse terapêutico não garantem que os mesmos sejam os únicos responsáveis pela ação medicamentosa. Estudos comprovam que vários compostos da planta, com ação específica diferente, mostram em conjunto efeito global, resultado impossível de se obter através da administração dos componentes separadamente.

Embora os indígenas não possuam estes conhecimentos científicos, não se pode desconsiderar que os mesmos possuem conhecimentos que nas suas práticas, manipulação e uso, garantem a vida de seus pares, constituindo-se em seus conhecimentos verdadeiros.

Também substâncias consideradas inertes da planta agem em conjunto com outras como sinergistas ou potencializadoras, modificando radicalmente o efeito. Esta é a verdade, demonstrada cientificamente em abono a orientação que adotamos, em benefício do melhor e mais lógico aproveitamento do vegetal como agente curador (LUDWIG *in* Guia de Medicina Vegetal, 1988, p.3).

A cura com as ervas, ou melhor, os tratamentos naturais, têm resultados mais lentos que os remédios da indústria da química farmacêutica. Segundo os indígenas, o segredo da cura está no uso perseverante e prolongado das plantas medicinais.

O uso das plantas na medicina, com exceção das venenosas, em nada prejudica o organismo, ao contrário, purifica e em muitos casos cura, trazendo melhoras à saúde de maneira natural, conforme Lutzenberger, 1988.

Essa afirmativa gera situações conflitantes. No entanto deve-se considerar a vivência dos indígenas. Obviamente que levando para o conhecimento científico, ocorre a falta da comprovação dos não-indígenas, pela sua metodologia. É importante destacar que estamos considerando a influencia destes na cultura indígena.

#### 4.3.5 Interpretação das figuras 13, 14 e 15: artesanato e índias: cerâmica, adornos e cesto de palhas.

Conforme se vê na figura 13, panelas e utensílios de barro produzidos pelas indígenas, são utilizados ou vendidos dentro e fora da comunidade. As louças de barro (cerâmica) são objetos bastante conhecidos na história das civilizações indígenas. Hoje é bastante comum o uso de panelas de ferro ou alumínio fabricadas por não-indígenas.



**Figura 13 - Panelas e utensílios de barro**

A facilidade e a praticidade de utensílios de metal e de fabricação não-indígena é um grande atrativo para o uso diverso pelos indígenas. O acabamento, como a beleza e durabilidade dos produtos é um fator que colabora bastante para a sua aquisição.

Na figura 14 encontra-se o que os indígenas denominam de adornos, que são enfeites para as mulheres se tornarem mais atraentes para os seus homens, denominados de bijuterias para os não-indígenas. Os adornos são confeccionados com matéria prima própria da região: sementes, cordas feitas de palha, penas, casco e dentes de animais, pedras, entre outras matérias primas possíveis de serem trabalhadas. A confecção desses adornos é feita pelas mulheres de todas as faixas etárias. Esses produtos são próprios da cultura indígena e são comercializados principalmente nas datas festivas dentro da comunidade.



**Figura 14 – Adornos**

Quando há eventos fora da comunidade, também são levados para serem expostos e vendidos aos não-indígenas.

Esse tipo de artesanato é bastante valorizado por turistas que estão sempre a visitar o Estado em busca de conhecer um pouco mais sobre a riqueza cultural existente nessa parte da Amazônia.

Os povos indígenas têm muito a contribuir na busca de um mundo melhor para a humanidade. É partindo da igualdade, da diferença e da parceria que podemos criar o novo. Esse novo só poderá ser criado se a sociedade nacional oferecer a oportunidade aos povos de mostrarem a sua capacidade e competência de gerenciar seu próprio destino. Enfim, trata-se de construir também novas concepções de entender o outro dentro da sua potencialidade individual e coletiva. (ÂNGELO, 2002, p.39, *in* Cadernos de Educação Escolar Indígena).

Da mesma forma, verifica-se na figura 15 um cesto feito de palha para utilidades diversas. O mesmo é todo amarrado. A matéria-prima para a sua confecção é retirada da mata na própria região.



**Figura 15 – Cesto de palha**

Assim como o cesto, são confeccionados também outros produtos com o mesmo material como bolsas, chapéus, peneiras e variedades. Esses produtos são comercializados, porém, em pequena quantidade e bastante utilizados pelos indígenas.

Na figura 16 uma moradora da comunidade, jovem índia artesã que fabrica enfeites/adornos os quais está usando como se pode ver, e outros estão expostos para venda, ao fundo. As roupas que usa são de fabricação de fora da comunidade, ou seja, feita por não-indígenas.



**Figura 16 - Indígena com adornos e uso de roupas confeccionadas por não- indígenas.**

As miçangas, por sua vez, tinham um uso geral entre os Wapichana e eram empregadas para compor, principalmente, o vestuário feminino. Com as miçangas se fabricavam as tangas, os colares e os braceletes; estes usados nos pulsos, tornozelos, cintura, pescoço e a tiracolo. (op.cit.p.314 in: CIRINO, 2009, p.92)

Os enfeites/adornos são todos feitos com matéria prima retirada da própria natureza, sendo aproveitados materiais que em sua maioria são descartados pela ação do tempo e, dessa forma, reaproveitados.

Na figura 16 vê-se uma senhora índia, também artesã, que fabrica o que se denomina de cestarias. É reconhecida na comunidade pela sua habilidade na confecção de produtos variados feitos com a palha, matéria-prima também retirada da natureza e como se pode ver, também está vestida com roupas de fabricação de não-índigenas

#### 4.3.6 Interpretação da figura 17: Queimada em buritizal/igarapé.



**Figura 17 - Queimada em área de preservação permanente denominada de buritizal alterando o ciclo das águas.**

Na figura 17 observa-se os “buritizais”, os quais se caracterizam por se formarem em áreas alagadiças (minadouros) ou igarapés que são conhecidos como os “igarapés de buritizal”, sendo estes considerados área de preservação permanente.

O buriti é uma palmeira que ocorre predominantemente nas regiões de lavrado. A sua ocorrência está associada a áreas onde o lençol freático é próximo da superfície.

O fruto do buriti é bastante apreciado por indígenas e não-indígenas, servindo também de alimento para os animais.

O buriti é uma fruta muito consumida, sendo feito um suco bastante grosso, popularmente conhecido como “vinho de buriti”, o qual habitualmente é tomado misturado à farinha. Deste fruto os não-indígenas também costumam fazer doces, bombons e sorvetes.

As queimadas no período não-chuvoso, entre setembro a março, também conhecido como verão ou período da seca (estiagem), são comuns acontecerem em regiões de lavrado ou em derrubadas. Destacamos a fala de um dos entrevistados que afirma que *procuramos preservar o ambiente onde vivemos para dar continuidade à vida*. Nesta relação encontra-se um aspecto contraditório, pois as queimadas e as derrubadas influenciam na quebra da cadeia alimentar, prejudicando a qualidade de vida dos seres vivos.

O lavrado tecnicamente é denominado de savana. Esta é formada por gramíneas, mas ao longo dos cursos d'água, denominamos de igarapés, estão palmeiras de grande porte conhecidas como buritizeiros. Na savana ou lavrado também encontram-se, em grande quantidade, caimbés, paricaranas e muricizeiros. São árvores resistentes à falta d'água do verão e de caule retorcido, próprias dos cerrados. Por fim, surge a região serrana de vegetação típica de montanhas, de árvores mais rarefeitas e de vales ricos em humos com gramíneas de boa qualidade para os animais de criação. (FREITAS, 1988, p.25)

Alguns buritizais em período de estiagem intensa ficam desprivilegiados de água e são atingidos pelo fogo das queimadas. As imagens na figura 17 mostram os efeitos decorrentes da ação do fogo que se espalha pelos campos rapidamente, levado pelo vento, junto ao calor intenso.

#### **4.3.7 Interpretação das figuras 18 e 19: Queimada em lavrado e em mata nativa.**

Como dito anteriormente, vê-se na figura 18 o fogo se alastrando pelos lavrados ou campos naturais. Os Lavrados são vegetações nativas, rasteiras ou ainda arbustos de pequeno porte, que servem como pastagem natural para os animais.



**Figura 18 - Queimada em lavrado**

Acredita-se que a queimada é necessária para *limpeza das áreas e renovação do capim* (na fala dos indígenas). A cada período de seca ocorrem queimadas nos lavrados.

A figura 19 registra uma queimada em cerrado nativo. A denominação Cerrado é dada a arbustos de pequeno porte, e ocorre em meio ao lavrado. Assim como os lavrados, os cerrados sofrem com o fogo.



**Figura 19 - Queimada em cerrado nativo**

#### 4.3.8 Interpretação das figuras 20 e 21: Identificação de unidade familiar – Maloca.



Figura 20 - Unidade familiar – maloca

Na figura 20 encontra-se a típica casa familiar, também denominada de maloca que é a moradia dos índios.

Construídas de madeira, são fechadas na maioria das vezes com barro que fica preso às taipas (varas finas retiradas de árvores de pequeno porte) e o piso é o *chão batido*. Todos os materiais usados nessas construções favorecem na diminuição da incidência do calor que é intenso na região e, estes são retirados de áreas próximas.

A citação a seguir, fornece o conceito de patrimônio natural e cultural, o que possibilita fazer uma relação com as paisagens observadas no ambiente em estudo.

Porque patrimonio é todo (ou case todo, vénseme as trazas posmodernas) natural e cultural como unha soa peza onde é imposible diseccionar un paxaro dunha ferramenta de labranza e unha catedral da paisaxe que a enmarca. E o máis importante: a poboación local que se apropia, modifica e vive no territorio que sustenta esse patrimonio. Por tanto, a xestión do patrimonio ha ser territorial da mesma forma que a planificación territorial ha ter em conta os recursos patrimoniais (naturais e culturais). (MARTIN, *in* Interea Visual, 2005, p.8).

Entende-se dessa maneira que o ambiente com características definidas de uma população traduz a sua cultura que nada mais é do que o seu maior patrimônio.

Na figura 21 observa-se o início de uma construção, que será moradia de uma família. No local onde será levantada e coberta a casa para a moradia, a área é limpa e ampliada, para que possam realizar a preparação de roças nas proximidades da casa. A derrubada é feita com uso de ferramentas de metal, todas de fabricação não-indígena

tipo: facão, machado, foice, terçado, entre outras. Depois de feita a derrubada, queima-se e em seguida se limpa a área.



**Figura 21 - Unidade familiar em construção**

Para que os espaços urbanos, as áreas rurais e os ecossistemas primevos possam atender às necessidades do ser humano - fisiológicas epidemiológicas e psicológicas -, da flora e fauna e do meio ambiente, é preciso ordenamento, articulação e provisão de equipamentos de suas partes – recursos naturais, artificiais e humanos. (PHILLIPI JR., *et al*, 2009, p. 77).

Entende-se que, de acordo com as condições locais, os indígenas fazem as escolhas das áreas para as suas moradias, procurando sempre se fixar em locais que possibilitem a realização de suas atividades primeiras, como por exemplo, a plantação, seguida da criação de animais úteis para sua alimentação e lidas do cotidiano. Normalmente suas casas situam-se em lugares que tenham a presença de água nas proximidades, pois, a água é uma necessidade vital para o ser humano.

#### **4.3.9 Interpretação da figura 22: Unidade familiar com plantação de macaxeira/roça.**

Nas figura 22 observa-se um pequeno plantio ou roça de macaxeira ao redor da moradia. Pequenas roças nas proximidades da casa são feitas a fim de otimizar o tempo dispensado com o acesso, pois a localização distante é um fator que

demandaria tempo de caminhada, e limitaria um pouco os cuidados no que se refere à vigilância do plantio.



**Figura 22 - Plantação / roça macaxeira**

Assim, a função do planejamento territorial é criar condições adequadas para a sociedade exercer suas atividades de circulação, recreação, trabalho e habitação e manter o equilíbrio ecológico dos ecossistemas. (PHILLIPI JR., *et al*, 2009, p. 77).

A cultura de macaxeira (também conhecida como aipim pelos não-indígenas) é a mais comum nas comunidades indígenas, sendo essa a matéria prima utilizada para a produção da farinha, que é alimento básico dessas populações.

A manutenção do meio ambiente é uma das condições necessárias para a qualidade de vida. É preciso então planejar o espaço, de modo a garantir a conservação e o controle do uso de recursos naturais e artificiais, o gerenciamento de resíduos, o conforto térmico, acústico, visual e espacial, ou seja, condições ambientais que diminuam ou evitem o risco de exposição da população ao agravo à sua saúde (PHILLIPI JR., *et al*, 2009, p. 77).

Além da macaxeira, são feitas também próximo às casas, plantações de pequeno porte como a de milho, abóbora, pimenta entre outros que fazem parte do hábito alimentar dos indígenas.

O solo é um recurso natural e como tal deverá ser utilizado. Porém, é um recurso limitado e cada vez mais considerado como parte importante do ambiente. A alteração de sua qualidade natural pode comprometer seu uso

atual e futuro e provocar impactos econômicos, sociais e ambientais, influenciando também na saúde pública. (PHILLIPI JR., *et al*, 2009,p. 195).

Os solos são utilizados pelos indígenas principalmente para as culturas de subsistência, conforme comentado anteriormente, havendo limitações de seu uso quanto a aptidão, o que é de conhecimento dos indígenas.

#### **4.3.10 Interpretação da figura 23: Área desmatada, com construção de casa e preparação para queimada e plantação de roça.**

Na figura 23 vê-se uma área em região de mata, determinada para um plantio de roça e construção de moradia. A área é previamente analisada, devendo oferecer as condições essenciais para a sobrevivência de seus habitantes (água, animais de caça e solo favorável ao plantio de determinadas culturas como abóbora, macaxeira, milho, pimenta e algumas fruteiras.



**Figura 23 - Área desmatada e com construção de casa**

Esse tipo de moradia tem um tempo determinado, ou seja, depois de alguns anos (média de três anos) quando o solo passa a produzir menos, fato que denominam de *terra cansada*, é necessário a ocupação de outra área.

Os indígenas também fazem roças em áreas com presença de capoeira. A capoeira é uma denominação que se dá a uma vegetação de pequeno porte que se recompõe em área que já foi desmatada. Essa área depois de utilizada, muitas vezes sem o *pousio*, é retomada por outra família. Segundo informações dos indígenas, o tempo de *pousio* de uma área é em torno de cinco anos.

#### 4.3.11 Interpretação das figuras 24, 25 e 26: Sede da Comunidade Indígena – Festa da Damurida: Dança do Parichara.

Na figura 24 observa-se os indígenas em fase de preparação para apresentar a Dança do Parichara, que faz parte da tradição da comunidade, em festejo denominado de Festa da Damurida.



**Figura 24 - Preparativos para Dança do Parichara, na Festa da Damurida na Comunidade Indígena Malacacheta**

De quando em quando, os Wapichana faziam uma grande festa denominada de “grande caxiri”. Nesta ocasião, eles se fartavam com o estoque de peixe, da carne moqueada e de grande quantidade de caxiri. (COUDREAU *in*: CIRINO, p.112, 2009)

A Festa da Damurida já é reconhecida como parte da cultura Wapichana, na Comunidade Indígena Malacacheta. Todos os anos acontece no mês de novembro, havendo três dias consecutivos de festejo na sede da comunidade, onde são realizadas apresentações variadas no salão, localizado no seio da comunidade.

Quanto às danças, o “parischará” era a favorita do grupo [...]. A dança originou-se, segundo uma lenda, quando um pajé recebeu dos animais os instrumentos mágicos da caça e da pesca, mas teve de devolvê-los, por causa de uns parentes mal intencionados. O parischará era representação mímica deste mito (op.cit. p.73 *in*: CIRINO, 2009, p.112).

Na figura 25 está registrada a entrada no salão principal, onde indígenas de diferentes idades cantam e dançam a Dança do Parichara.



**Figura 25 - Entrada no Salão Principal da Sede da Comunidade Indígena Malacacheta, para iniciação da Dança do Parichara na Festa da Damurida.**

A Dança do Parichara faz parte da cultura indígena Wapichana, sendo um divertimento para os indígenas desta etnia, que comemoram através desta dança a sua identidade. Evidencia fortemente a cultura deste povo, que repassa de uma geração à outra a sua tradição por meio de festejo com apresentações da Dança do Parichara.

Na figura 26 vê-se a continuidade da Dança do Parichara, com a presença de índios tipicamente vestidos, usando flechas e objetos que fazem parte da sua tradição, em momento de festa e alegria.



**Figura 26 - Dança do Parichara na Festa da Damurida realizada na Sede da Comunidade Indígena Malacacheta.**

#### **4.3.12 Interpretação da figura 27: Unidade familiar com parte da parede construída em alvenaria e parte da cobertura com telha brasilite – Influência dos não-indígenas.**

Na figura 27 verifica-se a interferência do não-indígena na cultura local. A moradia apresentada tem uma parte de sua construção feita com material próprio da região, ou seja, cobertura em palha de buriti e paredes de barro e, na outra parte são usados materiais industrializados.



**Figura 27 - Unidade familiar com parte da parede construída em alvenaria e parte da cobertura com telha brasilite.**

Não obstante o contato sistematizado dos índios da Malacacheta com o centro urbano de Boa Vista, alguns elementos da tradição indígena persistem, como a estrutura das casas (CIRINO, 2004, p.24).

Essa é uma realidade que vem sendo observada em algumas unidades familiares, havendo casos em que o material utilizado na unidade construída é quase todo adquirido dos não-indígenas. Contudo, ainda há um elevado número de unidades que mantêm a tradição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades investigativas realizadas mostraram que as análises da realidade na Comunidade Indígena Malacacheta, onde buscou-se o resgate de sua cultura, bem como a intervenção do não-indígena na referida comunidade, foram suficientes para que os objetivos fossem alcançados na íntegra.

Os dados coletados a partir dos questionários aplicados e das entrevistas, bem como das observações e registros *in loco* possibilitaram a verificação de que os entrevistados demonstram conhecer a importância do ambiente e de como é fundamental que a própria comunidade cuide bem dele e não apenas espere as ações dos órgãos governamentais.

Consideramos que a análise realizada de diferentes fontes bibliográficas que relatam aspectos históricos da Comunidade Indígena Malacacheta em relação aos indicadores: hábitos, costumes, cultura, ambiente, alimentação, produção e comercialização de alimentos, foi fundamental diante da necessidade que se tinha de conhecer a história, os saberes e as produções já existentes sobre o tema.

Com certeza as opiniões extraídas das leituras feitas possibilitaram que a triangulação efetivamente realizada entre os autores lidos, os dados coletados e as interpretações da pesquisadora alcançassem os resultados previstos.

No que se refere ao objetivo que investigou as percepções dos indígenas da Comunidade Indígena Malacacheta quanto aos saberes existentes em relação ao ambiente, encontrou-se respostas significativas que possibilitam concluir que o ambiente preservado sempre foi preocupação dos indígenas da comunidade.

Dentro dos saberes transmitidos de geração em geração pode-se observar a preocupação com o manejo dos resíduos sólidos e dos efluentes, aliados aos cuidados com a utilização racional da natureza para o uso de seus frutos na alimentação e medicina.

Quanto à solução para os problemas ambientais, observa-se que ainda ocorrem ações que perpetuam a cultura da comunidade em estudo, ao mesmo tempo em que também se registra a intervenção do não-indígena nos hábitos, costumes e cultura da comunidade e no contexto loco - regional.

Na análise da cultura tradicional da Comunidade Indígena Malacacheta, usando a técnica da observação *in loco* e da leitura de imagens, verificou-se mudanças nas características típicas da comunidade.

Para que de fato o ambiente seja entendido como a inter-relação da vida é necessário que a comunidade perceba que faz parte de um todo, onde as pessoas devem estar interessadas na solução e/ou minimização dos problemas ambientais diagnosticados, lembrando sempre que estamos dentro de um ciclo ecológico e que por isso, qualquer agressão que se faça hoje à natureza, as conseqüências no futuro serão sentidas por esse feito.

Assim sendo, com base nos resultados obtidos, verifica-se que o que está faltando para os indígenas e não-indígenas é somente colocar em prática os conhecimentos existentes relativos aos cuidados acerca do meio ambiente, de maneira que todos assumam verdadeiramente uma postura ambiental, voltada para a promoção da vida.

A investigação dos hábitos, dos costumes, da cultura, do ambiente, da alimentação e da produção e comercialização de alimentos dos indígenas na comunidade estudada, indica que o processo de desenvolvimento, por mais lento que seja, é uma realidade, contudo, deve ser buscado em conjunto com a preservação do meio ambiente, em prol das gerações presentes e futuras.

Verifica-se a presença da cultura e hábitos dos não-indígenas na vida diária da comunidade. É preciso repensar ações, valores, sensibilizar e, por fim, chegar a mudanças de comportamento ao tornar-se consciente do que é necessário estar se

fazendo para melhorar a qualidade de vida. Tudo isto depende das percepções que se tem sobre o ambiente.

Quanto a identificação dos aspectos relacionados à sensibilização e à conscientização existente na cultura tradicional indígena Malacacheta, é importante destacar na pesquisa desenvolvida que os problemas diagnosticados foram verificados como vinculados ou não às questões de percepção dos grupos de pessoas pesquisadas, o que enfatiza a importância de uma análise diferenciada e direcionada às necessidades identificadas em cada grupo, fato que poderá colaborar para a prevenção de problemas futuros.

É importante que fique claro a constatação de mudanças significativas nos hábitos e costumes da comunidade, sobretudo, da sua população mais jovem. Os adultos e pessoas de mais idade têm consciência das novas necessidades de consumo criadas no universo desses jovens e apontam a proximidade com a cidade de Boa Vista como fator predominante que interfere nessa questão.

## RECOMENDAÇÕES

Entende-se o quanto é necessário que todos compreendam a necessidade de usar os recursos naturais de maneira sustentável para garantia da vida. Os resultados obtidos permitem que se façam algumas recomendações com o intuito de favorecer a continuidade desta pesquisa, bem como, acelerar tomadas de decisões junto a comunidade Indígena alvo da pesquisa realizada. A seguir são apresentados os principais tópicos que constitui as recomendações:

- a) processos colaborativos no sentido de possibilitar momentos para esclarecimentos e vivências dialógicas e dialéticas sobre as questões abordadas na pesquisa e seus resultados. O desenvolvimento de campanhas educativas e debates com a participação dos moradores é uma excelente alternativa de trabalho nesse sentido.
- b) discussão sobre o uso racional e sustentável dos recursos naturais, revendo as estratégias usadas atualmente, bem como meios mitigadores;
- c) revisão dos métodos atuais em relação ao destino dos resíduos sólidos e de efluentes, devido ao impacto no solo e no lençol freático;
- d) desenvolvimento de ações com as crianças, adolescentes e jovens no sentido de assumirem comportamentos, hábitos e atitudes favoráveis ao ambiente sadio e equilibrado;

- e) a apropriação de informações esclarecedoras através da educação formal pode propiciar a mudança de atitudes relacionadas a valores, principalmente de respeito à vida;
- f) os cuidados com o ambiente podem começar com ações educativas na sala de aula, que saem para casa, podendo chegar a um movimento público significativo de sensibilização em favor do ambiente;

Finalizando, através do uso dos princípios da Educação Ambiental é possível fazer com que as pessoas percebam a necessidade de tomarem certos cuidados para com o ambiente em que vivem, buscando de forma mais consciente e em conjunto, soluções viáveis para os problemas encontrados.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Augusto Pérez. **Da Paisaxe como Escenario à Paisaxe como Recurso. Interea Visual. Ambiente e Cultural.** Deputacion da Coruna. Vol. 05. p. 26 Ano 2005. Depósito legal: C-2589/02/ISSN: 1885-2882.

ALMEIDA, J.P. **Ciência e Meio Ambiente: a interdisciplinaridade na constituição do pensamento ecológico** (ensaio). Revista da História Regional, 2(2): 187-200.1997. UEL, Londrina, PR.

ANGÊLO, F. N. P. de. A Educação e a Diversidade Cultural, in: CADERNOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA. **Projeto de Formação de professores Indígenas.** 3º. Grau Indígena, no. 1, v.1, 2002. Barra do Bugres, MT.

BALBACH Alfons, BOARIM Daniel S. F. **As frutas na medicina natural.** 2ª ed. rev., atual. e condens., Itaquacetuba, SP: Editora Missionária, 1992.

BALBACH Alfons. **As plantas curam.** 1ª ed. rev., atual. e condens., Itaquacetuba, SP: Editora Missionária, 1993.

BRASIL Ana Maria, SANTOS Fátima; pesquisa Leyla K. Simão. Equilíbrio Ambiental e Resíduos na Sociedade Moderna – 3. Ed. – São Paulo: FAARTE Editora 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e Ministério do Meio Ambiente. Encontros e Caminhos: formação de Educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. V.2, Brasília(DF), 2007.

CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Povos Indígenas no Brasil 1987/88/89/90. in: *Aconteceu Especial*, 1991.

CIRINO, Carlos Alberto Marinho. **A “Boa Nova” na Língua Indígena. Contornos da Evangelização dos Wapichanas no Século XX** – Boa Vista: Editora da UFRR, 2009.

\_\_\_\_\_, Carlos Alberto Marinho. Diagnóstico Etnoambiental da Terra Indígena Malacacheta. Boa Vista, UFRR, 2007.

CORTES, I.C. Subsídios para a formação de educadores ambientais informais envolvidos na exploração de argila nas margens do Rio Branco, no município do Cantá/RR e a Educação para o Desenvolvimento Sustentável-EDS. Dissertação de Mestrado, 2010. ULBRA, PPGECIM, Canoas, RS.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais; tradução de Viviane Ribeiro.** 2ª edição. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). História dos índios no Brasil. Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo. 2008.

DIOCESE DE RORAIMA. **Índios de Roraima: Macuxi, Taurepang, Ingarikó, Wapixana**. CIRD, Coleção Histórico- antropológica, v. 1, 1989, 106 p, Boa Vista, RR.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília, DF, 2ª. Ed, Líber livro Editora, 2005.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Lisboa: Livros do Brasil, 2003.

FREITAS, Luiz Aimberê Soares de. **Estudos Sociais de Roraima – Geografia e História**. 1ª Edição, Corprint Gráfica e Editora Ltda, São Paulo, 1998.

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educar pela Pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências**. Editora UNIJUÍ, 2003, Ijuí, RS.

GAMBOA, Silvio Sanches. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. Editora Argos, 2007, Chapecó, SC.

GREG, José Rio. Contribuições Indígenas ao Brasil: lendas e tradições, usos e costumes, fauna e flora, língua, raízes, toponímia, vocabulário. Volume 3. União Brasileira de Educação e Ensino, Belo Horizonte, 1980.

**Guia de Medicina Vegetal. Fitoterapia-Homeoterapia**. Laboratórios Klein, Porto Alegre, RS, 1988.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (org). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. 3 ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 2000.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Papirus, Campinas, SP. Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico. 1995.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Ed Paz e Terra, Coleção Pensamento Crítico; V.55; 2002, Rio de Janeiro, 3ª edição.

JACOBI, P.R. **O desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo**. Tese de Doutorado in Educação Ambiental Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005. Universidade de São Paulo.

LEFF, Henrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Editora Vozes, 6ª edição, 2008, Petrópolis, RJ.

LOPES DA SILVA, Aracy & GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (orgs.). A temática indígena na escola - Novos subsídios para professores de 1 - e 2' graus. Brasília, MEC/Mari/Unesco, 1995.

LUNGARZO, Carlos. **O que é Ciência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

MACEDO et al, **Pesquisas de Percepção Ambiental para o Entendimento e Direcionamento da Conduta Eco turística em Unidades de Conservação**. 2000. Acesso em 22.04.2009.

MAIA, Vitor. **História do Meio Ambiente**. Anais do Congresso Internacional de Educação e Formação sobre o Meio Ambiente. Moscovo. 1987. Acesso em 19.04.2009.

MARQUES, A.L. **Construindo e discutindo o diagnóstico sobre a realidade da Educação Ambiental nos municípios da região Sul do Estado de Roraima: proposição de um Programa Interinstitucional**. Dissertação de Mestrado, 2006. ULBRA, PPGECIM, Canoas, RS.

MATAREZI, J. e MÁXIMO, M. **Educação Ambiental, o Conceito de Meio Ambiente e a nossa Visão de Mundo**. Anais do Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental. Erechim (RS). URI, 14 a 18 de agosto de 2000.

Maxim Repetto (org), **Propostas educativas em cidadania intercultural**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil**. Edusp. Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo. EPU. 4ª reimpressão, 2009.

OAIGEN, E.R. e MARTINS, A.L.F. **Construindo Indicadores para a Educação Ambiental Formal e Informal: Estudo de Casos de Perícias Ambientais Realizados no RS de 1998 a 2002**. publicado em 2002, ENIPE, São Paulo.

PHILIPPI Jr, A. e PELICIONI, M.C.F. **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Reimpressão, EDUSP, Barueri, São Paulo, 2009.

PILETTI, Cláudio e Nelson. **História e Vida. Da Origem da Humanidade à Idade Média**. Editora Ática, Vol. 3, 25ª edição, 2002, São Paulo, SP.

RANGEL, Mary. **Representações e Reflexões sobre o Bom Professor**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1994.

Revista do NUHSA / Universidade Federal de Roraima, Núcleo Histórico Sócio ambiental – v.1, n.1. Boa Vista/RR: Editora da UFRR, NUHSA, 2007.

Revista do NUHSA / Universidade Federal de Roraima, Núcleo Histórico Sócio ambiental – v.1, n.2. Boa Vista/RR: Editora da UFRR, NUHSA, 2008.

SANTOS, N. P. D. *et al.* **Amazônia: espaço, cultura e visões de mundo**. Boa Vista, Ed. UFRR, 1ª. L., 2009.

SARMENTO, E.F. **Meio ambiente: análise da prática docente na Escola Estadual Indígena de Araçá-Amajari/RR**. Dissertação de Mestrado. ULBRA, PPGEICIM, 2010, Canoas, RS.

SAUVÉ L. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: uma análise complexa 1**. Página 1. Acesso, 20/10/2010.

SOUZA, M. J. L. de. **O território: sobre espaço e poder e desenvolvimento**. In: SONH, M.C.D.M, A distribuição demográfica da população indígena no Brasil: mudanças, conflitos e territorialidade. VI Encontro Nacional sobre Migrações- ABEP. Rio de Janeiro, 2009.

SONH, M.C.D.M. **A distribuição demográfica da população indígena no Brasil: mudanças, conflitos e territorialidade**. VI Encontro Nacional sobre Migrações- ABEP. Rio de Janeiro, 2009.

TEIXEIRA, R. **As línguas indígenas no Brasil**. In: SILVA, Aracy Lopes e

TRISTÃO, M. **Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido** in Educação e Pesquisa, v. 31, n. 2, São Paulo, 2005.

VELOSO, M.S.S.O. **Diagnóstico e concepções relacionadas à Educação para o Desenvolvimento Sustentável presentes nas ações ambientais desenvolvidas em Boa Vista/RR**. Dissertação de Mestrado, ULBRA, PPGEICIM, 2009, Canoas, RS.

WATANABE, S. AT et al. **Glossário de Ecologia**. 1ª ed. Academia de Ciências de SP, CNPq, FAPESP. São Paulo, 1987.

[www.googleacademico.artigo:historiadomeioambienteanaaisdocongressointernacionaldeeducaçãoeformaçãosobreomeioambiente.moscovo.1987.vitormaia.acessoem19.04.09](http://www.googleacademico.artigo:historiadomeioambienteanaaisdocongressointernacionaldeeducaçãoeformaçãosobreomeioambiente.moscovo.1987.vitormaia.acessoem19.04.09).

[www.googleacademico.artigo:pesquisasdepercepçãambientalparaoentendimentoedirecionamentodacondutaecoturísticaemunidadesdeconservação.macedoetal.acessoem22.04.09](http://www.googleacademico.artigo:pesquisasdepercepçãambientalparaoentendimentoedirecionamentodacondutaecoturísticaemunidadesdeconservação.macedoetal.acessoem22.04.09).

[www.ufmt.br/revista/arquivo/rev10/educaçã\\_ambiental\\_e\\_desenvolvim.html](http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev10/educaçã_ambiental_e_desenvolvim.html).

## APÊNDICES

**APÊNDICE A**

**Instrumento de Coleta de Dados 01/09 – MATRIZ ANALÍTICA – Referente ao objetivo a**

**ICD 01/09- Matriz analítica dos registros bibliográficos existentes sobre a Comunidade Indígena da Malacacheta, de etnia wapichana.**

FONTES BIBLIOGRÁFICAS ANALISADAS	INDICADORES INVESTIGADOS						
	HÁBITOS	COSTUMES	CULTURA	AMBIENTE	ALIMENTAÇÃO	PRODUÇÃO PRIMÁRIA	COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS
Fonte 1: Livro A “BOA NOVA” NA LÍNGUA INDÍGENA							
Fonte 2: Livro NUHSA Revista do Núcleo Histórico Socioambiental – Volume 1 Número 1.							
Fonte 3: Livro NUHSA Revista do Núcleo Histórico Socioambiental – Volume 1 Número 2.							

## **APÊNDICE B**

**Instrumento de Coleta de Dados 02/09 – Entrevista – referente ao objetivo b**

**1. SIGNIFICADO DE AMBIENTE: preservação, uso e recuperação.**

**2. DESTINO FINAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS.**

**3. DESTINO FINAL DOS EFLUENTES.**

**4. APROVEITAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS: alimentação e medicina**

**APÊNDICE C**

**ICD 03/ 09 - DIÁRIO DE BORDO OU CADERNETA DE CAMPO – Indígena –  
Referente ao objetivo c**

<b>No.</b>	<b>INDICADORES</b>	<b>OBSERVAÇÕES E REGISTROS</b>
<b>01</b>	<b>HÁBITOS</b>	
<b>02</b>	<b>COSTUMES</b>	
<b>03</b>	<b>CULTURA</b>	
<b>04</b>	<b>AMBIENTE</b>	
<b>05</b>	<b>ALIMENTAÇÃO</b>	
<b>06</b>	<b>PRODUÇÃO PRIMÁRIA</b>	
<b>07</b>	<b>COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS</b>	

**APÊNDICE D**

**ICD 04/ 0 9 - DIÁRIO DE BORDO OU CADERNETA DE CAMPO - Não indígena –  
Referente ao objetivo d**

<b>No.</b>	<b>INDICADORES</b>	<b>OBSERVAÇÕES E REGISTROS</b>
<b>01</b>	<b>HÁBITOS</b>	
<b>02</b>	<b>COSTUMES</b>	
<b>03</b>	<b>CULTURA</b>	
<b>04</b>	<b>AMBIENTE</b>	
<b>05</b>	<b>ALIMENTAÇÃO</b>	
<b>06</b>	<b>PRODUÇÃO PRIMÁRIA</b>	
<b>07</b>	<b>COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS</b>	

**APÊNDICE E**  
**Fotos e Filmagens**

**APÊNDICE F****ICD 06/09 - MATRIZ ANALÍTICA COMPARATIVA**

No.	INDICADORES	OBSERVAÇÕES E REGISTROS	
		INDIGENAS	NÃO- INDIGENAS
01	HÁBITOS		
02	COSTUMES		
03	CULTURA		
04	AMBIENTE		
05	ALIMENTAÇÃO		
06	PRODUÇÃO PRIMÁRIA		
07	COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS		

**APÊNDICE G****ICD 07/09 ANÁLISE DOS REGISTROS COMPARATIVOS DA MATRIZ ANALÍTICA**

<b>HÁBITOS</b>	
<b>COSTUMES</b>	
<b>CULTURA</b>	
<b>AMBIENTE</b>	
<b>ALIMENTAÇÃO</b>	
<b>PRODUÇÃO PRIMÁRIA</b>	
<b>COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS</b>	

**APÊNDICE H**

**UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL - ULBRA**  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE  
CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**CANOAS, RS, 03 DE NOVEMBRO DE 2009.**

**APRESENTAÇÃO**

A PORTADORA DESTA, *PROFa. KEILA CINARA TOMÉ BARROS* É ALUNA DO PPGECIM DA ULBRA- CAMPUS CANOAS/RS, QUE SOB MINHA ORIENTAÇÃO, DESENVOLVE SUA DISSERTAÇÃO SOBRE A TEMÁTICA *AS PERCEPÇÕES SOBRE O AMBIENTE NA COMUNIDADE INDIGENA MALACACHETA: REALIDADE E PERSPECTIVAS DIANTE DA PRESENÇA DOS NÃO-INDÍGENAS*. SOLICITO QUE A MESTRANDA SEJA RECEBIDA POR V.Sa. O MOTIVO DESTA SOLICITAÇÃO É QUE A MESMA CONSIGA AS INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS PARA O CUMPRIMENTO DA FASE DE COLETA DE DADOS VINCULADOS AO SEU TRABALHO INVESTIGATIVO, QUE DARÁ SUBSÍDIOS PARA SUA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. CONTANDO COM VOSSA HABITUAL ATENÇÃO E COM ENTENDIMENTO DA IMPORTÂNCIA DA PESQUISA PARA A EDUCAÇÃO NO ESTADO DE RORAIMA, SUBSCREVO. ATENCIOSAMENTE,

**CANOAS, RS, 03 DE NOVEMBRO DE 2009.**

**PROF. DR. EDSON ROBERTO OAIGEN**

**ORIENTADOR**

## APÊNDICE I

**XXVII – ASSEMBLÉIA REGIONAL DA REGIÃO SERRA DA LUA  
COMUNIDADE INDÍGENA MALACACHETA  
MUNICÍPIO DE CANTÁ - RR.**

### AUTORIZAÇÃO

Nós, lideranças Indígenas do povo Wapichana, reunidos na **XXVII - ASSEMBLÉIA REGIONAL DA REGIÃO SERRA DA LUA** que ocorreu no período de 26 a 29 de novembro de 2009, para tratar de assuntos que reivindicam e deliberam interesses do povo Wapichana, decidimos:

Autorizar a Senhora **KEILA CINARA TOMÉ BARROS** a fazer o seu trabalho científico com o tema: **AS PERCEPÇÕES SOBRE O AMBIENTE NA COMUNIDADE INDÍGENA MALACACHETA: Realidade e perspectivas diante da presença dos não-Indígenas**. Sendo de sua inteira responsabilidade o respeito e resguardo dos dados e informações pertinentes aos direitos de cada cidadão Wapichana desta Comunidade.

Afirmando ainda o seu compromisso de ao concluir este trabalho acadêmico nos entregar cópia de todo o material publicado para que faça parte da biblioteca da Escola de nossa Comunidade.

Por a presente ser a expressão de verdade datamos e assinamos.

Comunidade Indígena Malacacheta, 27 de Novembro de 2009.

  
**Simeão Messias**  
COORD. REGIONAL DOS TUXAUAS  
SERRA DA LUIA

COORDENADOR REGIONAL DE LIDERANÇAS INDÍGENAS

SIMEÃO MESSIAS

  
**Erlangio Rodrigues Messias**  
Presidente da Comunidade  
Indígena Malacacheta

TUXAUA DA COMUNIDADE INDÍGENA MALACACHETA

ERLANGIO RODRIGUES MESSIAS

## APÊNDICE J



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA**  
 Fundação Nacional de Índio - FUNAI  
 Administração Executiva Regional de Boa Vista - RR

### **CENSO POPULACIONAL DAS COMUNIDADES INDÍGENAS DA SERRA DA LUA - 2009** **POSTO INDÍGENA SERRA DA LUA**

COMUNIDADE	TOTAL DE FAMILIAS	POPULAÇÃO	NÃO-ÍNDIO	ETNIA	
				WAPICHANA	MACUXI
Manoá	171	883	02	x	x
Cumaru	40	200			x
São João	16	90			x
Pium	96	465		x	
Cachoeirinha do Sapo	08	42	01	x	
Alto Arraia	48	296	03	X	
Jabuti	60	326		X	
Bom Jesus	12	52		X	
<b>TOTAL DO PÓLO BASE MANOÁ</b>	<b>451</b>	<b>2.354</b>			
Malacacheta	198	911	07	X	x
Canauanim	158	819	03	x	X
Taba Lascada	100	523		X	x
Moscou	75	373		X	
São Domingos	14	105		X	
Murirú	22	131	01	X	
<b>TOTAL DO PÓLO BASE MALACACHETA</b>	<b>565</b>	<b>2.862</b>			
Jacamim	119	641		X	
Marupá	53	386		X	
Wapum	28	163		X	
Água Boa	19	107		X	
<b>TOTAL DO PÓLO BASE JACAMIM</b>	<b>219</b>	<b>1.297</b>			
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>1.235</b>	<b>6.513</b>			

Posto Indígena Serra da Lua, 18 de dezembro de 2009.

  
**JÂNIO CHIDA E SILVA**  
 Chefe PIN Serra da Lua  
 Port. PRES N° 296/07